

A VILA IMPERIAL DE POTOSI

NA CRÔNICA DE BARTOLOMÉ ARZÁNS DE ORSÚA Y VELA

Cleber Cristiano Prodanov

A VILA IMPERIAL DE POTOSI

NA CRÔNICA DE BARTOLOMÉ ARZÁNS DE ORSÚA Y VELA

Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo -ASPEUR
Universidade Feevale

A VILA IMPERIAL DE POTOSI

NA CRÔNICA DE BARTOLOMÉ ARZÁNS DE ORSÚA Y VELA

Cleber Cristiano Prodanov



Novo Hamburgo - Rio Grande do Sul - Brasil

2022

PRESIDENTE DA ASPEUR

Marcelo Clark Alves

REITOR DA UNIVERSIDADE FEEVALE

Cleber Cristiano Prodanov

PRÓ-REITORA DE ENSINO

Angelita Renck Gerhardt

**PRÓ-REITOR DE PESQUISA,
PÓS-GRADUAÇÃO E EXTENSÃO**

Fernando Rosado Spilki

EDITORA FEEVALE

Mauricio Barth (Coordenação)

Tiago de Souza Bergenthal (Revisão textual)

Tífani Müller Schons (Design editorial)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

Universidade Feevale, RS, Brasil

Bibliotecária responsável: Verônica Augusta da Silva – CRB 10/2549

Prodanov, Cleber Cristiano

A Vila Imperial de Potosi [recurso eletrônico] : na crônica de Bartolomé Arzáns de Orsúa y Vela / Cleber Cristiano Prodanov. – Novo Hamburgo, RS: Universidade Feevale, 2022.

Dados eletrônicos (1 arquivo : 6 megabytes)

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: www.feevale.br/editora

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-86341-11-9

1. Desenvolvimento econômico. 2. Mineração de prata. 3. História de Potosi. 4. Orsúa y Vela. I. Título.

CDU 338.1(091)(85)

© **Editora Feevale** - TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos do autor (Lei n.º 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Universidade Feevale

Câmpus I: Av. Dr. Maurício Cardoso, 510 - CEP 93510-235 - B. Hamburgo Velho - Novo Hamburgo/RS

Câmpus II: ERS 239, 2755 - CEP 93525-075 - B. Vila Nova - Novo Hamburgo/RS

Câmpus III: Av. Edgar Hoffmeister, 500 - CEP 93700-000 - Zona Industrial Norte - Campo Bom/RS Homepage: www.feevale.br

AGRADECIMENTOS

Agradeço à **CAPES** pela bolsa de mestrado que me concedeu no período de 1989 a 1991, sem a qual este trabalho se inviabilizaria.

Agradeço à banca examinadora, prof. Dr. **Werner Altmann**, pelo seu incentivo, e à prof^a. Dr^a. **Maria Helena Rolim Capelato**, pela amizade, compreensão e ajuda.

Gostaria de agradecer, também, à prof^a. Dr^a. **Laura de Mello e Souza** pelo apoio e indicações preciosas no trabalho com a documentação. Aos amigos **Henrique Vailati Neto**, cujo apoio foi importante e a amizade é um incentivo, e **Sérgio Bairon Blanco Sant'Anna** pelas portas abertas e pelas discussões edificantes.

Meu reconhecimento especial à prof^a. Dr^a. **Janice Theodoro da Silva**, minha orientadora.

O meu reconhecimento aos meus pais, parentes e amigos, que me suportaram durante este período, emprestando seu apoio e ajuda das mais diferentes formas.

Meu agradecimento especial à **Claudia Schemes**, minha esposa, leitora incansável, companheira intelectual inseparável, amiga e incentivadora em todos os momentos de nossa vida cotidiana. À ela, meu reconhecimento e minha inspiração.

Para Laura e Sofia.

INTRODUÇÃO	09
1. A Crônica de Orsúa y Vela	13
1.1 Considerações Iniciais	13
1.2 O Cronista	15
1.3 A Obra	21
1.4 Os Temas da Pesquisa	25
2. As Minas e o Cerro de Potosi	27
2.1 Considerações Iniciais	27
2.2 O Descobrimento Espanhol	28
2.3 A Povoação e as Minas	35
2.4 O Crescimento Urbano e Populacional	40
2.5 O Centro Minerador	44
2.6 A Cidade Imperial	46
3. A Retirada da Riqueza	50
3.1 Cadinho da América	50
3.2 O Início da Exploração	51
3.3 O Refino pelo Amálgama	54
3.4 A Administração do Vice-Rei Toledo	61
3.5 A Organização de Huancavelica	71
4. A Produção de Prata	77
4.1 Um Balanço Inicial	77
4.2 O Caminho dos Cronistas	78

4.3 As Controvérsias quanto à Prata Extraída	84
4.4 A Prata e a Dívida Espanhola	93
5. Formas de Representação na Obra de Orsúa y Vela	100
5.1 Retórica e Imagem	100
5.2 O Transplante Cultural	103
5.3 Experiência Européia, Realidade Americana	106
5.4 A Ação Demoníaca e o Castigo de Deus	111
5.5 Vícios e Virtudes	118
 CONCLUSÃO	 132
 ANEXOS	 135
Relação dos vice-reis do Peru no período de 1544 a 1745	135
Relação dos Governadores de Potosi no período de 1545 a 1738	139
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	 148
Bibliografia Específica	148
Bibliografia Geral	155
 DOCUMENTOS ICONOGRÁFICOS	 169

INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem o objetivo de estudar a trajetória da Vida Imperial de Potosí, através da obra do cronista peruano **Bartolomé Arzáns de Orsúa y Vela** no período de 1545 a 1680.

O período da segunda metade do século XVI ao final do século XVII representou para a América, além da conquista e implantação do projeto colonial ibérico, o nascimento, apogeu e declínio da atividade mineradora no vice-reino do Peru.

O ciclo de extração de prata, razão do nascimento e expansão da vila potosina, representa um momento privilegiado para o estudo de sociedades mineradoras.

Vale a pena ressaltar que sobre esta localidade andina existe uma interessante documentação, como a obra do cronista Orsúa y Vela, **História de la Vila Imperial de Potosí** (Rhode Island, Brown University Press, 1965.3v), escrita durante o declínio econômico da Vila.

Em nosso primeiro capítulo, introduziremos uma análise do trabalho do Orsúa y Vela, enriquecendo-o com informações acerca de sua vida, sua formação, sua herança como cronista americano, além de analisarmos alguns autores que o antecederam e que foram decisivos na construção de seu texto.

Além da crítica externa, trataremos de aspectos específicos de sua obra, fazendo uma análise interna, verificando a sua divisão, seus temas, sua organização, suas fontes e mesmo o seu estilo, enfim, o processo de estruturação do documento. Estes escritos percorreram caminhos tortuosos. Finalmente, apresentaremos os temas arrolados pelo autor e procuraremos justificar a escolha de

alguns deles para a nossa análise, detalhando os motivos que justificaram nossa seleção.

No segundo capítulo trataremos do tema que tornou Potosi mais conhecida, falaremos de suas minas e de seu cerro. Analisaremos, também, questões que envolvem uma série de lendas relatadas pelo autor sobre a descoberta dos veios de prata em 1545. Em seguida, analisaremos a formação da urbe potosina, as formas de ocupação do espaço físico e a fixação da população Espanhola nesta vila isolada nos Andes, a qual tornou-se o centro econômico do Império espanhol ao longo do século XVII.

O terceiro capítulo tratará especificamente da retirada de riqueza ocorrida em Potosi a partir de 1545. Procuraremos, neste capítulo, analisar como se processou a exploração da prata, quais as técnicas envolvidas na extração e no refino do metal e como se organizou a mão-de-obra responsável pela atividade mineradora.

Além desses pontos diretamente ligados à exploração, procuraremos retratar a influência dos administradores espanhóis, especialmente o vice-rei Dom Francisco de Toledo, e como este burocrata desenvolveu a vida econômica de Potosi e garantiu o definitivo controle espanhol sobre o império Inca.

Também mostraremos brevemente como se organizaram algumas áreas complementares à economia potosina, especialmente as minas de mercúrio de Huancavelina, responsáveis pelo florescimento produtivo de Potosi ao final do século XVI.

No quarto capítulo faremos um balanço da produção de prata em Potosi. Analisaremos vários cronistas que desenvolveram a produção de prata potosina, levados pela inconstância dos dados até então oferecidos, traçando um paralelo com o trabalho de Orsúa y Vela. Ao mesmo tempo, esclareceremos este tópico tão enigmático, que são os dados sobre a prata produzida pelos veios de Potosi ao longo dos séculos XVI, XVII e XVIII, cujas informações nem sempre se equivaleram.

Em seguida, neste quarto capítulo, trataremos das controvérsias existentes sobre a produção argentífera. A partir desses dados, elaboramos uma pequena reflexão sobre a relação entre a quantidade de riqueza produzida por Potosi e o concomitante crescimento da dívida espanhola e o aumento dos preços na Europa.

No quinto e último capítulo, sustentados em parte pelas análises

realizadas nos capítulos anteriores, estudaremos as formas de representação na sociedade potosina presentes na obra de Orsúa y Vela.

As fabulosas quantidades de prata que foram extraídas durante décadas das minas de Potosi alimentaram as expectativas fantasiosas sobre a América, além de serem responsáveis por transformações na economia européia.

Nesse sentido, além de focar os aspectos econômicos e produtivos das minas de prata potosinas, compreendemos a conquista e colonização americana, em especial o Peru e Potosi, como um fato ligado à expansão do projeto cultural ibérico.

Salientamos, ao longo deste trabalho, que as práticas econômicas adotadas em Potosi não são frutos apenas da aplicação de uma política metropolitana, e que seus desdobramentos na sociedade potosina revelam a presença, acima de tudo, de um imaginário cultural marcadamente contra-reformista.

Nem sempre essa comunicação entre Potosi e a metrópole ibérica ocorreu apenas através de laços econômicos; o transplante cultural reafirmou influências onde elementos como a religiosidade, as expectativas e as ansiedades da coletividade aparecem evidenciadas, tanto na Europa, quando no Potosi peruano.

Essas ligações entre o mundo americano e o europeu podem ser observadas com muito detalhe na obra de Orsúa y Vela. Nela a influência das crenças populares pagãs e indígenas, além da religiosidade cristã, acabam se fundindo, povoando a mente de seus homens e, especialmente, de seus escritores.

O nosso trabalho, ao centrar-se em um documento básico e fazer dele o principal elemento de nossa dissertação, procura criar um estudo original e crítico, onde os fragmentos históricos vão recompondo um cenário de época tornando possível compreender a significação de determinadas passagens históricas nem sempre estudadas.

A análise de documentos como o de Orsúa y Vela, que evidentemente possui aspectos subjetivos ligados à memória do autor, coexiste com idéias típicas da coletividade potosina, enriquecendo a interpretação documental e aproximando o discurso da veracidade ao imaginário do autor.

Como disse Jacques Le Goff,

Um documento nunca é o simples resultado de uma situação histórica dada. Ele é o produto orientado de uma situação. O que então é preciso analisar são as condições nas quais tal documento foi produzido e não só de que ambiente sai ou do que literalmente nos fala. (Le Goff, 1986, p.86)

Ou ainda,

Tal documento [...] está ligado a um caráter de toda a sociedade, quer dizer, a tentativa consciente de procurar hipotecar o futuro. (Ibid, p.81)

Estes serão os pressupostos que irão nortear este trabalho.

1. A CRÔNICA DE ORSÚA Y VELA

O homem não é apenas fruto da história e das
forças que a movimentam, como se pretende agora;
Nem a história é o resultado apenas da vontade
humana. O homem, parece-me, não
está na história; É história.

Octávio Paz

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Antes de partirmos para a análise da obra de Orsúa y Vela, caberiam algumas considerações sobre este autor desconhecido dos meios acadêmicos em geral. Bartolomé Arzáns de Orsúa y Vela é, na verdade, um cronista que tem seu trabalho cercado de ineditismo nas pesquisas de histórias da América colonial realizadas, principalmente no Brasil.

As poucas referências que encontramos em seu trabalho são fragmentos reduzidíssimos em trabalhos genéricos, como o de Eduardo Galeano¹, ou em publicações limitadas, fruto de colóquios ou seminários internacionais, como o dirigido por José Maria Díez Borque². No mais são extremamente raras, para não dizer inexistentes, as referências ao texto desse cronista americano do século XVII/XVIII.

Os caminhos que nos levaram a este documento inédito³ foram incrivelmente facilitados pelo trabalho e pesquisa da professora Janice Theodoro da Silva, que nos introduziu na leitura desse

¹ GALEANO, Eduardo. *As Abertas da América Latina*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

² BORQUE, José Maria Díez (org). *Teatro y Fiesta en el Barroco*. Sevilla, Serbal, 1986.

³ ORSÚA y Vela, Bartolomé Arzáns de. *História de la Vila Imperial de Potosí*. Rhode Island, Brown University Press, 1965.3v.

importante capítulo da história americana.

O desconhecimento existente sobre o cronista Orsúa y Vela e seu trabalho nos levou a dedicar uma parte significativa dessa dissertação a apresentá-lo, já que suas crônicas têm despertado um grande interesse nas pessoas que entraram em contato com seu complexo e volumoso trabalho.

Entretanto, mesmo nos esforçando para apresentar este cronista peruano, nosso trabalho sofreu com a falta de informações, de certo modo um mal próprio daqueles títulos e autores desconhecidos das grandes análises históricas, como em parte também aconteceu com o moleiro friulano pesquisado por Carlo Ginzburg, chamado *menocchio*⁴.

Por isso, a composição de um trabalho sobre o cronista e a sua obra, além das dificuldades normais que uma pesquisa histórica demandaria, esbarrou na quase total inexistência de registros sobre Bartolomé Arzáns de Orsúa y Vela.

Como veremos ao longo desse capítulo, a falta de registros se soma à carência de pesquisas sobre os cronistas que descreveram a América e, sobretudo, o Peru. O único trabalho disponível que trata desse autor é o apêndice da edição da obra de Orsúa y Vela, que foi escrito pelos historiadores Lewis Hanke e Gunnar Mendoza e incorporado à edição da Brown University de 1965. Estudo este que foi minuciosamente realizado e teve todas as suas referências verificadas, a fim de possibilitar uma informação mais precisa sobre o trabalho desse cronista.

Sem essa parte e algumas indicações internas do próprio texto do autor seria praticamente impossível recuperar informações nos dispersos arquivos bolivianos, o que representaria um trabalho de grande envergadura e inviável nas presentes condições.

Entretanto, dentro das possibilidades atuais de nossa pesquisa, apresentamos algumas informações sobre o texto que nos serviu de documento principal na compreensão de parte da história da Vila Imperial de Potosi.

⁴ Estamos nos referindo a Domenico Scandella, conhecido por Menocchio. Veja-se; GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. São Paulo. CIA das Letras, 1987.

1.2 O CRONISTA

Como já dissemos, a base documental de nosso trabalho são as crônicas⁵ do peruano Bartolomé Arzáns de Orsúa y Vela, que escreveu sobre uma das mais importantes minas de prata do continente localizada no altiplano andino.

A crônica de Orsúa y Vela foi o resultado de aproximadamente trinta anos de trabalho de um obstinado cidadão potosino (1700-1732) que procurou descrever a trajetória de sua vila natal.

O trabalho deste cronista é a continuidade de uma grande tradição que a historiografia hispano-americana havia fundado em 1492. Colombo foi o grande iniciador do hábito de escrever sobre a América, fazendo com que muitos outros passassem a registrar sua história.

Ao conquistar e catequizar o Novo Mundo, os espanhóis juntaram materiais que compuseram muitas histórias. A medida em que a conquista se sucedia, a coroa estimulava seus súditos a informar sobre os assuntos do ultramar, incentivando a escritura de crônicas e outros relatos que pudessem transformar o imenso continente desconhecido em um mundo inteligível pela Europa.

No caso peruano, em particular Potosi, mesmo com o interesse da coroa espanhola, os primeiros anos após o seu descobrimento, em 1545, foram empenhados em uma exploração frenética dos magníficos depósitos argentíferos, não havendo quem se dedicasse a escrever sua história, já que as forças produtivas,

⁵ A classificação do trabalho de Orsúa y Vela como uma crônica provém do andamento dado pelo autor aos acontecimentos descritos, que obedecem a uma ordem cronológica, ora apontando para os Anais, ora para a História. Porém, no período em que foi escrita, estava longe do apogeu atingido pelas crônicas, observando na Europa por volta do século XII. Entretanto, as modificações ocorridas na literatura, após o Renascimento, parecem ter sido suficientes para influenciar Orsúa y Vela a acompanhar o movimento de aproximação da crônica com a história. Observamos, desde então, que muitas crônicas receberam o nome de “História”, como aconteceu também na obra do autor em objeto, embora para o nosso trabalho, o fato de ser “História” ou “Crônica” não provoque uma mudança significativa em sua análise. Veja-se; MOISES, Massaud. *A Criação Literária*. São Paulo, Cultrix, 1987.

emprenharam-se em retirar a prata da montanha que parecia inesgotável aos olhos dos espanhóis⁶.

Somente quando o terceiro vice-rei peruano, Dom Francisco de Toledo (1569-1581), organizou estavelmente a vida do inquieto centro mineiro é que foi possível sistematizar as informações históricas, originando uma grande série de trabalhos que envolvem a trajetória das minas e da vila de Potosi.

Neste contexto, Orsúa y Vela tornou-se o grande compilador e unificador da maioria das crônicas existentes sobre Potosi até a data em que ele se dispôs a escrever sua história, já no final do século XVII, sendo capaz de fornecer uma indicação importante sobre o cotidiano da Vila Imperial.

Orsúa y Vela, embora não tenha sido o primeiro escritor a registrar a história de Potosi, carregou o mérito de unificar os trabalhos existentes, fazendo com que sua obra abrangesse um número maior de temas e de passagens, se comparado com aqueles que o antecederam, como o Padre Joseph de Acosta, Pedro Cieza de León, Luiz Capoche e muitos outros.

Nosso cronista não foi um historiador oficial da Vila ou do reino, mas um cidadão que procurou relatar os “estranhos” e “imensos sucessos” de São Luís do Potosi, um dos locais da América onde a acumulação de riquezas gerada pela extração da prata modificou mais profundamente o cotidiano da população.

A riqueza e a ostentação em Potosi chegaram a extremos de sofisticação, já que se ridicularizavam valores tradicionais da sociedade européia como, por exemplo, quando da inauguração de igrejas e na realização de procissões, os potosinos trocavam as pedras do calçamento por placas de prata e substituíam as ferraduras de ferro dos cavalos por outras feitas deste metal⁷.

⁶ São inexistentes os registros mais apurados e sistemáticos sobre a vida de Potosi ao longo do século XVI. Mesmo a contabilidade da prata extraída e o seu crescimento têm seus registros oficiais muito precários e sem continuidade, o que existem são estimativas feitas no final daquele século. Entretanto, o trabalho de Luis Capoche, incorporado por Orsúa y Vela, é uma das poucas informações sobre a tentativa de sistematização de continuidade, o que existem são estimativas feitas no final daquele século. Entretanto, o trabalho de Luis Capoche, incorporado por Orsúa y Vela, é uma das poucas informações sobre a tentativa de sistematização.

⁷ Galeano, 1987, p.32.

Observamos que a crônica de Orsúa y Vela passa a idéia de à medida que se retirava mais riquezas do cerro de Potosi, se fantasiava de inesgotável, alimentando uma postura pomposa, ornamental e luxuriante da elite potosina.

Provavelmente o cronista se sentiu estimulado a escrever porque, em seu tempo, a vila estava em decadência: a produção de prata havia baixado e a grandeza havia desaparecido. Mesmo diante de um empobrecimento econômico, Orsúa y Vela compôs sua obra de maneira espetacular, utilizando a decadência como um poderoso incentivo para penetrar nas minúcias dos anos memoráveis do século XVI, quando Potosi foi a cidade mais opulenta do Império espanhol.

Era coisa maravilhosa ver os cavalheiros moradores de Potosi competindo uns com os outros, mostrando as riquezas que tinham, que sem dúvida eram as maiores do Peru em luxo, jóias e correntes de ouro com que adornam suas pessoas. (Orsúa y Vela, 1965, I.p.147)

Arzáns era ocasionalmente um narrador, um crítico social e também um moralista. Como cronista colocou, lado a lado, casos históricos e ficcionais, sendo um fidedigno recolhedor de lendas e tradições locais, caracterizando-se como refundidor e reelaborador de uma quantidade muito grande de informações.

Como crítico social, não perdeu a menor oportunidade de introduzir em seu relato a própria versão sobre as pessoas, instituições e acontecimentos. Como moralista tratou, não menos assiduamente, de penetrar no sentido final dos feitos e expressar o ponto de vista do homem americano sobre a vida, a morte, o pecado, o castigo e um infindável rosário de conceitos ligados à formação religiosa típica de um hispano-americano dos séculos XVII e XVIII⁸.

⁸ A presença da Igreja em quase todos os passos da conquista e da colonização da América é uma constante, sendo o Peru uma área de influência direta de Companhia de Jesus. Jesuítas estes, que foram responsáveis pela educação de nosso cronista. Os jesuítas destacaram-se no Peru pela sua ação doutrinadora e também como etnólogos, naturalistas e matemáticos, além de estudiosos dos costumes e da natureza. Talvez o maior exemplo tenha sido o padre Joseph de Acosta.

Um dos primeiros problemas que se coloca na averiguação da vida de Orsúa y Vela é o seu próprio nome. Não sobrevivem documentos pessoais do cronista, nem consta nada sobre sua pessoa nos registros do Cabildo de Potosi⁹.

Através de alguns registros potosinos é possível deduzir que Orsúa y Vela tenha nascido naquela Vila, no ano de 1676, falecendo sessenta anos depois, em 1736, deixando a conclusão de sua obra para seu filho Diego.

Essas datas foram levantadas a partir dos registros paroquiais que apontaram também,

Um Bartolomé Arzáns Dapífer, solteiro, natural desta Vila, filho legítimo de Mateo Anzáns Dapífer e de dona Maria Jordana Castro, se casando em Potosi, em 02 de maio de 1701, com dona Juana de Reina, solteira, natural da cidade de La Plata, filha natural de Dom Alonso de Reina e de dona Maria Santos de Lara. (Chacón, apud Orsúa y Vela, 1965, I.p.xxxiii).

Os mesmos registros paroquiais assinalam a morte do casal e revelam que, ao casarem-se, sua mulher possuía quinze anos mais do que ele, portanto, mais de quarenta anos.

[...] pois em 25 de janeiro de 1736, Bartolomé Orsúa y Vela, de 60 anos, foi enterrado na igreja matriz, como também o foi em 27 de abril de 1741, sua viúva, com a idade de “mais de 80 anos [...]” (Ibid, p.xxxiii)

Outro ponto curioso da vida de Orsúa y Vela são os diferentes nomes que ele assumiu ao longo de sua vida. Ao contrário da afirmativa de Lewis Hanke e Gunnar Mendoza¹⁰, não possuía uma “excentricidade tropical”, mas o texto assumido pelo Autor o apro-

⁹ Essa afirmação é respaldada pelo estudo realizado por Mário Chacón Torres, pesquisador do Instituto de Investigaciones Históricas de Potosi, no qual também se basearam Lewis Hanke e Gunnar Mendoza para comentar a obra de Orsúa y Vela na edição organizada pela Brown University em 1965.

¹⁰ Conforme Lewis Hanke, “A variedade de nomes usados pelo autor e sua família, nos documentos cartoriais, são de uma exuberância tropical.”(Hanke, apud Orsúa y Vela, 1965.p.XXXIII).

ximava, tanto da farsa, quanto do Barroco¹¹, pois neste o nome tinha pouca ou nenhuma importância em relação à coletividade¹².

A lista de nomes assumidos pelo autor é imensa, salientando-se os nomes de Arzáns, Dapífer, Martínez, Orsúa y Vela, Arranz, Arzay, Abranes, Arsiva, etc.

Esse costume de cronista, de assumir vários nomes ao longo de sua existência, pode ser interpretado como uma maneira de escrever anonimamente através da modificação dos nomes, confundindo e evitando represálias de pessoas que se sentissem atacadas pelas crônicas locais¹³.

São muitos os casos, ao longo da história colonial peruana, em que escritores sofrem perseguições, acabando por sentirem o peso da espada de pessoas ofendidas e atacadas por seus escritos. Talvez o caso mais veemente tenha sido o de Augustín de Zárate¹⁴ que, tendo chegado ao Peru durante as guerras civis (1622-1625) e se propondo a escrever uma história peruana, acabou abandonando temporariamente a idéia, pois,

[...] não era prudente escrevê-la, dado que Francisco de Carbajal, o “Demônio dos Andes”, havia prometido matar aquele que escrevesse seus feitos [...] (Zárate, 1891, p.7)

¹¹ A palavra farsa deriva do francês *farse* que, por sua vez, provém do latim *facere*, ou seja, recheiar. A farsa também constitui-se num gênero teatral dramático, comum no final da idade média, normalmente uma pequena peça onde se intercalavam mistérios e paixões, portanto, bastante próximo do tipo de trabalho desenvolvido por Orsúa y Vela.

O Barroco (literário) pode ser entendido como uma sucessão de textos que procuram unir a dialética com o discurso eloqüente e persuasivo. A arte barroca procura atingir as expectativas não alcançadas pelo classicismo, podendo-se pensar numa arte de propaganda. O Barroco pode ser pensado, também, como a expressão de uma época, de um sentimento nacional e de um temperamento muito pessoal, onde o papel do artista fica relativizado.

Veja-se; WOLFELIN, Heirich. *Renascença e Barroco*. São Paulo, Perspectiva, 1989.

¹² Veja-se; HANSEN, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho*. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII. São Paulo, Companhia das Letras/Secretaria de Estado da Cultura, 1989.

¹³ Existe na obra de Orsúa y Vela uma grande quantidade de exemplos que serão tratados a seguir, onde em alguns se demonstra a perseguição a escritores devido à sua agudeza.

¹⁴ ZARATE, Augustín de. *Historia Del Descubrimiento y Conquista Del Perú*. Madrid, Tipógrafo Juan Cayetano, 1891.

Além de Augustin de Zárate, o historiador oficial, Antônio de Herrera, teve de se defender do conde de Punoroastro por uma crítica realizada por um antecessor de Herrera a este nobre espanhol¹⁵.

Esses exemplos talvez tenham levado Orsúa y Vela a se precaver, tratando reservadamente de seu trabalho e utilizando de uma série de codinomes para divulgar algumas de suas opiniões escritas.

Sobre a vida, propriamente dita, de Orsúa y Vela, sua obra reserva pequenas passagens, sendo seus dados pessoais ou indicações familiares extremamente sintéticas.

[...] é verdade que nossos venerados avós adquiriram nesta Vila bens e fortuna, como também tiveram dez filhos (quatro nascidos em Bilbao [...] um na cidade de Toro [...] e dois em Sevilha [...] e três nesta Vila de Potosi. [...] daquilo que foi adquirido em ofícios honoríficos, coube pouca parte a cada um e, assim, foi sofrida a vida e o serviço na casa de meus pais, com que não pude exercitar-me na gramática e na retórica [...] (Orsúa y Vela, 1965.I.p.243)

O pai de Orsúa y Vela, Mateo Arzáns, nasceu em Sevilha, em 1635, chegando a Potosi em 1643, com oito anos de idade. Na história do nosso cronista, ele aparece em uma pequena passagem, uma única vez, onde tropeça em um cadáver dentro de uma igreja¹⁶.

Sua obra também é capaz de revelar alguns outros traços marcantes de sua personalidade, como por exemplo, o tema das mulheres, que o interessou muitíssimo.

Casa-se com uma mulher quinze anos mais velha, entretanto, nas páginas de suas crônicas estão presentes relatos sobre mulheres jovens, belíssimas, ricas, valorosas e mesmo algumas capazes de feitos dos mais cruéis.

O tema feminino parece fascinar o autor, fazendo com que ele atribua às mulheres muitas qualidades más, embora procure retificar certas observações sobre a feminilidade com elogios e observações mas equilibradas.

Se perguntarmos a um filósofo o que é uma mulher, ele nos responde em uma de suas sentenças que é uma fera insaciável, dona de uma solicitude contínua, um naufrágio para os homens; porém, em minha opinião,

¹⁵ Orsúa y Vela, 1965.I.p.XXXIII

¹⁶ Veja-se: Orsúa y Vela, op.cit., p.149.

que não é a de um filósofo, é um animal belíssimo, uma companheira nas penas, um consolo nos perigos, um aumento de felicidade humana, um peso de muito ouro e ministro de terríveis cuidados, entretanto, nada pode negar que existam mulheres boas e más. (Ibid, I.p.449)

O autor escreveu pouca coisa sobre o pai e um pouco mais sobre as mulheres em geral, registrando menos de uma frase para falar de sua esposa, apenas dizendo que era sua “[...] amada mulher e boa companheira”. (Ibid, I.p.282)

Orsúa y Vela foi um autodidata que se negou a receber ajuda para escrever e publicar sua história e, incrivelmente, manteve sigilo de seu trabalho mesmo em uma pequena Vila como Potosí, procurando não despertar curiosidade e ira de seus contemporâneos.

Além de nunca receber ajuda financeira para completar sua obra, não informou nada ao cabildo ou aos corregedores potosinos, realizando seu trabalho durante muitíssimos anos, várias horas por dia, dando a entender que sua vida deveria ser tranqüila, sem maiores problemas financeiros, quem sabe, talvez financiado pela família de sua esposa.

Quando da morte de Orsúa y Vela, coube a seu filho, Diego de Orsúa y Vela, acabar o que seu pai havia iniciado muitos anos antes, longe dos centros culturais mais desenvolvidos da América e da Europa. Após completar essa tarefa que herdou do pai, Diego não se empenhou na publicação da obra e, ao morrer em cinco de julho de 1755, deixou ainda inédito o trabalho que percorreu uma aventura fantástica até sua publicação, em 1965, pela Brow University.

1.3 A OBRA

Observando cuidadosamente o trabalho de Orsúa y Vela, percebemos que ele age como um narrador onisciente¹⁷, tem a liberdade de narrar à vontade e de se colocar em qualquer posição para fazê-lo, adotando um ponto de vista quase divino, mas não participando direta ou indiretamente da ação.

¹⁷ Autor onisciente intruso ou editorial omniscience. Veja-se: LEITE, Lúcia C. Morais. O Foco Narrativo. São Paulo: Ática, 1988.

Seu texto está dividido em partes, livros e capítulos. A primeira parte (anos 1545-1719) é maior que a segunda (anos 1720-1736). Cada parte está dividida em livros (10 livros na primeira parte, três livros na segunda), e na divisão de livros não se percebe nenhuma razão estrutural, nem sequer o propósito de distribuir em cada livro um número igual de anos, ou fazer coincidir as divisões com acontecimentos muito importantes, ou seja, a divisão dos livros funciona de forma arbitrária.

Os livros, por sua vez, estão divididos em capítulos, e cada qual contém geralmente um ano, se bem que existam casos onde um ano é tratado em vários capítulos, mas nunca vários anos em um capítulo apenas. Esta divisão em anos é a única que parece obedecer a um propósito estrutural definido para que o texto adquira uma consistência anual.

A estrutura formal da história é heterogênea. Para colocar as divisões básicas (disposição de títulos, texto, cabeçalhos, etc.), Arzáns se inspirou provavelmente em alguns livros impressos de sua preferência. No curso da composição, foi superpondo no texto muitas elaborações alheias, sem nomear os autores.

A antigüidade grega e romana está representada em seu trabalho, como também os Doutores da Igreja, historiadores eclesiásticos e profanos, autores místicos, cronistas das Índias e do século de ouro espanhol, muitas vezes convivendo lado a lado durante a construção de sua argumentação.

Os materiais literários da obra de Orsúa y Vela estão constituídos por elaborações que recaem na figura genérica do conto, fundado em um feito supostamente verídico e com circunstâncias alusivas ao ambiente local; a esses contos chamaremos de histórias.

Estas histórias podem distribuir-se de acordo com o predomínio de elementos temáticos, aglutinando-se em sete grupos principais.

O primeiro grupo é constituído pelas histórias de assombros e de aparecimentos sobrenaturais, onde o tema do mistério ocupa um vasto campo na obra de nosso cronista, provando que Potosi, no século XVIII, não era uma exceção a esta tendência comum no continente europeu.

O segundo grupo é formado por histórias chamadas exemplares. Toda a história está saturada de exemplaridade e os relatos desse grupo não fazem exceção à regra. Essas histórias evocam de

imediatas as novelas de Cervantes, percebida às vezes no clima expressivo.

A amplitude temática da obra de Orsúa y Vela inclui motivações elementares como o amor, a aventura, a ânsia de riquezas, o vício, a virtude e, com menor intervenção, motivos religiosos.

Histórias de guerras, desafios e pendências formam o terceiro grupo. Estas histórias satisfaziam, naquela época, o apetite de aventuras. O núcleo de interesse reside, aqui, na atividade belicosa e extremamente cruel. A existência tardia dos relatos europeus de cavalaria é perceptível no arcaísmo da linguagem atribuída aos personagens, bem como nas suas roupas e armas de guerra, como a lança e armaduras.

O quarto grupo pertence às histórias de milagres. Essas histórias são compostas por temas rotineiros, ligados às pregações religiosas de púlpito e à imaginação popular. São tratados de forma bastante ingênua, sendo os beneficiários quase sempre indígenas e pessoas humildes. Nessas histórias, os fiéis falam com Deus e com a Virgem de forma familiar, como se estivessem falando com uma pessoa amiga.

O quinto grupo pertence às histórias de pecadores e servos de Deus. É um importante tema da vida colonial americana, sendo capital dentro da obra de Orsúa y Vela. Em muitas passagens, o pecado, como milagre, deixa de ser o instrumento de pedagogia coletiva que ordinariamente era, e se constitui em um relato de intenção dramática e recreativa, capaz de dar um tom bastante solene ao conjunto de sua obra.

Lendas e tradições formam o sexto grupo, que é constituído por relatos breves ou extensos, em que é perceptível uma proximidade com o repertório folclórico local e uma maior subordinação a elementos narrativos pré-existentes. A história possui, aí, um extenso material legendário, às vezes com alusões geográficas.

O sétimo e último grupo pertence às histórias de festas e cerimônias. Aqui o núcleo de interesse reside nas cores e no dinamismo das famosas festas de Potosí. Não seria impossível se grande parte das festas tratadas por Orsúa y Vela não existissem realmente, porém, seu tratamento na obra alcança talvez o máximo de expressão do cronista em todo o seu longo trabalho.

As festas constituem uma das principais expressões simbólicas

cas da vida social. Sua posição dentro de um sistema sócio-cultural concreto não é o da estrutura social, mas é uma ritualização e uma simbolização dos diversos componentes da ordem e do sistema de valores que lhes correspondem¹⁸.

Em todas essas passagens, o cronista revela o orgulho em relação ao passado de Potosí, mesmo que os grandes dias de pompas já não existissem mais no momento em que Orsúa y Vela escreveu sua obra. Mesmo escrevendo durante a decadência da Vila, é capaz de dar um espírito augusto à cidade, incorporando em sua obra uma forte e fundamental presença de elementos ficcionais, características marcantes do gênero literário que o cronista representa.

Mesmo que o autor tenha recorrido à alguma fonte escrita desconhecida por nós, é na tradição oral, na fantasia pessoal e no gênero literário próximo ao Barroco que seu projeto de escrever a história da Vila realmente se consolida.

Na crônica de Orsúa y Vela percebemos que o autor desenvolve vários temas diversos entre si e com características muito originais. Uma primeira impressão leva-nos a pensar que o autor se proporia a tratar de temas administrativos, como as quantidades de prata produzidas nos diversos períodos, ou a descrição detalhada dos governantes, vice-reis e da organização da Vila. Entretanto, ele optou por descrever, em extensas passagens, assuntos variados, sem uma definição única para seu tema.

Em muitas passagens de seu trabalho, Orsúa Y Vela procura recriar uma imagem faustosa em uma realidade que é decadente e de forte depressão econômica. Reviver o passado, para o autor, pode representar o resgate de um tempo considerado ideal ou inigualável. O extremo detalhe da descrição e sua constante repetição traduzem o desejo de revitalizar o tempo passado e projetá-lo para o futuro, numa intenção de restaurar o que foi perdido. A lembrança nostálgica do passado apresenta-se com muito mais veemência quando a realidade atual é marcada pela decadência e pelo empobrecimento.

O trabalho de Orsúa y Vela, portanto, não nos deve surpreender pela abrangência e pela presença constante de um sentido figurado bastante forte; ele produz uma quantidade muito grande

¹⁸ Hanke, apud Orsúa y Vela.p.ciii.

de figuras, tornando sua narrativa enigmática e alegoria. Esse discurso evita uma aridez e a banalidade típica das cronologias políticas escritas por muitos cronistas americanos, procurando, além de depurar o passado, ensinar e buscar a alegria coletiva através da persuasão, o que revela, por outro lado, sua incorporação às características literárias do Barroco.

Seu discurso ornamental deleita o leitor, é a marca de uma pessoa sensível que possui uma quantidade muito grande de metáforas e ornamentos. O texto favorece a visualização, ensina uma maravilha, constrói uma imagem basicamente ornata. Sua obra incorpora a busca do ilusório que se transforma no seu primado maior. Seu trabalho cria um estupor, revelando uma paixão e um total envolvimento dos sentidos.

1.4 Os TEMAS DA PESQUISA

Entre uma variedade muito grande de textos produzidos por Orsúa y Vela, escolhemos tratar principalmente das minas, do cerro, do crescimento da Vila e da organização da extração argentífera, além da questão cultural ligada aos elementos religiosos. Todos esses temas serão tratados tendo como principal referência a obra desse autor potosino, tão complexo e múltiplo.

A escolha destes temas, em detrimento de outros, se colocou como uma opção que favorece o estudo mais profundo da obra deste autor colonial e que nos permite uma descrição mais detalhada, e até comparada, de alguns pontos da história da Vila de Potosi.

Essa escolha também se deve ao caráter dissertativo desse trabalho, preparatório para o prosseguimento dos estudos sobre o Peru colonial, pois a complexidade do trabalho de Orsúa y Vela permite-nos a continuidade de nossas pesquisas sobre a vila de Potosi em muitos outros pontos ainda.

Como já foi tratado no início deste capítulo, a escolha destes temas procura apresentar o autor e sua obra, além de proporcionar uma visão do peso que Potosi exerceu no contexto americano, quer no aspecto econômico, quer nas ligações culturais entre o Novo e o Velho mundo.

Tratar de temas como a obra do autor, a produção de prata e

mesmo o crescimento e a organização da vila, se adequam a pensar a própria condição colonial e o seu desenvolvimento, tomando por base diferentes substratos culturais, regionalizados em diferentes áreas de conquista e colonização na América.

É importante pensar parte da história política e econômica sob o ponto de vista cultural, como é importante, também, selecionar novos documentos, muitos dos quais desconhecidos ou ignorados pela historiografia até aqui.

Estes novos relatos, onde encaixamos Orsúa y Vela, nem sempre favorecem o raciocínio linear, sendo aparentemente desordenados. E a partir dessa aparente desordem ou falta de ordem, que conseguimos intercalar importantes contribuições para a compreensão da história americana, respondendo, por vezes, a algumas questões levantadas sobre nossa latinidade, tão “exótica” para alguns¹⁹.

O trabalho de Orsúa y Vela nos dá um quadro rico de suas idéias, sentimentos, fantasias e aspirações, que muito tem a ver com os sentimentos coletivos de sua comunidade. Mesmo que este capítulo esteja marcado por um estudo quase biográfico, ao tratarmos da questão do narrador, foi nossa intenção reforçar em Orsúa y Vela a importância desta “parcela anônima” existente nas sociedades, que raramente, como nosso cronista, pode deixar um relato direto e pessoal registrado de forma escrita.

¹⁹ SILVA, Janice Theodoro da. América Barroca Tema e Variações. Tese de Livre Docência. USP, 1991.p.79-80.

2. AS MINAS E O CERRO DE POTOSI

Quien no ha visto Potosi na ha visto las Índias.

Frei Reginaldo de Lizárraga

2.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Se ao iniciarmos nosso trabalho se fez necessário apresentar o autor da documentação que o norteou, da mesma forma se faz oportuno discorrer sobre a origem e a formação da vila de Potosi, que foi o coração de prata da América no século XVI. Cabe inicialmente destacar que dois processos aparecem e se intercalam quando se fala da origem de Potosi: um foi a “revelação” da riqueza aos espanhóis, outro, a constituição da urbe ao longo da exploração argentífera.

Dentro do trabalho do cronista peruano Orsúa y Vela, a descoberta das minas de prata de Potosi possuem um destaque especial, enriquecido por várias e diferentes versões compiladas de outros autores²⁰. Entretanto, existe um ponto confluyente entre as várias abordagens, que é o tom fantástico e até divinizado que envolve o descobrimento.

Esse aspecto se torna relativamente normal quando aplicado à sociedade como a potosina, onde predomina uma visão dominada pela interferência direta de Deus no mundo natural, não sendo uma característica pessoal do escritor em objeto, mas uma im-

²⁰ Já falamos no capítulo anterior que Orsúa y Vela foi um grande compilador das histórias sobre Potosi, sendo capaz de incorporar, citando diretamente ou não, uma série de trabalhos na sua história. Algumas dessas incorporações foram possíveis de reconhecer e indicar a fonte, outras permanecem à espera de um aprofundamento nas pesquisas sobre este cronista e sua obra.

pressão compartilhada por muitos cronistas dos séculos XVI, XVII, e mesmo XVIII. Orsúa y Vela se encarregou, em muitos momentos de sua crônica, de enaltecer o passado de sua vida, recorrendo a expressões de caráter quase profético, transformando seu trabalho em um testemunho da grandeza do Deus cristão e sua benevolência para com os espanhóis que chegaram à América e descobriram as minas de Potosi.

[...] o cerro de Potosi era singular obra do poder de Deus; único milagre da natureza; perfeita e permanente maravilha do mundo [...] (Orsúa y Vela, 1965, p.3).

Não somente a riqueza que é extraída do interior da montanha é cercada de um tom ufanista, triunfal e até mesmo sacro. Toda a história que envolve a descoberta e exploração cerca-se de uma interferência direta de Deus, nos fazendo lembrar das palavras do Velho Testamento, tempo distante, mas onde Deus mantinha um canal constantemente aberto com o seu povo eleito²¹.

No princípio criou Deus o céu e a terra... no terceiro dia separou os elementos água e terra... separada a terra da água, se viu os montes e cerros que em suas entranhas ocultavam o ouro e a prata que tanto apreciam os humanos... macio e glorioso se viu o nosso cerro de Potosi, por ser maravilhosa obra de seu Divino Criador! [...] (Ibid; p.11)

2.2 O DESCOBRIMENTO ESPANHOL

Quanto à sua localização, Potosi situa-se no altiplano andino, a 4.000 metros de altitude, no que atualmente compreende o território da República da Bolívia, antigo vice-reino do Peru.

As histórias sobre o descobrimento das minas são das mais interessantes no estudo da Vila Imperial, revelando uma série de

²¹ Além de nos brindar com uma exaltação apologética de Potosi, Orsúa y Vela utiliza-se de uma construção de texto que procura demonstrar, a cada passagem, a relação direta entre a riqueza e a “bênção” de Deus. Em muitos capítulos, os espanhóis acabam transformados pelo autor no povo eleito, numa clara referência aos judeus do velho testamento, parte da bíblia ocupada com os acontecimentos humanos, onde a lenda e o relato histórico estão ligados à própria Teologia.

lendas que mitificam²² e fantasiam o descobrimento dos riquíssimos veios de prata de Potosi pelos espanhóis.

Uma das histórias mais correntes sobre as minas de prata potosinas é ambientada anteriormente à chegada dos espanhóis e tem os indígenas como protagonistas. Provavelmente os incas já conheciam os veios argentíferos localizados no cerro de Potosi, mas não os exploravam, talvez tenham lacrado suas minas durante a conquista espanhola do Peru, fato este bastante comum após os primeiros contatos dos Incas com Pizarro e de conhecimento generalizado, inclusive de nosso cronista ao afirmar que:

[...] naquele tempo iam os índios aos cerros para trazer os ricos metais, pois sabiam onde estavam os veios secretos, mas logo que reconheceram a cobiça dos espanhóis e os maus tratos que barbaramente lhes fizeram, cerraram as bocas das minas, e tudo que haviam retirado delas jogaram em profundas lagunas e enterraram em diversas partes [...] (Ibid., p.26)

O que podemos dizer, com certa precisão, e que provavelmente era de conhecimento de Orsúa y Vela, é que antes da chegada dos espanhóis ao Peru, os Incas lavraram as minas da região de Porco, que tem uma distância de sete léguas de Potosi²³. O padre cronista, Joseph de Acosta, em sua obra **Historia Natural y Moral de las Índias**, (México, Fondo de Cultura Económica, 1979) confirma que as minas de Potosi não teriam sido tocadas antes de 1545.

[...] as minas deste cerro não foram lavradas no tempo dos Incas, que foram senhores do Peru antes de entrar os espanhóis, entretanto, perto de Potosi, lavraram as minas de Porco [...] a causa deveu-se a não se ter notícia delas, pois o que se conta sobre elas são fábulas [...]

Segundo a versão de Orsúa y Vela, o descobrimento indígena das minas potosinas aconteceu quando os Incas combatiam algumas tribos Guaranis, mais ao sul de seu território, e antes da chegada dos espanhóis ao Peru, mas acabou não se efetivando a exploração.

²² Quando falamos em mitificação estamos nos remetendo à tradição e a um processo de continuidade cultural, não apenas às narrativas fabulosas, mas a todo tipo de produção intelectual.

²³ Região situada ao sul de Potosi e de Sucre, distante cerca de quarenta e oito quilômetros.

Nessa expedição militar, o numeroso exército era liderado pessoalmente pelo imperador Huayna Ccápac que, após uma cansativa marcha de Cuzco ao vale de Tarapaya, resolveu descansar alguns dias para reforçar as energias de seus guerreiros.

Depois de se deliciar alguns dias naquele vale, banhando-se nas lagunas de água quente, o imperador resolveu empreender uma marcha até a região de Porco, onde possuía algumas minas de prata. Após sua bem sucedida campanha militar, e na sua volta para Cuzco, ordenou que um grupo fosse explorar o cerro de Potosí, esperando encontrar nele um novo e rico veio argentífero para garantir o abastecimento do metal aos artesãos que se dedicavam a confecções de peças cerimoniais.

Segundo nos relata Orsúa y Vela, o período que o Imperador passou na região Porco/Potosí despertou-lhe o interesse cerro, levando-o a especular sobre a riqueza que aquela elevação poderia esconder.

[...] antes de partir viu o formoso cerro e admirado de sua grandeza e formosura disse: “Este sem dúvida terá em suas entranhas muita prata”; assim mandou seus vassallos voltarem e lavrarem as minas [...] e havendo trazido seus instrumentos de pedra e madeira forte, subiram ao cerro, e depois de haver apontado seus filões, estando para começar a abrir suas entranhas, se ouviu um espantoso estrondo que fez estremecer todo o cerro, e atrás foi ouvida uma voz que disse: “Não saqueis a prata deste cerro, porque ela é para outros donos”. Assombrados os índios de ouvir estas vozes desistiram do intento e, voltando a Porco, disseram ao imperador o que havia sucedido; referindo-se ao caso em seu idioma, ao chegar a palavra do estrondo disseram “Potosí”. (Orsúa y Vela, 1965.p.27)

É bastante polêmica e até contestável a ligação feita por Orsúa y Vela da palavra Potosí como sendo estrondo, em quechua. Atualmente se pensa que o vocábulo “P’otoj” não queria dizer nada em quechua, contradizendo a versão de Orsúa y Vela e reforçando o que já disse Garcilasso de La Veja de que Potosí, ou como Garcilasso escreve, Potocsi, não significaria nada, sendo apenas um nome próprio aplicado ao cerro. Para o cronista Pedro Cieza de León, os indígenas chamavam a qualquer elevação de Potosí e, assim sendo, o cerro acabou batizado com este nome.

Já o vice-rei peruano Juan de Mendoza y Luna (Marquês de

Montesclaros, 1607-1615), acreditava que a palavra Potosi significava apenas o nome próprio do cerro, cuja significação teria sido perdida e que foi adotada pela vila que se desenvolveu aos seus pés.

Potoche antes, agora Potosi, palavra antiga que não sabemos se tem significação particular; é o nome próprio do cerro onde estão as minas, sendo daí o nome que a Vila tomou. (Mendoza y Luna, apud Valdivieso, 1988.p.17)

Esse mistério criado por uma série de lendas e reproduzido pelos cronistas, inclusive Orsúa y Vela, valoriza o relato em forma de fábula que, além de ilustrar um acontecimento em forma de uma história, se preocupa em ditar um certo juízo de valor sobre o acontecido. Preocupa-se também em definir determinados princípios morais, no caso a legalidade da exploração realizada pelos espanhóis (cristãos) em oposição à intenção do Imperador (pagão) Huayna Ccápac.

Além de ditar uma moral, o cronista envolve a descoberta no mundo sagrado, ditando-lhe um caráter sobrenatural, garantindo-lhe um tom santificado ao aproximar os destinos humanos à vontade de Deus²⁴.

Se não há consenso sobre a origem do nome do cerro mais rico do Peru, muito menos se chegou a uma conclusão definitiva sobre a descoberta ou redescoberta dos veios e minas de prata, possuindo-se inúmeras versões, em grande parte retratados na obra de Orsúa y Vela, que se tem revelado uma riquíssima fonte onde algumas dessas histórias podem ser recuperadas.

A crônica deste autor destina uma parte inicial muito significativa, no conjunto de sua obra, para falar da descoberta das minas em 1545. Citando inúmeros outros cronistas, Orsúa y Vela desenvolve um mosaico de informações, cada qual com pequenas diferenças, mas que em todas as versões tratadas apontam para uma espécie de “casualidade” e “predestinação” espanhola a esta descoberta.

²⁴ Silva, 1987.p.68.

Sua primeira incursão sobre o assunto acontece baseada no trabalho do capitão Pedro Méndez e do andaluz Juan Pasquier²⁵, surgindo desta consulta a seguinte descrição de Orsúa y Vela:

[...] Hualca saiu de Porco com os carneiros da terra [lhamas], e como havia caminhado sete léguas naquele dia, com a lentidão dos naturais, se fez tarde e não pôde chegar às choças e ranchos dos pastores que habitavam a pedreira. Era noite escura e lhe conveio deitar sobre o cerro de Potosi, porque havia ali vindo guiado pela providência divina, pois já era tempo de dar aos homens a prata daquele rico cerro. Não pensava Hualca que ele seria o instrumento, deitou-se ali para passar aquela rigorosa noite, por saber que a claridade do dia seguinte haveria de mostrar aquele tesouro [...] (Orsúa y Vela, 1965.p.35)

Ainda tratando da descoberta das minas, o autor incorpora as descrições da fonte em que Juan Pasquier buscou suas informações, que foram as anotações de Dom Antonio de Acosta²⁶ e as ordenações do vice-rei peruano Dom Francisco de Toledo²⁷.

²⁵ Segundo o trabalho realizado por Lewis Hanke juntamente com outros historiadores responsáveis pela edição do texto de Orsúa y Vela pela Brown University Press, “[...] a mais antiga das crônicas potosinas em que Orsúa y Vela pôde apoiar-se foi, sem dúvida, a obra do Capitão Pedro Mendez”, História de Potosi 1545-1626”. (Hanke apud Orsúa y Vela, 1965.p.LI). Já Juan Pasquier era espanhol da Andaluzia, tradutor da obra de Antonio de Acosta, do português para o espanhol. Em certas passagens, Orsúa chega a chamar Juan Pasquier de o autor mais moderno e que teria incluído nos textos de Antonio de Acosta, que foram traduzidos, alterações pessoais. Sobre Pasquier, Orsúa y Vela dedica várias passagens em seu texto, entre eles veja-se; Orsúa y Vela, op.cit., Prólogo.

²⁶ Antonio de Acosta é um dos autores mais frequentemente citados por Orsúa y Vela. Ao que tudo indica, era português e residiu em Potosi durante quinze anos. Teria chegado ao Peru com vinte anos de idade, em 1579, portanto, se os cálculos de Orsúa y Vela estão corretos, teria 97 anos quando realizou os levantamentos sobre a produção de prata em 1657. Para realizar seus levantamentos, teria consultado os livros de contas da fazenda real de Potosi e elaborado sua obra “Historia de Potosi”. Veja-se também: Hanke, 1961.p.32.

²⁷ Dom Francisco de Toledo, vice-rei nomeado para substituir a Lope Garcia de Castro, toma posse em 30/12/1569, deixando-o em 01/05/1581. Sobre Toledo existe uma grande quantidade de informações, entre elas veja-se: Hanke, 1977.p.204. Hemming, 1982.p.483. LEVILLER, Roberto. Dom Francisco de Toledo Supremo Organizador del Perú. Buenos Aires: Biblioteca do Congresso Argentino, 1942.

Segundo Antonio de Acosta e Dom Francisco de Toledo [...], o índio Hualca saiu de Porco atrás de um carneiro da Terra [lhama], seguindo-o todo o dia o alcançou no cerro de Potosí, sendo o começo da noite e tendo em suas mãos o carneiro (pela escuridão que fazia), o atou naquelas crescidas palhas e ali determinou esperar o dia. Havendo, pois, rompido a manhã [...] despertou Hualca, com gozo de ver presente a causa de sua fadiga [...] Hualca encontrou a riqueza que não havia buscado [...] (Orsúa y Vela, 1965, p.35)

Além destes autores citados acima, Orsúa y Vela assimilou também a versão do cronista e cosmógrafo real Antonio de Herrera, um intelectual que se propôs a escrever uma história geral da América. Na visão de Antonio de Herrera, o descobrimento dos veios de prata assumiu a seguinte versão:

[...] o índio Hualca viu passar perto de onde estava um grande veado e, lançando-se para ele pelas costas e escarpas cerro acima [...], se viu em um desfiladeiro em que ia precipitar-se e por ter-se agarrado a uma rama pôde ver o metal muito rico e que tinha a metade de prata [...] (Ibid., p.35)

Outra fonte citada por Orsúa y Vela é Bartolomé de Duenas²⁸, secretário do Corregedor de Potosí. Segundo ele:

[...] essa noite fazia um intolerável frio, recolhendo o índio Hualca uma quantidade de palha e quebrando ramos de árvores chamadas pelos índios de Cceãs (que todo o cerro estava coberto) colocou fogo e atizou-o durante grande parte da noite até o sono lhe render e, despertando pela manhã, viu que com a atividade do fogo se havia derretido a prata e corrido em riquíssimos veios [...] (Orsúa y Vela, 1965.p.35)

Já nas versões de Juan Pasquier e Antonio de Acosta encontramos a seguinte descrição:

[...] o capitão Villarroel [...] foi o primeiro que começou a retirar a prata [...] era um nobre da Andaluzia, natural da cidade de Carmona, e um dos pacificado-

²⁸ Bartolomé de Duenas não é citado com muita frequência por Orsúa y Vela, entretanto, parece ser uma das fontes que inspiraram nosso cronista a escrever sua história. Duenas foi secretário do Corregedor de Potosí, acusou o Governador potosino Francisco Nestares de Marin de corrupção e foi preso em 1651, escapando posteriormente para Quito e desaparecendo dos registros históricos oficiais.

res da província de Charcas [...] Por volta de janeiro, quinta-feira do ano de 1545, foi o primeiro descobrimento realizado pelo índio Hualca que sozinho esteve gozando a rica prata até princípios do mês de abril do mesmo ano (que foi Domingo quando o bom Hualca o mostrou ao capitão Villarroel) e dali a quatro dias correram a vê-lo e começaram a sacar metal muitos outros espanhóis [...] (Ibid., p.36-37)

As diversas contextualizações sobre a descoberta das minas que foram incorporadas ao texto de Orsúa y Vela são uma tentativa do autor de caracterizar sua obra como um trabalho particularmente completo e verídico. Antes dele, cerca de quarenta autores haviam escrito sobre a vila e as minas de Potosí, destes, quatorze eram cronistas peruanos.

Além do enriquecimento da obra de Orsúa y Vela, através de citação de outros escritores, perpassa também no trabalho de nosso cronista uma certa apropriação das lendas indígenas sobre o destino do cerro. Se de fato ocorreu uma expedição inca comandada por Huayna Ccápac, e este mandou explorar o cerro obtendo como resposta um estrondo que colocou seus emissários a correr, este fato foi devidamente entendido pelos espanhóis como se fossem eles, e não um outro imperador Inca, em um tempo futuro, os legítimos donos, visto que uma história sobrenatural confirmava tal posse.

Esta apropriação de uma lenda indígena, ou mesmo uma criação fantasiosa por parte dos espanhóis, serve para justificar e garantir sua ação sobre as minas de prata e mesmo sobre a população indígena que foi mobilizada, ao longo de séculos, para extrair a riqueza.

A respeito do descobrimento das minas de prata, existem algumas variações muito interessantes por parte dos cronistas. Embora existam algumas diferenças quanto à descrição dessa passagem da história da Vila, é consenso o crédito que as várias histórias dão ao índio Hualpa, que teria revelado a outro indígena de nome Huanca, a existência dos veios de metal precioso e este, por sua vez, teria conduzido o Capitão espanhol Juan de Villarroel às minas, sendo que o primeiro registro oficial sobre a sua existência aconteceu em 21/04/1545.

As diversas interpretações sobre a revelação da riqueza de Potosí, muito presentes na obra de Orsúa y Vela, devem ser vistas

à luz da tradição oral de uma região de intensa exploração mineral que nos primeiros anos de sua descoberta não produziu registros históricos oficiais confiáveis para os futuros pesquisadores. Com uma deficiência dos registros escritos coube em grande parte à tradição oral a manutenção dos fragmentos que compõem o ponto de partida do estudo sobre a exploração da prata em Potosi.

Orsúa y Vela tem mais este mérito, o de reunir os registros de vários autores com a tradição oral que existia em Potosi, no final do século XVIII, deixando-nos uma visão múltipla desse momento histórico, onde a fantasia do autor também age sobre sua crônica, revelando um documento rico e singular sobre a América.

2.3 A POVOAÇÃO E AS MINAS

O cerro é o principal ponto de partida da consolidação das minas e da povoação. Ele foi a origem de todo um desenvolvimento urbano que aconteceu aos seus pés, não sendo em vão toda a louvação que o cronista dedicou em seu trabalho à grandeza e à importância desta elevação nas alturas dos Andes.

Para sua perfeição lhe deu o criador uma grandiosa obra de suas divinas e liberais mãos, pelas quais se vê este admirável monte de riqueza, corpo de terra e alma de prata, imperador dos cerros e rei dos montes [...] (Ibid, p.63)

A Vila localizada aos pés do cerro era o centro administrativo e residencial do assento mineiro. Ali a prata era fundida e embarcada para o porto de Callao, e era também neste local que as mercadorias dos diversos pontos do império espanhol eram trocadas pela prata que se extraía do cerro. Além disso, era o local de moradia dos espanhóis, seu centro religioso e de diversão.

Enfim, a Vila de Potosi era a extensão urbana e social da riqueza que se extraía das minas, devendo seu desenvolvimento e atividade exclusivamente à produtividade dos filões de prata das minas exploradas.

A crônica de Orsúa y Vela não nos fornece uma descrição detalhada e organizada do espaço urbano da Vila de Potosi. Pelo contrário, as informações são fragmentadas, sendo reveladas espaçadamente em meio à descrição de outros eventos. Mesmo assim foi possível, a partir de seu trabalho e de uma pesquisa auxi-

liar, conhecer um pouco suas características urbanas.

Como acontecia em quase todos os centros urbanos da América colonial espanhola, as cidades ou vilas se dividiam basicamente em dois campos: um era a parte ocupada pelos espanhóis e seus descendentes, e a outra compreendia o espaço destinado aos indígenas, que na obra de Orsúa y Vela recebe o nome de “rancheria”²⁹.

Outra característica do trabalho do autor é citar uma série de ruas da Vila, falando de sua importância e finalidade dentro do espaço urbano, como, por exemplo, rua dos Mercadores, da Comédia, da Chincha, Lusitana... seguindo também uma outra tradição colonial ibérica de nomear as ruas de acordo com suas características funcionais, visto que não havia uma preocupação oficial de nomeá-las.

Embora a característica principal do trabalho de Orsúa y Vela não seja a de descrever com detalhes a formação do núcleo urbano, por vezes o autor deixa, em meio a outras passagens, uma descrição que nos ajuda a compreender melhor a ocupação e a conformação da Vila.

Desde a chegada do vice-rei Toledo, se consolidou uma preocupação geral na Vila de Potosí de separar as povoações ocupadas por espanhóis das áreas indígenas. Também se salientou a necessidade de traçar ruas, quadras, praças, enfim, dar um traçado urbanístico à povoação, reordenando seu espaço urbano.

Todas as referências encontradas, principalmente em Orsúa y Vela, falam prioritariamente em separar os indígenas dos espanhóis, dando uma forma homogênea ao traçado de Potosí. Não se toca jamais na questão sanitária, principalmente se levarmos em conta a grande concentração populacional e a inexistência inicial de um curso de água regular na Vila que servisse para abastecer a povoação e, ao mesmo tempo, evacuar os dejetos de seus habitantes.

Adornam esta Vila 20 ruas que correm de oriente para ocidente e 24 de sul a norte, numerada por quadras. Tem 594 ruas, sendo as 268 mais amplas habitadas por espanhóis, e as restantes mais estreitas, habitadas por índios. Existem 3 praças grandes, como a do Gato (do quechua *kjatu*=mercado). Dez pracinhas, fora as

²⁹ Orsúa y Vela, op.cit., p.43.

que existem nas povoações dos indígenas. Onze pontes que atravessam a ribeira [...] tem esta Vila 15 paróquias de índios [...] (Orsúa y Vela, 1965.i.p.9)

De modo geral, as cidades européias que cresceram sobre os assentamentos indígenas seguiram a orientação de dividir a povoação entre área urbana e agrícola. Entretanto, em Potosi a atividade mineradora interferiu nesta divisão, impedindo que ela se realizasse e determinando que a extração e refino do metal ocorresse praticamente dentro do mesmo espaço físico do setor residencial.

Contudo, separou-se a área ocupada por indígenas e espanhóis, fazendo com que os ibéricos se organizassem em grupos e nações de acordo com seu local de procedência a Espanha. Esses agrupamentos acabaram se organizando em espécies de confrarias de patriotas que, acirrando rivalidades com outros grupos, provocaram um período de bastante instabilidade e violência na Vila de Potosi e nas regiões próximas, conhecido como guerras civis³⁰.

Esta situação de desorganização urbana da Vila persistiu até a chegada ao Peru do vice-rei Dom Francisco de Toledo. Entre muitas tarefas empreendidas por Toledo, que posteriormente serão tratadas aqui, está a organização da Vila de Potosi, tanto no que se refere aos seus bairros habitacionais, quanto às regiões de produção de prata e de comércio, o que se constituiu em um legado extremamente importante deixado por esse funcionário dedicado da Coroa espanhola. Orsúa y Vela registra em sua obra a passagem de Toledo na reurbanização potosina da seguinte forma:

³⁰ A guerra civil em Potosi é um dos acontecimentos que ocupa grande parte da obra de Orsúa y Vela. Ele trata do confronto entre bandos de diversas regiões da Espanha que se hostilizaram em Potosi e regiões próximas, no período de 1622 a 1625. Entre as “nacionalidades” principais dos combatentes, identificamos os andaluzes, estremenhos e biscaios.

[...] de maneira que somados só os três anos (1622 a 1624) são os que morreram 3.332 espanhóis de várias nações e peruanos, além de 2.435 mestiços, índios mulatos e negros. Assim pereceram 685 nos contornos dessa Vila e nos seus caminhos. Os feridos que escaparam com vida foram 3.728. Os roubos nesta Vila e seus contornos chegaram a 2.172, e as casas queimadas nos ditos três anos passaram de 200 [...] (Orsúa y Vela, op.cit., p.399)

[...] após 29 anos desde a fundação, por ordem do vice-rei Dom Francisco de Toledo, se dividiu a ribeira e a povoação dos índios. Por seu mando, se desmancharam algumas casas necessárias para dar lugar às ruas [...] A parte ocupada pelos índios é vista por alguns como o terreno mais forte e mais seco (ribeira), e como é mais alto, não tem a umidade que existe no local de moradia dos espanhóis [...] essa povoação dos índios estava também sem forma, em cada casa vivendo 30 índios em aposentos tão pequenos que cabem a cama e o fogão [...] (Ibid., i.p.42)

Mesmo após Toledo ter organizado as ruas, muitas delas continuaram precárias, permanecendo sinuosas e mal traçadas em relação à topografia local. As das principais praças criadas foram a do Regozijo e a do Gato. A primeira era onde se realizaram as festas e as comemorações da Vila e, a segunda, o mercado.

Algumas descrições das condições gerais do cerro e da Vila Imperial, presentes na obra de Orsúa y Vela, encontram muitas semelhanças, principalmente com os escritos do padre Joseph de Acosta e de Pedro de Cieza de León.

Ambos influenciaram as descrições do cronista por extensas passagens, levando-nos a crer que a leitura destes dois escritores foi realizada com muito detalhismo por Orsúa y Vela, até pela facilidade de entrar em contato com suas respectivas obras e também pela qualidade deste material.

A constatação da utilização, principalmente destes dois autores por parte de Orsúa y Vela, foi facilitada pela maneira quase integral com que são transcritas certas passagens na sua obra.

Na crônica de Orsúa y Vela, o cerro ocupa um espaço maior na descrição, e o autor vai introduzindo aos poucos o leitor no aspecto geral da povoação. Primeiramente, o cronista apresenta o local de onde a riqueza é extraída e que possibilitou o surgimento daquela vila.

[...] é muito alto o território do cerro e da Vila [...] o cerro [...] tem a altura de pouco menos de uma légua, e de diâmetro pouco mais de dois. Tem a forma de um pão de açúcar, estando sua cor entre o vermelho, o pardo e o roxo escuro [...] pelo oriente, nas cabeceiras do sítio, estão localizadas as lagunas de onde se mantém a água da ribeira. Pouco mais abaixo destas lagunas está o alto da pedreira, de onde se retira abundância de pedra para os edifícios [...] dentro do espa-

çoso sítio e até a parte meridional de Munayprata permanecem os vestígios da antiga povoação dos índios, chamada Ccantumarcami [...] não estiveram onde hoje está fundada a Vila, por ser esta parte um grande lamaçal somente destinado ao pasto dos carneiros [lhamas]. Por esta causa é muito úmida a povoação, pois está fundada a maior parte sobre a umidade [...] Potosi distancia do pólo sul 22 graus, de forma que está debaixo da zona tórrida e, com tudo isso, faz tanto frio quanto na Cantábria de Espanha, a causa é a grande altitude e os contínuos ventos frios que fazem tão estéril a terra que não germina nem cria fruto nem erva alguma, sendo assim inabitável [...] ao pé do cerro se acham todas as coisas necessárias à vida humana, mais largamente que na Espanha e com mais abundância. (Orsúa y Vela, op.cit., p.4)

Esta descrição parece extremamente referenciada à realizada anteriormente pelo padre jesuíta Joseph de Acosta, sendo possível comparar os escritos do cronista peruano com o trabalho do jesuíta. Desde cruzamento de descrições, podemos deduzir que Orsúa y Vela utilizou o trabalho de Acosta, que foi publicado pela primeira vez em 1590, sob o título de **Historia Natural y Moral de las Índias**³¹, incorporando extensas passagens em que mantém uma fidelidade muito grande em relação a obra original. No livro de Acosta, encontramos a seguinte descrição:

O cerro tão falado de Potosi está na província de Charcas, no reino do Peru, distando da linha equinocial ao Pólo Antártico, vinte e um graus e dois terços [...] e com tudo isso é de extremo frio, mais que em Castela, a Velha, ou Flandres [...] seu ambiente é seco, frio e muito desprovido, sendo estéril, não produz fruto, nem grão, nem erva e, assim, naturalmente, é inabitável pelo mau tempo do céu e pela grande esterilidade da terra. Mas a força da prata, que chama a si com sua cobiça

³¹ Acosta, Joseph de. *Historia Natural y Moral de las Índias*. México, Fondo de Cultura Económico, 1979. O Padre Joseph de Acosta nasceu em Medina del Campo, ingressando muito jovem na ordem jesuítica. Foi catedrático de Teologia em Ocaña, ficando famoso por sua brilhante oratória. Chegou ao Peru em 1572, exercendo várias atividades até ser nomeado Provincial de sua Ordem em 1576. Em 1586 deixa o Peru e vai para o México, lá permanecendo até 1588 quando retorna para a Espanha. Viveu entre 1540 e 1600 e sua obra, acima citada, foi impressa na cidade de Sevilha, em 1590, sendo imediatamente traduzida para o italiano, francês, alemão, holandês e, logicamente, para o latim.

as outras coisas, tem povoado aquele cerro da maior povoação que há em todas as comidas e regalos que nenhuma coisa se pode desejar que não se encontre em abundância [...] A cor deste cerro é roxo escuro; tem uma graciosa vista, igual a um pão de açúcar [...] (Acosta, 1979.p.149)

2.4 O CRESCIMENTO URBANO E POPULACIONAL

A descoberta de prata no cerro de Potosi, em 1545, provocou um violento movimento populacional em direção ao altiplano peruano. Esse movimento povoador acompanhou sempre o crescimento econômico da Vila, chegando a causar o despovoamento de algumas regiões do Caribe e da própria Espanha, de onde migraram grandes contingentes de espanhóis³², fenômeno idêntico ao ocorrido em muitas comunidades indígenas do próprio Peru que, espontaneamente ou não, se dirigiram para Potosi.

Se considerarmos que a população espanhola em Potosi quando da descoberta das minas era zero e que a comunidade indígena se restringia a um núcleo bastante reduzido, poderemos acompanhar, através dos vários censos realizados, a rápida ocupação, bem como a composição social desta região mineradora.

O primeiro censo de que se tem notícia em Potosi data de 1560, cujo resultado apresentou 160.000 habitantes, distribuídos da seguinte forma:

Índios	76.000
Espanhóis nascidos em Potosi	3.000
Criollos ³³	35.000
Espanhóis do reino e estrangeiros	40.000
Negros e mulatos	6.000

Total 160.000

(Baldivieso, 1988.p.80)

³² Embora não se conheçam estudos sobre a composição da população espanhola que habitava Potosi, as “nacionalidades” mais citadas são os Andaluzes, Estremenhos, Vascões e Biscaios.

³³ Mantivemos o termo com a grafia original em espanhol para não confundirmos com o termo popular brasileiro crioulo, que possui outra significação.

Doze anos depois desse levantamento inicial (1572), o depoimento do viajante português Gaspar de Barreiros nos fornece um dado bastante significativo para comparar a população de Potosi, um centro minerador perdido nos Andes, com as cidades centenárias da Europa.

Segundo Gaspar Barreiros, nesta mesma época Madri tinha 4.500 pessoas³⁴. Já por volta de 1594, possuía 37.500, enquanto que em 1630 regredia para 4.060 habitantes. Por outro lado, Sevilha teve, em 1594, 90.000, diminuindo sua população, em 1630, para a metade, ou seja, 45.000 pessoas³⁵.

Quando o vice-rei peruano Dom Francisco de Toledo assume o governo em 1569, se preocupa imediatamente em realizar um novo censo para fazer um levantamento da população peruana, especialmente de Potosi. O resultado é conhecido após alguns anos, revelando que a população potosina, em 1573, era de 120.000 habitantes, dos quais 90% indígenas.

A respeito da esmagadora maioria de indígenas que formavam a população de Potosi, Orsúa y Vela registra que “[...] o número de habitantes espanhóis não passou de 4.000, enquanto o de índios foi sempre de milhares [...]” (Orsúa y Vela, *op.cit.*, p.9). Este dado é um pouco exagerado pelo cronista, entretanto, o autor continua dizendo que “[...] hoje (1705) os espanhóis não chegam a 3.000 habitantes, também sendo difícil contá-los, pois são muitos os forasteiros.” (Ibid., p.9)

Sobre o censo realizado pelo vice-rei Toledo, Orsúa y Vela acrescenta que “[...] contou-se 120.000 entre ambos os sexos e idades, incluindo espanhóis e índios [...]” (Ibid., I.p.9).

Em 1611, sob o governo do vice-rei Juan de Mendoza y Luna, o Marquês de Montesclaros se contaram [...] 150.000 moradores de todas as nacionalidades, sexos e idades [...] (Ibid., p.10)

Durante o governo do vice-rei Garcia Sarmiento de Sotomayor, Conde de Salvatierra, em 1650 e durante

³⁴ Carante, apud Baldivieso, 1988.p.22

³⁵ Sobre dados populacionais da Espanha no século XVI, veja-se: Braudel, 1983.p.362,450 a 453.

[...] o mandato do presidente de La Plata, Francisco Nestares de Marin, se contou 160.000 moradores [...] hoje (1705) não passam de 70.000, habitando 16.000 casas. (Ibid.I.p10)

Os dados apresentados por Orsúa y Vela para o ano de 1611, quando o Ouvidor de La Plata, Licenciado Ruiz de Bejarano ordenou um novo censo, apresentam um total de 150.000 habitantes. Entretanto, deve-se levar em conta que o cronista comete um pequeno exagero ao divulgar esta cifra. Os estudos realizados por Valentin Abecia Baldivieso sobre alguns dados da população de Potosi apontam um total de 113.000 habitantes, distribuídos da seguinte forma

Índios	65.000
Forasteiros da Espanha	4.000
Espanhóis nascidos em Potosi	3.000
Criollos	35.000
Negros e Mulatos	6.000

Total 113.000

(Baldivieso, op.cit., p.80)

Mesmo apontando uma diferença entre os dados fornecidos por Orsúa y Vela no levantamento de 1611 e os estudos mais recentes, estes mesmos números comprovam o que o cronista teria dito anteriormente sobre a pequena quantidade de espanhóis em relação ao montante da população potosina, ou seja, que os espanhóis nunca teriam passado de 4.000. O mais curioso é que o levantamento de Ruiz Bejarano demonstra que o seu número, em 1611, era de 4.000 espanhóis, coincidentemente o mesmo número apontado por Orsúa y Vela.

A seguir, apresentamos uma tabulação de alguns dados populacionais fornecidos até aqui, onde se pode comparar a evolução da população potosina em relação a dois centros urbanos europeus.

	1560	1573	1594	1611	1630	1650
POTOSI	120.000	X	150.000 113.000	X	X	160.000
MADRI	X	4.500	37.500	X	4.500	X
SEVILHA	X	90.000	X	X	45.000	X

Esse rápido e espantoso crescimento da região de Potosi, localizada a cerca de 4.000 metros acima do nível do mar, no interior do continente sul-americano, criou sérios problemas urbanísticos para a população da Vila. Logo após a descoberta das minas de prata, acontecida em 1545, os primeiros exploradores construíram pequenas casas, tão próximas umas das outras que não havia passagens ou ruas para a circulação.

Essa característica peculiar de Potosi, segundo Orsúa y Vela, relaciona-se com dois fatores fundamentais que comandaram a ocupação inicial da localidade. Primeiramente, existia a pressa em ocupar os espaços para iniciar imediatamente a exploração dos ricos veios de prata descobertos no cerro. Somado a isso, existia a dificuldade oferecida pelo clima da região, que dificultava a permanência dos espanhóis, induzindo-os a se abrigarem em um conjunto mais completo de habitações.

Orsúa y Vela retrata essa primeira ocupação de Potosi, dizendo:

Porque julgavam que Potosi seria inabitável devido ao rigoroso frio, isto os forçava a que, com toda a brevidade, acabassem de edificar 94 casas nas paragens mais secas no contorno da laguna e do atoleiro [...] por esta razão é muito úmida por baixo, danoso às construções e à saúde de muitos bairros. Causa também da abundância de mananciais de água que existem em

quase toda povoação [...] desta maneira formaram uma grande população sem ordem nem medidas nas ruas, cada qual fez sua casa com tanta pressa que acabou ficando sem ruas por onde passar [...] em 18 meses se fizeram mais de 2.500 casas para mais de 14.000 pessoas entre espanhóis e índios [...] (Orsúa y Vela, op.cit., p.42)

Outros dados, encontrados nas mais diversas fontes, dão conta, através dos anos, do crescimento populacional e da ocupação de seus habitantes que,

[...] em 1603 havia 4.000 espanhóis e 2.000 mulheres, as ocupações dos varões eram de burocratas, profissionais liberais, cerca de 20 advogados, 4 procuradores, 3 médicos, 6 cirurgiões, 10 barbeiros, 3 boticários [...] uns 800 jogadores profissionais e 120 prostitutas [...] (Baldivieso, 1988.p.41)

No trabalho do historiador Lewis Hankel³⁶, também há uma estimativa sobre a vida social e a ocupação de uma parcela da população potosina. Para Hanke, em 1577 existiam

14 salões de dança, 36 casas de jogos e 1 teatro [...] o preço da entrada variava de 40 a 50 pesos [...] na primeira parte do século XVII existiam aproximadamente 700 a 800 jogadores profissionais e 120 prostitutas [...] (Hanke, 1956.p.3)

Outras ocupações eram também preenchidas pelos espanhóis, como comerciantes, donos de restaurantes, donos de minas e de engenhos de moer o metal, sapateiros, pedreiros..., embora a parte comercial da Vila fosse majoritariamente ocupada por mestiços que atuavam também nos trabalhos domésticos.

2.5 O CENTRO MINERADOR

Ao tratarmos mais especificamente das minas de prata de Potosi, podemos afirmar que Dom Juan de Villarrol foi o primeiro espanhol a se instalar no cerro, sendo seguido pelo

[...] Capitão Diego Centeno. Estes dois, juntos com o Capitão Santandia e com o Mestre de Campo Dom Pedro Cotomito, foram os que atraíram e alentaram os demais espanhóis para fazerem a fundação da Vila. (Orsúa y Vela, op.cit., p.41)

³⁶ HANKE, Lewis. The Imperial City of Potosi. Netherlands, Martinus Nijhoff, 1956.

Quanto aos veios de onde eram extraídos o metal de prata, Orsúa y Vela afirma que

[...] os principais se achavam sobre a superfície da terra, como riscos, os quais são cinco [...] a do Estanho, a Rica e a de Flamencos, a de Centeno com a de Zuninga, a de Antona e Ciegos; Corpus Christis e Mendieta [...] (Ibid, p.63)

Nosso cronista, na sua descrição das minas, acaba sobrepondo nomes a um mesmo veio de prata como, por exemplo, Zuninga e Antona se referem à mesma localidade, como também Centeno e Ciegos; também se equivoca ao afirmar inicialmente que se tratavam de cinco pontos de extração, sendo que, segundo suas próprias palavras, são sete.

Segundo o relato de Pedro Cieza de León, no qual provavelmente se baseou nosso cronista para redigir sua descrição sobre os primeiros filões que foram abertos na montanha,

As minas iam sendo abertas e exploradas nas partes mais altas da montanha, onde cinco filões foram descobertos. Seus nomes eram: Filão de Centeno, Rico, Estanho, Mendieta e Oâte [...] cada um deles é explorado por várias minas [...] (De León, 1933.p.309)

Embora Potosi se notabilizasse pela sua grandiosa produção de prata, principalmente ao longo do século XVI, Orsúa y Vela tinha muito pouca experiência sobre o trabalho no interior das minas ou sobre a vida dos mineiros. A única incursão realizada pelo autor às minas deixou-o perplexo e horrorizado, graças a sua tentativa de mascar folhas de coca como os mineiros, resultando em uma forte complicação que o deixou vários dias enfermo.

[...] nas tão espantosas quanto ricas entranhas desse admirável monte, ressoam ecos dos golpes dos barretes juntamente com as vozes de uns, gemidos de outros, gritos dos capatazes espanhóis, confusão e trabalho intolerável de uns e outros, além do espantoso estrondo de tiros de pólvora que semeiam, tanto ruído quanto o horrível rumor dos infernos [...] Inúmeros são os que tem perecido em suas entranhas; cada passo que dão em uma de suas minas chegam mais perto da morte, servindo-lhes a cada um de uma vela para morrer, aquela que trazem nas mãos para poder andar. Umaz vezes se apaga a luz e ali perecem; outros são tragados pela terra [...] Os vereis umas vezes trepar pelas escadas carregados de metal, suando e

fraquejando, outras vezes os vereis descer por uns paus [...] também os vereis algumas vezes assemelhar-se a bestas caminhando de quatro pés com a carga nas costas e, outras, arrastando-se como formigas [...] Finalmente, homens que entraram só por curiosidade de ver aquele horrível labirinto tem saído sem cor (batendo queixos) sem pronunciar uma palavra (efeito do horror que acabam de experimentar) [...] (Ibid., p.65)

Talvez seja sua pouca experiência e intimidade com os trabalhos no interior do cerro e com a atividade mineradora que o levou a escrever muito pouco sobre estas passagens e, quando o fez, utilizou claramente os escritos de outros autores, como Pedro de Ceiza de León ou do jesuíta de Acosta.

E justamente através da descrição do padre Joseph de Acosta que conseguimos penetrar com mais detalhes no interior das minas e acompanhar o trabalho dos indígenas e suas condições dentro das entranhas do cerro.

[...] lá dentro é perpétua a escuridão, sem saber pouco ou muito quanto é dia ou noite, pois são lugares nunca visitados pelo sol, não somente há perpétuas sombras, e também muito frio, e um ar muito grosso e impróprio para a natureza humana. E assim se sucede enjoar quando entra pela primeira vez, como a mim aconteceu, sentindo náuseas e aflições estomacais. Trabalham com velas sempre que lavram de dia e descansam à noite, e outros, ao contrário, os sucedem. O metal é duro, sendo comum retirá-lo a golpes de barretes [...] Depois sobem com ele às costas, por escadas de couro de vaca retorcido como grossas cordas de cânhamo [...] retira um homem uma carga de duas arrobas e ata a sua manta no peito [...] subindo muitas vezes de centro e cinquenta estados [250 metros [...]] (Acosta, 1979.p.156)

2.6 A CIDADE IMPERIAL

A descoberta das minas, como se viu anteriormente, atraiu uma grande população para esta região insalubre dos Andes, que em pouco tempo se tornou uma Vila com um fortíssimo comércio e com uma grande concentração de riquezas.

Essa situação peculiar de Potosi levou as autoridades a fundarem oficialmente a Vila em 1561. Através de um decreto real, as-

sinado em Valladolid, em nome de Felipe II, em primeiro de agosto de 1565, ratificava-se a decisão da lei promulgada em Lima, que concedia ao assento mineiro de Potosi a prerrogativa de Vila, ou seja, cidade real. Este decreto determinava que Potosi fosse denominada cidade Imperial, embora esta determinação não fosse cumprida, inclusive em documentos oficiais, por mais de cinco anos, continuando-se a denominar Potosi como “assento de mina”.

Sua descrição do escudo de armas da vila é o seguinte:

[...] em campo de prata uma águia imperial; no meio da dita águia, contrapostos dois castelos e dois leões; abaixo destes o grande cerro de Potosi; duas colunas do plus ultra ao lado, coroa imperial, ao timbre, e pela borda um colar de toção de ouro. O escudo que o Capitão Dom Juan de Villarroel, como primeiro descobridor do Cerro e fundador desta Vila Imperial conseguiu do imperador Carlos V, era da seguinte forma: em campo branco o rico cerro, as duas colunas ao lado e a coroa imperial como timbre. (Orsúa y Vela, op.cit.,p.122)

Embora somente em 1565 tenha-se oficialmente elevado o assento mineiro de Potosi à condição de Vila, na crônica de Orsúa y Vela, desde seu descobrimento em 1545, o cronista esforça-se em enobrecer e decantar sua terra natal com parágrafos apologéticos e deslumbrados ao longo de seu trabalho.

A muito celebrada, sempre ilustre, augusta, magnânima, nobre e rica Vila de Potosi [...] senhora dos tesouros e caudais [...] apregoada, opulenta, admiram valente e confessam invicta [...] o famoso cerro, sempre máximo, riquíssimo e inacabável [...] adorno dos sagrados templos; moeda com que se compram os céus; monstro de riqueza; corpo de terra e alma de prata [...] (Ibid,p.3)

Oh venturosa Vila, sempre régia e sempre augustal! Quão favorecida tem sido e sempre será da mão liberalíssima e grande daquele monarca supremo da eternidade, dono, pai e autor do universo; pois não somente tem querido [...] fazer-te senhora entre todas as cidades e vila do orbe, do cerro mais poderoso que goza sua redondeza, de cujas ricas entranhas tem enriquecido a terra [...] (Ibid.,p.123)

A documentação existente e já devidamente publicada e catalogada sobre a elevação de Potosi à condição de Vila Imperial possui algumas incógnitas. Inicialmente Potosi aparece subordinada à au-

diência da cidade de La Plata, hoje Sucre, sendo sabido que esta subordinação rendeu, ao longo da história da Vila, uma série de conflitos e lutas pela jurisdição das minas e da própria Vila.

Entretanto, a versão apresentada por Orsúa y Vela favorece abertamente a posição de Potosi frente ao problema, deixando de mencionar a disputa ocorrida entre os potosinos e os laplatenses sobre o controle da jurisdição das minas, deixando transparecer que o problema foi resolvido apenas pela grandeza que Potosi desempenhava no imaginário espanhol e nos cofres reais.

Esta disputa, primeiro travada em nível do próprio vice-reino, posteriormente foi resolvida diretamente pelo rei. Apesar das disputas, o cabildo de Potosi se instalou em 01/01/1525, com uma jurisdição de duas léguas do contorno, dimensão esta ampliada, em 1575, para cinco léguas pelo vice-rei Toledo. Foi somente em 1656 que uma cédula real emitida por Madri confirmaria a jurisdição de Potosi, entretanto, a cédula real, citada por Orsúa y Vela, que estabelece em grande estilo a elevação do assento mineiro à condição de Vila Imperial, não é citado pelas atas do cabildo Potosino.

Nem mesmo o extenuante trabalho coordenado por Lewis Hanke, para a edição da obra de Orsúa y Vela, realizada pela Brown University, conseguiu localizar a cédula real mencionada pelo cronista, confirmando, de certo modo, essa tendência engrandecedora existente no seu trabalho.

A situação de Potosi foi um tanto peculiar, pois, mesmo sendo ela a responsável pela produção de grande parte da riqueza que tomava o caminho da Espanha, viu-se constantemente controlada por outros centros urbanos, como pela Cidade dos Reis (Lima) e La Plata (Sucre).

Muitos cidadãos com grande influência econômica em Potosi não residiam ali, preferindo a amenidade climática de La Plata, ou o ambiente cortesão de Lima, sede do vice-reinado. Essa situação transformou Potosi em um grande centro produtor que abrigava uma parte de sua elite, enquanto a outra parte preferia as suas cercanias.

A disputa entre os potosinos e os laplatenses não aparece no trabalho de Orsúa y Vela, nele só há espaço para a grande vila de Potosi, não existindo um questionamento de seu passado, nem se

permitindo a divisão de sua glória com outras localidades, especialmente o que o autor considera um refúgio, que foi La Plata afinal,

Esta firme maravilha
Os meus a descobriram
Por isso a todos deram
Glória e fama nesta vila.
(Orsúa y Vela, op.cit., p.274)

3. A RETIRADA DA RIQUEZA

Porque transbordarás para a direita e a esquerda; a tua posteridade possuirá as nações e fará que se povoem as cidades assoladas.

Isaias 54.3

3.1 CADINHO DA AMÉRICA

A descoberta das minas de prata peruana representou um dos mais importantes acontecimentos da história americana. Potosi foi, durante muito tempo, o coração econômico, a **“jóia do Império”**, o impulsionador da economia colonial sul-americana, diversificada e dependente deste centro minerador.

Entretanto, este trabalho não pretende ser um estudo do processo de formação e segmentação do espaço econômico minerador dos Andes, tampouco enfatizar o papel da exportação de metais desde Potosi até a Europa e suas repercussões. O que se procura resgatar é um estudo mais localizado e menos abrangente daqueles já realizados pela historiografia em geral.

Potosi já possui um lugar destacado na história em função de sua contribuição metálica à econômica européia e americana; entretanto, é sobre Potosi que gostaríamos de centrar o nosso trabalho, nos permitindo, com a ajuda dos documentos, falar de suas lendas, da organização de seu espaço e de sua mão-de-obra. É esse Potosi, transcrito por alguns cronistas, que gostaríamos de trazer à tona, sem uma preocupação com alguns temas já estudados.

No entanto, falar de Potosi deve passar por algumas etapas que se colocam fundamentais para a compreensão desse espaço urbano isolado nos Andes. Compreender a sua dinâmica pressupõe tratar do seu descobrimento lendário, quase uma revelação divina, conhecer como os governadores espanhóis trataram de

organizar a vila e o processo produtivo e, ainda, entender como outras regiões foram incorporadas economicamente em função da prata potosina.

Este é um trabalho que sugere uma infundável busca que não se esgota aqui, e que procura pautar sua atuação seguindo firmemente pelo caminho dos documentos, testemunhas presentes da história do “cadinho da América”, o local onde as lendas, tradições, ambições e a própria cultura se fundem com a prata do interior da montanha.

3.2 O INÍCIO DA EXPLORAÇÃO

Os primeiros anos que se seguiram à descoberta das minas, em 1545, representaram o período da extração de prata realizada com o minério de mais alto teor, praticamente puro, em veios que muitas vezes se situavam a céu aberto ou a uma pequena profundidade.

Estes fatores foram determinantes e predominantes em uma primeira fase da exploração argentífera de Potosi, estendendo-se desde a descoberta das minas, até 1564. Neste período, foram aproveitados apenas os veios mais ricos e com teor de prata mais alto, desprezando-se aqueles minérios mais pobres e os mais profundos.

A abundância de riqueza, a rapidez com que se retirava da terra uma grande quantidade de prata, relegou a um plano secundário os veios que ofereciam um grau de dificuldade maior para a exploração.

Esta fase inicial utilizava uma tecnologia bastante rudimentar, se comparada às técnicas atuais. Baseava-se na utilização da mão-de-obra indígena e no seu sistema secular de levar o minério extraído ao fogo e atirá-lo com foles, método que ficou conhecido como da Wayra ou Guairá.

A Guairá era uma técnica que utilizava um forno de pedra ou barro que ficava nas encostas do cerro, próximo aos veios e bocas de minas, e que era aquecido com palhas e lenhas da região. Posteriormente, este primitivo forno de barro ou pedra recebe uma chaminé perfurada, que permite que os fortes ventos da região potosina mantenham o fogo com bastante vivacidade, facilitando

a queima do minério no interior do forno e eliminado os foles manuais³⁷.

A utilização da Guáira, em larga escala, acompanhou a existência de minérios mais ricos, chegando seu número no auge da exploração pela queima a 6.497 fornos³⁸. Por volta de 1560, o decréscimo da produção e da rentabilidade do mineral extraído provocava a queda acentuada da produção de prata. O rendimento cada vez menor ocasionou, inclusive, o abandono parcial da exploração da maioria dos veios e um certo despovoamento da região³⁹.

Um fator determinante para a reversão deste quadro foi a chegada ao Peru do sexto vice-rei peruano, Dom Francisco de Toledo⁴⁰. A chegada de Toledo marca a reorganização da produção de prata e o repovoamento geral da região, graças a diversas medidas de caráter administrativo e, principalmente, pela introdução de uma técnica de refinamento do minério que possibilitou o aproveitamento daqueles minerais com baixos teores de prata.

Orsúa y Vela, sabedor da importância da ação deste vice-rei para a vida econômica de Potosi, assinala da seguinte forma a chegada de Toledo:

Com empenho, pois, subiu o excelentíssimo senhor Dom Francisco de Toledo, caminhando mais de 400 léguas, desde a cidade dos Reis até esta Vila Imperial, e chegou a ela pelo mês de novembro de 1572. Fez-se um grande recebimento, alegrando e aplaudindo sua chegada com quinze dias de custosas festas, pois para manifestar sua grandeza esta Vila Imperial não recusou gasto algum [...] Passados quinze dias de festas, sua excelência começou a pôr em ordem o que convinha ao bom governo e boa disposição do cerro e das minas [...] (Orsúa y Vela, 1965.p.145)

³⁷ Segundo o registro de Baldivieso, “[...]um tal de Juan Marroquí havia ensinado a fazer uns fornos de barro que se chamavam guayrachinas ou guáiras. O introdutor do forno de barro voltou para Castela e colocou em seu escudo o distintivo da guáira. (Baldivieso, op.cit., p.143)

³⁸ O estudo dos documentos sobre Potosi dão conta que “[...] em certa época do auge da utilização das guáiras, elas eram em número de 6.497 [...]” (Ibid, p.143)

³⁹ Este dado pode ser confirmado a partir da observação das tabelas de crescimento populacional, já citadas anteriormente.

⁴⁰ Em 30/11/1569 Toledo substituiu Lope Garcia de Castro como vice-rei do Peru.

A utilização apenas do minério rico ou de alto teor, nos primeiros vinte anos de trabalho nas minas de Potosí, criou uma quantidade de muito grande de dejetos que foram amontoados ao pé do cerro.

Esses restos da extração dos primeiros tempos eram compostos por minerais de baixos teores, comumente chamados de Potosi de Pacos, e que não poderiam ser beneficiados por um processo tão rudimentar quanto o da Guaiá. Os depósitos desses dejetos eram chamados de Desmontes, sendo alvo de inúmeras brigas após a introdução do novo método de purificação realizado por volta de 1570. A partir desta data, uma nova fase na exploração das minas e no crescimento da Vila se iniciou.

Dom Francisco de Toledo realizou uma visita a Potosi em 1572⁴¹. A importância deste evento relaciona-se com o conhecimento mais detalhado dos problemas da vila a partir do qual Toledo pôde tomar diversas determinações para reger o mais importante centro minerador do império espanhol no século XVI.

A importância da chegada de Toledo ao Peru deve-se, sobretudo, ao seu poder de organização e à introdução de um novo método de benefício do metal de prata, que foi o amálgama de mercúrio⁴².

Este método permitiu a reutilização dos dejetos anteriormente não beneficiados e garantiu que novos veios fossem abertos, mesmo diante do baixo teor do mineral extraído. O amálgama de mercúrio permitiu a reutilização dos desmontes, levando inúmeros cidadãos da Vila a disputarem violentamente sua posse. Este fato, de graves conseqüências para a tranquilidade política da Vila, levou o Cabildo a agir com rigor, aprovando uma ordenança em 01/02/1572, que classificava os desmontes como comuns a todos aqueles que queriam aproveitá-los.

⁴¹ A chegada de Toledo ao Peru acontece em 1569, entretanto, sua visita a Potosi não acontece imediatamente, somente em 23/11/1572 é que Toledo chega à Vila, sendo recebido fora dos limites de Potosi pelo Cabildo que preparava sua chegada com uma solenidade pomposa desde 29/08/1572, quando o cabildo determinou a preparação da recepção ao vice-rei.

⁴² O método da amalgamação consiste na separação da prata em relação às impurezas encontradas no mineral onde esta se aloja. A amalgamação por mercúrio é a utilização deste, como agente purificador do nobre metal, devido às suas propriedades especiais, que será tratado mais adiante.

Se no auge da utilização das guaiás seu número chegou a mais de seis mil, posteriormente, com a introdução do refino através do amálgama, elas praticamente desaparecem. Juntamente com a introdução do refino através do mercúrio, outro elemento é incorporado a esse processo para aprimorá-lo: o sal. Coube ao vice-rei organizar o novo sistema produtivo, bem como providenciar os elementos indispensáveis ao andamento do trabalho.

O sal comum existia em Potosi, entretanto, o mercúrio foi trazido inicialmente das minas espanholas de Almadén, sendo posteriormente produzido no Peru, nas minas de Huancavelica, também organizadas por Toledo.

3.3 O REFINO PELO AMÁLGAMA

Na primeira fase, onde dominou a guaiá, o trabalho era todo controlado e dominado pelos indígenas, seguindo o seu sistema de trabalho. A introdução do amálgama de mercúrio requereu uma mão-de-obra mais numerosa, influenciando na organização através da mita, introduzida por Toledo, e no aprimoramento das tarefas de extração e purificação do metal.

A técnica da amalgamação foi primeiramente introduzida nas minas mexicanas, em 1557, graças ao trabalho de Bartolomé de Medina, que a teria aprendido na Europa central⁴³. Consistia na mistura do metal de prata moída e lavada com o mercúrio.

[...] seu método de beneficiamento através do mercúrio (mais tarde denominado procedimento de pátio) era utilizado nas minas de Pachuca (Nova Espanha). E teve tanto sucesso que sete anos depois [...] somente em Zacatecas já existiam 35 instalações de beneficiamento com base nesse método, que permitia explorar minérios que, pela má qualidade do metal, não se adaptavam à fundição. De 1571 a 1572, Pedro Fernández de Velasco introduziu no Peru o processo

⁴³ Segundo o relato de Bekmann,

A primeira utilização do mercúrio é comumente atribuída a uma invenção espanhola, descoberta em meados do século XVI mas, segundo Plínio, parece que ela já era conhecida na antigüidade [...] e eu estou fortemente inclinado a acreditar que este método já prevalecia na Alemanha muito antes de descobrirem as minas da América. (Beckmann, apud Gama, 1985.p.184-185)

de Medina, adaptando-o aos minérios e condições climáticas de Potosi [...] (Prieto, 1976.p.116)

O refino do minério de prata, através do amálgama de mercúrio, consiste em aproveitar o fato deste metal (mercúrio) unir-se com facilidade ao ouro, prata e vários outros metais e, a partir daí, ao adicionar-se uma quantidade significativa de mercúrio ao minério, pode-se formar uma parta que, ao ser amassada, forma o que se chama de amálgama.

Ao se unir com a prata, o mercúrio separa esta da areia, da terra e das impurezas encontradas no minério. Pode-se, então, espremer esse amálgama para retirar o excesso de mercúrio e, posteriormente, queimar o amálgama no fogo para volatilizá-lo obtendo, assim, uma prata de boa qualidade, mesmo que o minério inicial seja bastante pobre.

O padre Joseph de Acosta, além de nos relatar e confirmar o conhecimento do mercúrio como elemento importante na purificação dos metais nobres, afirma que o conhecimento dessa técnica era muito mais antigo ainda. Segundo Acosta, antes mesmo dos espanhóis o trazerem da Europa central, as propriedades do mercúrio já eram do conhecimento de Plínio.

[...] Isto é de Plínio [...] historiador de ontem, mas que parece profeta de agora [...] como se beneficia o metal de prata [...] o que é metal rico se beneficia por fundição naqueles fornos chamados Guairás [...] o metal pobre [...] por fogo não se pode beneficiar [...] até que se introduziu o benefício do azougue [...] havia antigamente nas ladeiras de Potosi [...] mais de 6.000 Guairás [...] agora se chegam a 1.000 ou 2.000 será muito [...]

O azougue [mercúrio], que por outro nome se chama Argenvivo, como também os chamam os latinos, porque parece prata viva [...] tem grandes e maravilhosas propriedades [...] sendo verdadeiro metal não é duro [...] senão líquido [...] é mais pesado que qualquer outro metal, e assim os demais nadam no mercúrio [...] E a mais importante propriedade que tem é que com maravilhoso afeto se pega ao ouro e o procura [...] pelo qual tomam o ouro os que querem se preservar do dano do mercúrio seja com o ouro e a prata [...] limpa da terra, como do cobre e do chumbo [...] sem ser necessário o fogo, que por fundição refina os metais, se bem que para separar o mercúrio da prata, também intervém o fogo [...] (Acosta, 1979.p.158-159)

A utilização do amálgama de mercúrio como elemento purificador da prata, em substituição às Guáíras, exigiu um investimento de grande peso por parte dos donos de minas e demais homens de negócio envolvidos com a produção de prata de Potosi.

Segundo os estudos realizados por Toledo, em nome da coroa espanhola, seria necessário construir moinhos hidráulicos para triturar o metal mais pobre extraído do cerro, a fim de prepará-lo para receber o sal e o mercúrio.

Devido à inconstância do regime de chuvas e aos problemas decorrentes da falta de um curso de água regular, havia a necessidade de construir um sistema hidráulico integrado que recolheria a água das chuvas. Também seria necessário um canal artificial, diversas represas e uma série de moinhos. Sem dúvidas, uma obra colossal que requereu muito trabalho e determinação dos mineradores, além de um vultuoso investimento.

Para reverter o quadro de decadência da produção argentífera, o vice-rei Toledo convenceu os homens de negócios de Potosi a construírem um imenso complexo hidráulico em pleno altiplano, o que possibilitaria a introdução do amálgama de mercúrio e a recuperação da produção de prata em níveis até superiores aos primeiros anos.

Inicialmente quatro milionários se ofereceram para financiar a construção de um lago que recolheria a água da chuva, investindo mais de 3.000.000 de pessoas em um sistema formado por trinta e duas lagoas, um canal artificial de dezesseis quilômetros, dezoito represas para controlar o volume das águas e uma série de moinhos destinados a moer o minério⁴⁴.

Essa grandiosa obra de engenharia começou a ser erguida em 1572, embora, ao falar dela, Orsúa y Vela nos passe a impressão de que sua construção não foi problemática e que todo o complexo foi erguido em um curto espaço de tempo, sem demandar esforços de muitos anos de trabalho. Em sua crônica, esta obra surgiu quase que milagrosamente:

[...] subiu o excelentíssimo senhor Dom Francisco de Toledo [...] entrando pessoalmente em todas as minas, acompanhado dos homens mais experientes [...] depois de vê-las neste e noutros dois dias [...] propôs,

⁴⁴ Hemming, 1982.p.500.

com convincentes argumentos quão conveniente seria se fossem fabricados engenhos para moer o metal do cerro. Parecendo bom o que Toledo dizia, todos prometeram que o fariam às suas custas, sem que se retirasse um “maravedi” da fazenda real, embora o vice-rei os tenha oferecido em muita quantidade [...] Puseram-se à obra, e assim começaram a fabricar, bem no centro da Vila [...] a famosa Ribeira (porque então não havia de onde viesse a água) [...] (Orsúa y Vela, op.cit., p.145)

Dom Francisco de Toledo era um funcionário real, preocupado com os mínimos detalhes de sua administração. Sua visita a Potosi, como a todas regiões importantes do vice-reinado peruano, foi procedida pela estada de funcionários de sua confiança que relatavam em extensas cartas e ofícios os principais problemas de cada região, assim como suas características básicas.

No caso de Potosi, foi destacado por Toledo o funcionário real Dom Juan Dávila⁴⁵, encarregado de observar a Vila e as minas. A partir de seu relatório, é que o vice-rei pôde tomar suas decisões quanto à reformulação do processo de extração de prata e a reurbanização de Potosi.

Também são muitos os cronistas que tratam dos benefícios utilizados na purificação dos minerais portadores de prata, entre eles temos o próprio Orsúa y Vela, além dos já citados – Pedro Cieza de León e, principalmente, Joseph de Acosta. Estes se caracterizaram como os mais expressivos, devido a sua contemporaneidade com os trabalhos realizados nas minas, diferentemente de Orsúa y Vela, que escreveu sobre o século XVI, mas não o vivenciou.

A recuperação de tais cronistas no interior de nosso trabalho funciona como uma consulta às fontes que o próprio Orsúa y Vela usou para compor as suas crônicas. Essas fontes possibilitam um melhor detalhamento do processo de utilização do mercúrio, bem como as etapas que envolvem a preparação do minério, pois foram descritos no momento em que estavam entrando em operação.

⁴⁵ Dom Juan Dávila foi corregedor em Potosi, nomeado pelo vice-rei Toledo entre 1573 e 1575. Posteriormente, foi novamente destacado para o posto no período de 1583 a 1585 no governo do vice-rei Dom Martín Enríquez. Ver nos anexos as tabelas dos vice-reis e dos governantes de Potosi.

[...] o metal se mói muito bem primeiro com martelos de engenhos, que golpeiam a pedra [...] e depois de bem moído o metal [...] fazem uma farinha [...] a mortificam com salmoura [...] para que o sal desengraxe a farinha do metal, do barro ou da lama que tem, com o qual o mercúrio recebe melhor a prata [...] e assim vão revolvendo o metal para que todo ele se comunique com o mercúrio [...] colocam o metal em umas tinas com água, de onde com alguns molinetes ou rodas da água, mexendo ao redor do metal [...] vai saindo o barro ou a lama do metal em água corrente, e a prata e o azougue como coisas mais pesadas, fazem assento ao fundo da tina. O metal que fica está ainda com areia, e dali o retiram e levam para lavar outra vez com bateias [...] e ali acaba de sair o barro, deixando somente a prata e a lama vai sempre algo de prata e mercúrio que chamam relavos, e também procuram depois retirar e aproveitar.

Limpa a prata e o mercúrio [...] tomam todo esse material e, fechando-o em um lençol, expremem fortemente, e assim sai todo o mercúrio que não está incorporado à prata [...] e para separar a prata do mercúrio se põe em fogo forte, cobrindo-os com um vaso de barro [...] e colocando assim no fogo, com o qual o mercúrio exala em forma de vapor [...] se destilando [...] por um canhão em forma de alambique, recebendo-se todo o mercúrio que se destila, e torna-se a reutilizá-lo [...] ficando a prata [...] em peso, 5 partes menos que antes [...] destas pinhas se faz uma barra de prata que pesa 65 ou 66 marcos e assim se leva para ensaiar, quintar e marcar. E é tão fina a prata retirada por mercúrio, que jamais baixa de 2380 de lei [...] (Acosta, op.cit., p.163-164)

Esse depoimento do padre Joseph de Acosta, transcrito parcialmente, permite-nos compreender como aquela sociedade mineradora respondeu tecnologicamente à sua decadência econômica. Tal decadência foi revertida com a introdução por Dom Francisco de Toledo da purificação da prata através do mercúrio. Esta medida só foi possível de ser implementada graças a outras obras de engenharia realizadas em Potosi.

A construção de lagunas e da Ribeira para abastecer de água os engenhos de moagem e lavagem do mineral foram fundamentais para a implantação e o sucesso do método do amálgama de mercúrio. A distribuição irregular do regime de chuvas provocava a interrupção do trabalho durante longos períodos do ano, pois a

água em abundância só existia naturalmente durante três ou quatro meses, entre outubro e fevereiro, problema esse que seria parcialmente resolvido com um sistema controlado de reservatórios: as lagunas.

Essa irregularidade do regime de chuvas e, conseqüentemente, a necessidade da abundância de água para a lavagem do mineral nos engenhos, levou Acosta a dizer que

[...] quando se enchem as lagunas e o ano é copioso de águas, dura a moagem de 6 a 7 meses, de modo que, também para a prata, pedem os homens um bom ano de águas em Potosi, como em outras partes para o pão [...] (Ibid, p.165)

O engenho era mais que uma unidade produtiva, nele estavam normalmente a casa do azougueiro⁴⁶, os armazéns do mineral, os depósitos de sal, cal, cobre, mercúrio, lenha para os fornos, além das acomodações para cerca de trinta a cinquenta indígenas trabalhadores do engenho e a capela para as atividades religiosas.

O crescimento de seu número foi bastante acelerado, fazendo com que, na virada do século XVI, Potosi contasse

[...] na Ribeira [...] com 48 engenhos de água [...] outros 4 do outro lado [...] No vale de Tarapaya existiam mais 22 [...] existindo em Potosi outros 30 engenhos de cavalo e fora de Potosi alguns outros [...] (Ibid, p.166)

Conforme a descrição de nosso cronista,

Cada engenho está cercado de muralhas de pedra, alguns com uma vara e meia de altura, outros com duas, com suas portatas [...] cada um desses engenhos tem de largura e comprimento uma quadra em proporção geométrica [...] (Orsúa y Vela, op.cit., p.168)

O conjunto de lagunas e da ribeira foi construído em um espaço de trinta anos, sendo que o número máximo de moendas é atingido em 1610, com cerca de 140 engenhos na região sob a jurisdição potosina.

⁴⁶ A denominação azougueiro provém de azouge, mercúrio em espanhol. Segundo Orsúa y Vela, esta era a denominação preferida pelos donos de engenho e minas de Potosi. Ao deixarmos a palavra no original espanhol, estamos respeitando o nosso cronista principal que, por sua vez, fazia uma espécie de homenagem a estes homens.

[...] começou-se a obra da famosa Ribeira pelo mês de dezembro do ano de 1574, havendo antes [...] uma soleníssima missa e oração geral, descobrindo-se o Santo Cristo de Vera Cruz de São Francisco [...] em cujo nome se começaram as obras [...] (Ibid, p.157)

A importância que este conjunto hidráulico teve para o desenvolvimento de Potosi é tão evidente que os únicos desenhos presentes na sua obra inteira e que retratam algo de Potosi são gravuras de suas lagunas. Embora Orsúa y Vela não fosse um gravador, a importância que as lagunas desempenharam para o prosseguimento da exploração argentífera nas minas de Potosi deve ter influenciado na decisão de incorporar esses desenhos em sua obra.

Sem as lagunas, a introdução do método de refino da prata pelo amálgama de mercúrio não teria sido possível em Potosi, portanto, já em pleno século XVI, a Vila estaria imersa em uma decadência irreversível diante do esgotamento dos veios mais ricos.

Esse processo assegurou uma sobrevida de mais de cento e cinquenta anos. Evidentemente depois da exploração inicial e da retomada acontecida com a nova técnica, o metal que saía das minas tornou a diminuir.

As informações sobre a construção da Ribeira e das lagunas não são muito abundantes, tanto na obra de Orsúa y Vela, quanto na de outros autores, entretanto, Orsúa y Vela nos revela que:

[...] ocuparam-se na construção da Ribeira 66 mestres (obrigando-se a fabricar 100 engenhos inicialmente, depois mais 32) e mais 200 oficiais, todos espanhóis com 4.000 indígenas para o trabalho. Nas obras das lagunas estiveram envolvidos 20 mestres e 6.000 indígenas trabalhadores; e assim se gastaram muitos milhares de pesos [...] em salários e mantimentos. (Ibid., p.157-158)

Ainda sobre a construção das lagunas, Orsúa y Vela nos informa sobre suas dimensões e seu custo. Segundo seus dados,

Tem finalmente esta laguna de São Sebastião 2.000 passos de contorno e a profundidade na comporta é de 20 varas. As outras duas de São Lázaro e São Pedro são menores, e todas três se custearam com 900.000 pesos. A distância que existe desde a laguna de São Sebastião até a Vila é de meia légua curta, e a de Caricari [...] dois quartos e meio de légua [...] (Ibid., pp.166)

A construção dessa complexa rede hidráulica, ao longo de vários anos de Potosí, seguiu um planejamento iniciado por Toledo, que previa o gradativo investimento de parte da riqueza extraída do cerro, no aperfeiçoamento do sistema de lagunas e da Ribeira. A maneira como Orsúa y Vela conduz sua história dissipa este planejamento e, ao mesmo tempo, enaltece os cidadãos potosinos pela imediata aceitação da tarefa e rápida construção das obras.

Na verdade, essa é uma posição bastante pessoal do cronista, que nem sempre encontra respaldo em documentos como escrituras e mesmo ordenanças do Cabildo. Embora grande parte da documentação sobre as lagunas não seja encontrada, é bem provável que tivesse ocorrido um lento processo de construção, ao invés do heróico e instantâneo esforço descrito por Orsúa y Vela, que procura valorizar a ação dos cidadãos da Vila Imperial, dando poucos créditos aos administradores e técnicos da coroa que criaram condições para a modernização da atividade mineradora.

Entre muitos homens que trabalham pelo aperfeiçoamento do processo produtivo encontramos, com destaque, o trabalho do vice-rei Dom Francisco de Toledo.

3.4 A ADMINISTRAÇÃO DO VICE-REI TOLEDO

O vice-rei Dom Francisco de Toledo tem sua biografia tratada por vários historiadores, além de sua administração ser uma das mais estudadas em termos do Peru colonial. O motivo de tanto interesse provém de que seu governo foi um dos que mais trabalhou para o estabelecimento definitivo do poder imperial espanhol no Peru.

A grande quantidade de documentos produzidos durante os anos em que esteve à frente do vice-reinado procuravam normatizar a vida e o trabalho dos homens sob o seu comando, acabando por reder-lhe o título de “Sólón do Peru”, tal foi o volume de ordenanças expedidas por ele.

O historiador Lewis Hanke chega mesmo a perguntar:

[...] se Toledo teve êxito em estabelecer uma sociedade indo-européia cristã e pacífica naquela que havia sido a região mais turbulenta do império espanhol na América, ou se sua atuação em realidade criou um despotismo severo e estranho, cujo propósito era a destruição dos índios. (Hanke, 1977.p.204)

Entretanto, é inegável a importância do trabalho de Toledo na organização do Peru colonial, embora não tenha tido o devido reconhecimento das autoridades espanholas.

Tão logo colocou os pés no Peru, Toledo já agia de forma diferente de seus antecessores. Levando uma vida simples, quase espartana, este vice-rei procurou, pessoalmente ou através de informantes de extrema confiança, levantar os problemas que atingiam toda a extensão da área colonial por ele governada.

Era honesto, porém frio e insensível. Um homem com o cérebro e a energia de um bom advogado e o temperamento de um asceta [...] (Hemming, 1982.p.483)

Se não bastasse esta série de elogios, Toledo ainda foi chamado de sábio por um dos maiores pesquisadores sobre o Peru colonial, o historiador Lewis Hanke.

O vice-rei Dom Francisco de Toledo, sábio legislador, administrador enérgico, foi o maior governador que jamais enviou a Espanha ao Peru [...] (Hanke, 1959.p.573)

Esse tom enaltecido dirigido pelos pesquisadores a respeito de Toledo poder ser comparado aos comentários sobre outros governadores peruanos que o antecederam. O cruzamento de tais informações podem ser extremamente esclarecedoras para demonstrar como Toledo foi um divisor de águas na administração do vice-reinado e que fez um governo baseado, não no favorecimento pessoal, mas, acima de tudo, na firme e moderna tarefa de organizar o Peru dentro das atribuições que lhe cabiam no contexto colonial, subordinado à monarquia centralizadora da Espanha.

Lewis Hanke descreve assim os predecessores de Toledo:

Desde o cabeçudo e malogrado primeiro vice-rei, Blasco Núñez Vela, até a época de Dom Francisco de Toledo, houve de tudo entre os governantes do Peru: o tão prudente como enérgico presidente Dom Pedro de La Gasca, o valente e autocrático vice-rei Marquês de Canete, o rígido funcionário do conselho das Índias, Licenciado Lope de Castro, sem falar do breve regime do benemérito Dom Antonio de Mendoza, antigo vice-rei da Nova Espanha. (Shafer, apud Hanke, 1977.p.204)

Uma estranha coincidência uniu os antecessores de Toledo no comando do vice-reino. Todos, com exceção do Marquês de Canete, haviam morrido durante o cumprimento de seu mandato.

Canete talvez tenha sido uma exceção devido ao seu afastamento antecipado pelo rei, que recebeu inúmeras queixas sobre a sua administração, resolvendo substituí-lo.

Este detalhe, aparentemente informativo, encobre uma realidade da vida peruana durante a segunda metade do século XVI. A esse tempo, o Peru era uma região bem menos governável que o México, por exemplo. Sua maior extensão territorial, a diversidade de áreas geográficas (litoral, serras, florestas, etc.), a imperícia aliada ao pouco tempo em que os governantes ocuparam seus cargos, somando-se ainda às disputas entre os espanhóis de várias partes da Espanha, tornavam a região uma área de difícil governabilidade e organização.

Estas inúmeras dificuldades encontraram em Toledo um administrador incansável e disposto a encarar os desafios que se levantaram continuamente.

[...] insistia em ver as coisas pessoalmente antes de ditar remédio [...] Impunha respeito e obediência e [...] adquiriu poder e prestígio, porém seus métodos autocráticos lhe arrumaram muitas inimizades no clero e nas audiências do Peru, e tão pouco tinha grandes amigos no Conselho das Índias. Até Felipe II mostrava certa frieza frente a este proeminente funcionário público. (Hemming, 1982.p.483)

Uma das características de Toledo era a de conhecer todos os cantos e regiões administradas por ele, graças às informações passadas por seus funcionários de confiança que percorreram o Peru, registrando minuciosamente as potencialidades humanas e naturais de cada localidade. Posteriormente, este trabalho pôde servir de base para organizar e normatizar a produção, a urbanização e estruturar a mita. Da mesma forma como Toledo agiu em Potosi, destacando o funcionário Juan Dávila para realizar um levantamento inicial, agiu assim em todos os cantos de seu vice-reino.

Com a intenção de estabelecer definitivamente o controle jurídico-político da Espanha sobre o Peru, tornando-o tão governável e servil quanto outras partes do continente americano, Toledo inicialmente concentrou seus esforços para vencer jurídica e militarmente o último remanescente da resistência Inca, Túpac Amaru, em Vilcabamba.

Também organizou uma série de documentos contrários à monarquia Inca, classificando-a como sendo de usurpadores e

conquistadores recentes, portanto, sem condições para governar o reino, o que daria o direito aos espanhóis de retirá-la do poder e instalarem-se como libertadores do Peru.

A expedição militar a Vilcabamba⁴⁷ retornou de sua missão em setembro de 1572, trazendo prisioneiro Túpac Amaru e os outros principais Incas. Rapidamente Toledo organizou o julgamento dos prisioneiros, sendo Túpac Amaru sentenciado à morte e os outros ao desterro. Toledo esperava, com essas medidas, afastar de seu vice-reino todos aqueles indivíduos que pudessem vir a reclamar o trono do Peru e questionar sua autoridade, bem como a dos próximos governantes.

Túpac Amaru era o último filho de Manco Inca⁴⁸, sendo degolado em praça pública em vinte e quatro de setembro de 1572 na cidade de Cuzco.

Além da morte do herdeiro direto do último monarca Inca e da expulsão de quase toda a linhagem imperial do Peru, Toledo decidiu completar a humilhação incinerando as múmias dos antepassados indígenas. Segundo os historiadores Lewis Hanke e John Hemming, a série de medidas adotadas por Toledo contra os últimos resistentes do império Inca foi o definitivo golpe dos espanhóis em uma conquista que se iniciara em Cajamarca, com a prisão de Atahualpa⁴⁹.

A execução de Túpac Amaru e o desterro da linhagem imperial, entretanto, não teve uma recepção positiva, tanto por parte da Igreja, como pelo Conselho das Índias. No que diz respeito à Igreja, ficou bastante claro o descontentamento tomados por Toledo. Nes-

⁴⁷ Em 14/04/1572, Dom Francisco de Toledo declara publicamente a guerra contra os incas fortificados em Vilcabamba. Em 01/06/1572 se dá um dos mais importantes confrontos dessa guerra, quando o comandante espanhol Hurtado de Arbieta enfrenta o exército de Túpac Amaru. Em 20/06/1572, finalmente, Hurtado de Arbieta toma a fortificação inca de Vilcabamba.

⁴⁸ Túpac Amaru (serpente real) era filho de Manco Inca, neto de Túpac Huallpa e bisneto de Huayana Cápac, este o último imperador inca a não conhecer pessoalmente os espanhóis, pois morreu provavelmente de varíola ao se aproximar do grupo de Pizarro em 1526. Foi a sucessão ao trono de Huayna Cápac que abriu a divisão entre Atahualpa e Huáscar, aproveitada com maestria pelos espanhóis para conquistar o Peru.

⁴⁹ Após a penetração no interior do império inca, através de Túmbez, Pizarro aprisionou Atahualpa na cidade de Cajamarca em 26/11/1532.

sa investida do vice-rei contra os Incas, evidencia-se que sua intenção também era a de combater as idéias de frei Bartolomé de Las Casas, chegando, inclusive, a ordenar o recolhimento de seus livros no Peru, solicitando ao rei a proibição do envio de mais exemplares à América.

Ao falar de Las Casas, Toledo afirmou:

[...] os livros do fanático e virulento Bispo de Chiapa serviriam como ponta de lança para atacar o domínio espanhol na América [...] (Toledo, apud Hanke, 1959,p.275)

Entretanto, as opiniões do vice-rei não convenceram a todos em sua época, a sua argumentação não teve plena aceitação mesmo com ele evocando o império espanhol como causa maior. Até mesmo o padre Joseph de Acosta, certamente um dos religiosos mais importantes de seu tempo, criticou a atitude de Toledo, sem no entanto mencionar seu nome.

Acosta refutou as idéias do vice-rei, tratando-o com um grande desprezo e acusando suas teorias de serem falsas, dizendo que “[...] não é lícito roubar ao ladrão, nem o crime alheio dá direito ao nosso.” (Ibidi., p.282)

Para impor suas decisões quanto ao futuro dos incas aprisionados em Vilcabamba, Toledo não hesitou em utilizar um instrumento bastante persuasivo para forçar sua obediência entre leigos e religiosos, a Inquisição. Com ela o vice-rei pôde ameaçar os padres e predicadores obtendo, da grande maioria, o silêncio.

Orsúa y Vela também dedica algumas passagens de sua obra para falar de Toledo, entretanto, sem fornecer detalhes de sua administração naquilo que não se refira a Potosi. Um dos poucos comentários sobre a atuação de Toledo como vice-rei é quando o cronista relata a fria recepção que teve Toledo ao retornar à Espanha após seu governo no Peru.

[...] quem diria que sua Excelência, depois de um trabalho tão sumamente aplaudido neste reino peruano, haveria de ter na Espanha um contrário parecer e desigual correspondência? Assim sucedeu que o dito senhor vice-rei mandou degolar ao Inca Felipe Túpac Amaru contra o parecer de muitos bons cidadãos e particularmente do Bispo de Popayán [...] e assim mesmo fez desterrar todos os seus herdeiros, que foram que pereceram em paragens muito remotas [...] que seu motivo foi para que em nenhum tempo tives-

se ou pedissem direito à monarquia. Voltou à Espanha sua Excelência depois de haver governado este reino por 16 anos [...] pensando ser premiado por estas suas ordenanças. Visitou o rei Dom Felipe II que o recebeu com meu semblante, pois já sabia o que ele havia feito, e assim lhe disse: “Eu não te enviei para que matasse reis, senão para que servisse reis.” Foi para sua casa e em breve tempo a pena que recebeu lhe quitou a vida. (Orsúa y Vela, op.cit., p.155)

Mesmo a repreensão que sofrera de Felipe II ou seu autoritarismo no trato da questão indígena, não apagam a importância para o Estado espanhol das decisões tomadas por Toledo. Na opinião do historiador John Hemming:

[...] Toledo havia decidido, em poucos dias, o que Isabel I da Inglaterra levou 19 anos para decidir: Que dois soberanos de religiões diferentes não podem existir no mesmo país. (Hemming, op.cit., p.547)

Além de se preocupar com a afirmação do poder imperial espanhol no Peru, Toledo procurou desenvolver economicamente o vice-reino, além de urbanizar os centros populacionais peruanos dentro das características espanholas⁵⁰.

Foi sua preocupação erradicar os sítios mal traçados, dando-lhes uma divisão quadricular que representava um tipo de organização espacial que dividia as povoações espanholas e indígenas, também separando estes últimos de seus lugares sagrados e tradicionais. Em Potosi,

⁵⁰ Segundo Solano,

Sobre esta ocupação urbana se destaca a fisionomia que guardam os núcleos urbanos hispano-americanos. Salvo exceções, todos os núcleos têm as mesmas características: Tanto na criação de cidades “para espanhóis”, como na fundação do “povoados indígenas”, o modelo é único, uniforme. O formato das ruas paralelas, o modelo semelhante a um tabuleiro de xadrez. Este modelo se divulga, por comodidade ou por conveniência, a todas as paisagens e em todos os lugares, desde os terrenos ao nível do mar, até Potosi. Inclusive lá em cima, nas alturas incríveis de 4.300 metros, se desenhou este modelo. (Solano, sd.p.155)

[...] Logo depois de haver marcado o sítio onde se fabricaria a Ribeira, fez o vice-rei alargar as ruas e dividir a povoação de índios, separando-a dos espanhóis [...] construção de um canal de 10 varas, todo de pedra e cal, de oriente a ocidente por uma légua, para que por ela corresse a água quando chovesse [...] fabricar 22 pontes [...] mandou também fazer uma praça nova chamando-a Regozijo, diante da igreja maior, tão espaçosa que tinha 250 X 130 varas com uma rua pelo meio dela [...] Desembocavam nesta grande praça 10 ruas, duas por cada esquina nos quatro cantos e duas no meio.

Formaram-se outras duas praças que se ligam com a do regozijo: a primeira (menor) para que nela se vendessem as galinhas, ovos, manteiga, carvão e outros mantimentos [...] a outra é a famosa praça do Gato [...] que também chamam de Baratillo [...] sendo do mesmo tamanho da praça do Regozijo que, como disse, mandou fazer o vice-rei. Tem esta praça do Gato ou Baratillo duas ruas [...] (Orsúa y Vela, op.cit., p.148)

Ao tratar mais diretamente da questão indígena propriamente dita, Toledo procurou eliminar as diversas simulações retóricas de que todos eram iguais (espanhóis e indígenas), principalmente o conceito de que os peruanos eram vassallos livres⁵¹.

De certa forma, Toledo realizou uma tentativa bastante significativa de modificar uma das características básicas da conquista e da colonização, a encenação. Esta havia procedido a ação em vários momentos anteriores da história americana, sendo que o ato simbólico, público e mesmo teatral seria uma das marcas da colonização, onde a manipulação das formas de representação transformaria os conflitos causados pela conquista⁵².

Toledo, ao atacar o espetáculo, procurou atingir a cenografia, que foi a linguagem de comunicação dos primeiros conquistadores, baseada nos princípios renascentistas, onde a estetização da vida pública e da relação entre espanhóis e indígenas fez parte do principio norteador da sobrevivência cultural, especialmente dos descendentes dos incas do Peru.

⁵¹ Entre 1771 e 1773 Toledo realiza a redução dos indígenas nos chamados “pueblos”.

⁵² Quando falamos de encenação e manipulação estamos pensando em teatralização. “Portanto, a comunicação visual e a teatralização foram as primeiras formas de contato entre as culturas [...]” (Silva, 1991.p.118)

A atitude de Toledo quer demonstrar esse jogo de palavras e gestos, denunciando em sua atitude uma modernidade mais próxima da colonização inglesa do que ibérica⁵³.

Amparado em um grande número de ordenações, Toledo procurou garantir a proteção dos indígenas com uma legislação abrangente e paternalista. Por outro lado, organizou a redução de grande parte da população indígena, afetando cerca de 1.5 milhões de pessoas em todo o reino.

Os caciques maiores chegaram a oferecer 800.000 pesos para que Toledo desistisse dessa empresa, entretanto, o vice-rei agia como representante de uma civilização superior e dominadora, agindo não com piedade e compaixão, mas guiando seu trabalho pela objetividade dos atos praticados.

Esse seu caráter obstinado e legalista, atento às necessidades do reino que governava, levou-o a organizar um sistema de trabalho onde o indígena pagava um tributo ao Estado em forma de prestação de serviço pessoal, a mita.

A palavra mita, que surgirá como sinônimo deste tipo de trabalho, é um vocábulo indígena que foi castelhanizado e que significa vez ou turno⁵⁴, sendo assim, a mita seria a vez de um determinado indivíduo cumprir com seu trabalho, com uma tarefa determinada, tributando em forma de cedência de mão-de-obra.

O sistema montado por Toledo impossibilitava as mulheres de “militar”. Em casa “repartimiento” ou região existia uma relação de cerca de 20% da população masculina entre dezoito e cinquenta anos que estava sujeita à mita. O conhecimento das regiões e da população peruana permitiu que Toledo criasse um sistema organizado e centralizado de obtenção de mão-de-obra para as mais diversas atividades produtivas no Peru.

⁵³ Se levarmos em conta que Toledo procurou desmontar esse espetáculo, estamos sugerindo que sua atividade é mais moderna do que barroca. Esse barroquismo, espetáculo escultórico que se abre às formas de representação, é profundamente teatralizado e estetizado na vida colonial americana. Podemos até afirmar que Toledo procurou romper com a aparência na tentativa de impedir que ela continuasse a gerenciar o movimento político, fazendo com que o conteúdo se sobrepusesse à aparência.

⁵⁴ Baldivieso, op.cit., p.57.

O primeiro “repartimento” organizado por Toledo ocorreu em 01 de abril de 1573, utilizando cerca de 3.773 indígenas⁵⁵ que trabalhariam em uma atividade extenuante, com uma jornada diária que iniciava uma hora e meia após o amanhecer, se estendendo até o pôr-do-sol, com um descanso de uma hora para o almoço⁵⁶.

O trabalho era realizado seis dias por semana, com descanso aos domingos e dias de festas religiosas. Diariamente, cada mitaio⁵⁷ estava obrigado a retirar das minas cerca de 50 quilogramas⁵⁸ de metal, que normalmente era conseguido após duas cargas.

Muito se tem falado sobre a origem incaica da mita organizada por Toledo, entretanto, essa ligação direta da mita Toledana com uma filiação puramente indígena é discutível.

[...] Pouco se sabe das formas que teve [a mita] antes do período dos espanhóis. Foi um trabalho em obras públicas e nas minas cujo volume ignoramos e que se fazia por períodos. Esta era a raiz inca. Toledo a tomou como idéia, porém não como sistema de trabalho, e a fez obrigatória em 16 províncias. (Ibid, p.66)

Para termos uma idéia do volume de pessoas envolvidas com a mita potosina, calcula-se que, em 1575, foram recrutados, das desesseis províncias sujeitas à mita, em cento e dezenove povoados, 13.5000 indígenas, significando este número uma sétima parte do total envolvido (14.28%) no trabalho. Portanto, o total de pessoas direta ou indiretamente envolvidas com a mita chegou a 94.5000 homens neste anos⁵⁹. Com esses 13.500 indígenas se organizou três turnos de 4.500 índios cada, sendo que cada turno era de uma semana de trabalho por duas de descanso.

O modelo de organização introduzido por Toledo se manteve constante, bem como a distribuição numérica de trabalhadores ao longo do tempo. As minas tiveram um número parecido de “mitaios” enquanto possuíam um nível satisfatório de produção, decaindo a partir do momento em que os veios empobreciam e diminuía.

⁵⁵ Ibid, p.63.

⁵⁶ Ibid, p.64.

⁵⁷ Mitaio era o nome recebido pelos indígenas que estavam submetidos à mita.

⁵⁸ Ibid, p.64.

⁵⁹ Ibid, p.67.

As observações feitas por Orsúa y Vela sobre a atuação de Toledo na organização da mita são bastante claras e transparentes. O cronista, por um lado, aceita com restrições a utilização dos indígenas no trabalho das minas pela sua suposta parcela de contribuição ao Estado espanhol, entretanto, condena veementemente os maus tratos e o excesso de trabalho a que esses homens estavam sujeitos.

Ultimamente fez sua Excelência a repartição dos índios aos donos de minas e engenhos, utilizando, para isso, muitas províncias e povoações com um número de 20.000 indígenas [...] sendo que cada província e povoação contribui em cada ano com 5.000 indígenas para o trabalho no cerro e engenhos, e isto é o que se chama de mita, que se é de tanto proveito para o mundo o trabalho pessoal, é terrível para estes índios, sendo também uma injustiça e falta de caridade o que se faz com eles. Para o seu cuidado o que se faz com eles. Para o seu cuidado criou sua Excelência um comando com título de Capitão geral da mita, a quem foi assinalada uma renda anual de 3.000 pesos, sendo muito maior as rendas que os miseráveis indígenas lhe dão em forma de mantimentos, jóias, lã e outras coisas suas, com que presenteiam e enriquecem, assim, ao dito Capitão da mita como seu protetor, que não deveria receber nada, nem oprimi-los, pois o rei descarrega nele sua consciência e lhe dá boas rendas para que trabalhe com justiça e caridade com os indígenas [...] (Orsúa y Vela, p.cit., p.152)

Como já foi dito, o número de mitaios se manteve praticamente constante, enquanto Potosi seguiu produzindo prata em quantidade importante, aproveitando a mão-de-obra de cada mitaio por cerca de doze anos⁶⁰. A evolução deste dado pode ser observado pelo quadro que se segue:

⁶⁰ O cálculo da vida útil de cada mitaio procede da soma dos anos de vida em que o trabalhador poderia ser utilizado no trabalho voluntário entre 18 e 50 anos, ou seja, durante 32 anos de sua curta existência.

Resumo do quadro da mita em Potosi

Dom Francisco de Toledo (1569-1581)	4.500	indígenas
Martín Enríquez de Almansa (1581-1583)	4.443	indígenas
Fernando de Torres y Portugal (1585-1590)	4.413	indígenas
García Hurtado de Mendoza (1590-1596)	4.434	indígenas
Luiz de Velasco (1596-1604)	4.614	indígenas
Juan de Mendoza y Luna (1607-1615)	4.413	indígenas
Francisco de Borja y Aragón (1615-1621)	4.294	indígenas
Luíz Fernández de Cabrera (1629-1639)	4.115	indígenas
Luíz Enríquez de Gúzman (1655-1661)	2.118	indígenas
Pedro Fernández de Castro (1667-1672)	3.334	indígenas
Melchor de Linán y Cisneros (1678-1672)	1.674	indígenas
Antonio José de Mendoza y Sotomayor (1736-1745)	993	indígenas

(Baldivieso, op.cit.,p.125-126)

3.5 A ORGANIZAÇÃO DE HUANCAMELICA

Convém também destacar a importância que Toledo teve na organização, não somente das minas de prata de Potosi ou da mita, mas também nas minas de mercúrio que abasteceram, em grande parte, o consumo potosino. Referimo-nos às minas de Huancavelica, pois, com a modificação do método de purificação do minério de prata de Potosi, a partir de 1570, o mercúrio passou a ser a matéria-prima mais importante dentro desse novo processo.

A descoberta das minas de Huancavelica aconteceu entre 1563 e 1566. Antes da exploração dessas minas, o mercúrio utilizado em Potosi, no México ou na Europa, provinha - em sua maioria - das minas de Almadén, na Espanha, que tinha uma produção de 149.000 quilos anuais, entre 1560 e 1660⁶¹.

A importância que passou a desempenhar Huancavelica, após a sua descoberta, pôde ser medida pelo volume que sua produção passou a representar no total produzido pelo ocidente.

[...] Huancavelica produzia cerca de 90% do mercúrio requerido em Potosi. Dos 370.000 quilos requeridos em todo o mundo, Huancavelica dava uns 60%, uns 37% Almadén e uns 3% Ydria [...]. (Ibid.,1988.p.151)

⁶¹ Ibid, p.151.

O mercúrio, como matéria-prima para o refino de prata em Potosi, foi indispensável e fundamental para uma longa sobrevivência dos veios empobrecidos do cerro. A utilização do mercúrio no processo produtivo era tão importante que, em determinado momento, os quintos reais sobre a produção de prata passaram a ser calculados sobre o consumo de mercúrio de cada engenho e não sobre a produção efetiva, destacando que, sem o mercúrio, seria impossível beneficiar o metal e, portanto, a fiscalização passou a ocorrer sobre este insumo tão valioso e não mais sobre a fundição.

Este procedimento adotado pela fazenda real levou muitos azougueiros de Potosi a contrabandear o mercúrio e a formar uma associação que se denominava “Grêmio de Azougueiros”, entidade destinada a defender os interesses dos donos de engenho frente ao vice-rei e à coroa espanhola.

Embora Huancavelica tenha sido importante para a retirada de prata de Potosi, esta só recebe de Orsúa y Vela uma breve lembrança, mesmo assim quando este fala da retomada da produção após a introdução do amálgama de mercúrio, aproveita também o autor para, mais uma vez, associar a volta da riqueza de Potosi à ação de Toledo. Embora de maneira discreta, inclui seu nome em meio ao seu texto.

Felicíssimo foi para a Vila Imperial no ano de 1571, pois nele [...] começou de novo a incomparável grandeza de Potosi, porque se encontrou material seguro e permanente para que a variedade de metais que tem este riquíssimo cerro não se perdesse nada por falta de benefício como sucedia antes [...] Enrique Garcés, português, descobriu o mercúrio no ano de 1566 [...] em 1571 se inventou o benefício do metal de prata com o mercúrio [...] foi Pedro Fernandez de Velasco, o qual com provisão do excelentíssimo senhor Dom Francisco de Toledo, comendador de Acebuche, quinto vice-rei do Peru [...] começou a retirar muita prata com o benefício do mercúrio que experimentou [...] nas minas e metais da Berenguela, com que se apreciou muito mais o mercúrio que começou-se a retirar das minas de Huancavelica. Com a invenção deste novo benefício, foi tanta a riqueza que se começou a retirar do Cerro que nem cabe comparação, nem se pode referir sem que cause admiração: porque deve-se advertir que naqueles 24 anos, desde seu descobrimento, haviam-se juntado tantos e tão grandes desmontes de metal [...] (por falta de conhecimentos e benefíci-

os) que pareciam outros pequenos cerros em tamanho, e com a invenção do amálgama de mercúrio se beneficiaram todos estes metais que se transformaram em outros tantos cerro de prata [...].

Na versão do padre Joseph de Acosta, a descoberta das minas de Huancavelica não é retratada de forma secundária em relação a Potosi, ao contrário, recebe um destaque bastante positivo. Sua descrição e a de Orsúa y Vela, embora divergindo na atenção e no espaço destinado à descrição de Huancavelica, coincidem em muitos pontos, especialmente sobre o descobridor das minas de mercúrio e o introdutor do refino pelo amálgama no Peru, levando-nos, mais uma vez, a salientar a influência de Acosta sobre o trabalho de Orsúa y Vela.

Governando o Licenciado Castro, no ano de 1566 ou 1567, se descobriram as minas de mercúrio através de [...] um homem inteligente chamado Enrique Garcés, português de nascimento [...]. Aquelas minas se chamaram Guancavelica, que se povoou de espanhóis e de índios que correram para lá e hoje em dia vêm trabalhar nas minas de mercúrio que são muito prósperas [...] (Acosta, op.cot., p.161)

Após a descoberta das minas de Huancavelica, Acosta fala também da introdução deste método em Potosi, depois do uso ser conhecido no México.

Em tempo que governava o Peru, Dom Francisco de Toledo, um homem que havia estado no México e visto como se retirava a prata com a ajuda do mercúrio, chamado Pedro Fernandez de Velasco, se ofereceu para retirar a prata de Potosi através do mercúrio; fez a prova se saindo muito bem, e no ano de setenta e um se começou em Potosi a beneficiar a prata com o mercúrio que se extraía de Guancavelica, sendo total o remédio daquelas minas, porque com o mercúrio se retirou prata infinita dos metais que estavam abandonados, que se chamavam desmontes [...] o mercúrio torna a prata pura, mesmo que seja pobre e de pouca lei [...] (Ibid, p.162)

Na verdade, a importância da descoberta das minas de mercúrio em Huancavelica superou as barreiras do Peru, sendo tratada com a máxima importância na Europa. A respeito disso, até Miguel de Cervantes chegou a escrever sobre a descoberta de Garcés, louvando-o na “La Galatea”.

De um Enrique Garcés que al Piruano
Reino enriquece, pues con Dulce rima,
Con sutil, ingeniosa, i facil mano,
A la mas ardua empresa en el dio cima.
Pues en dulce Español al gran Toscano
Nuevo lenguaje ha dado, i nueva estima,
Quien será tal que la mayor le quite,
Aunque el mesmo Petrarca resucite?

(Cervantes, apud Hanke, 1956.p.20)

A administração do vice-rei Dom Francisco de Toledo foi a responsável pela montagem, a partir de 1569, de um importante centro minerador-metalúrgico na América. A introdução do amálgama e a exploração das minas de prata e mercúrio⁶² permitiram reverter um quadro de decadência da produção, colocando as minas de Potosí em níveis comparáveis aos melhores anos de sua fase inicial, quando a existência de veios superficiais e de prata quase pura permitiram uma produção grandiosa.

Para chegar a este objetivo, Toledo teve que se preocupar com a técnica metalúrgica, a construção de uma infra-estrutura para a adoção desta nova tecnologia; o fornecimento da matéria prima (cal, sal e mercúrio), além da mão-de-obra para tocar todos estes projetos.

Além desses problemas diretamente envolvidos com o processo produtivo, o vice-rei teve que enfrentar o desafio de organizar um Estado e garantir a integração deste ao domínio imperial da Espanha. Ao iniciar o governo de Toledo, em 1569, o Peru estava superando uma primeira fase de administração. A partir dele, fica definitivamente estabelecido um poder burocrático centralizado, dirigido conforme os interesses da coroa espanhola.

Outras marcas do profundo trabalho realizado por Toledo no Peru foram: a implantação do Tribunal do Santo Ofício em 1573⁶³,

⁶² Joseph de Acosta é um cronista que detalha muitas passagens sobre o Peru. Em sua obra, mais especificamente no seu livro IV, capítulo XII, encontramos um rico material que descreve a retirada e a purificação do mercúrio das minas de Huancavelica. Veja-se: Acosta, 1979.p.162-164

⁶³ Como já foi citado anteriormente, a instalação da Inquisição no Peru serviu também aos interesses políticos de Toledo, que ameaçava com ela aqueles religiosos ou mesmo laicos que se colocavam contra suas ordenações e, principalmente, contra sua política indigenista.

a organização da defesa do Peru contra o ataque do pirata inglês Francis Drake a Callao e a fundação da Casa da Moeda em Potosi, que garantiu a circulação de moeda, facilitando as transações comerciais e evitando o contrabando de prata.

Sobretudo, seu trabalho garantiu a Potosi uma ampliação de suas perspectivas quanto à exploração do minério de prata, permitindo que aquela Vila “perdida” no altiplano peruano continuasse sua trajetória opulenta e encantadora, acabando por ser retratada na visão de um escritor como Orsúa y Vela. Aliás, o tratamento dispensado por este autor a Toledo é respeitoso, solene, reconhece seu papel na administração colonial, mas, como que tocado por Acosta, é frio e rápido ao tratar de sua administração.

É muito interessante observar, no trabalho realizado por Orsúa y Vela, que a versão da história sobre a visita de Toledo a Potosi recorda em muito a versão da bíblia sobre a criação do mundo. Se descuidarmos, parecerá que no primeiro dia da visita de Toledo, ele reorganizou a vila; no segundo, as lagunas; no terceiro, terminou a ribeira; no quarto, introduziu o amálgama de mercúrio; no quinto, dobrou a produção de prata; no sexto, organizou a administração colonial; e no sétimo, descansou, mas mesmo assim foi repreendido pelo rei.

Não foi feito tudo tão rápido e simples como parece narrar Orsúa y Vela. Infelizmente não existe, ainda, um estudo integral sobre esta importante administração vice-reinal, e quem sabe talvez não exista nunca, visto que os livros do cabildo de Potosi⁶⁴, referentes à visita de Toledo, estão desaparecidos.

Mesmo assim, a ação deste vice-rei peruano foi responsável por uma série de trabalhos genéricos, alguns como o de Orsúa y Vela, que trata secamente; outros, como Garcilasso de La Vega⁶⁵, aproveitaram sua história para dramatizar a vitória espanhola sobre Túpac Amaru, também, Guaman Poma de Ayala⁶⁶ retratando Toledo e a execução do inca a mando do vice-rei.

⁶⁴ A coleção dos acordos do cabildo de Potosi encontram-se no Arquivo Nacional Boliviano em Sucre.

⁶⁵ LA VEGA, Garcilasso de. *Comentários Reales*. México, Porrúa, 1982.2v.

⁶⁶ POMA DE AYALA, Felipe Guamán. *Nueva Crónica y Buen Gobierno*. Madrid, Historia 16, 1987.

Sem dúvida, quando nos propomos a falar do Peru colonial é impossível fazê-lo sem citar Dom Francisco de Toledo, ainda mais quando ele diretamente foi o responsável pela organização do processo produtivo da prata potosina e, de certa forma, o iniciador de um ciclo de capital gerado pela mineração que abrangeu todo aquele espaço colonial (América do Sul).

Sua ação modernizante o coloca como um dos homens que promoveu uma certa integração do espaço econômico da América, pois a produção colonial de prata resultava de uma complexa e imbricada série de atividades e processos. Essa complexidade integrou algumas áreas muito distantes do centro minerador potosino, mesmo nos extremos do vice-reinado, como a região de Quito onde se produziram tecidos, o Paraguai e sua erva mate, os tecidos e o gado de Buenos Aires e Tucumán e até vinhos e cavalos do Chile.

[...] a produção de prata que se troca no mercado por mercadorias regionais pode alcançar 50 a 60% do valor do comércio internacional que efetuava anualmente o espaço peruano. (Bonilla, 1980.p.25)

A integração ocorrida entre as regiões americanas, a partir do governo de Toledo, aliadas à morte de Túpac Amaru, levaram a coroa espanhola a suspeitar que esse “zeloso” funcionário estivesse criando um Estado eficiente e semi-autônomo, com interesses pessoais. Isso se revelava nas inúmeras denúncias recebidas pelo rei contra Toledo. Já para os “criollos”, indígenas, e mesmo a população americana em geral, o vice-rei estava consolidando eficientemente o controle do espaço andino, removendo, inclusive, alguns privilégios locais.

Suas idéias práticas, seu detalhismo burocrático, a falta de esposa e família, o projeto de montar um museu de “curiosidades” americanas e outras tantas atitudes inspiraram as mais diversas interpretações de seu governo no Peru, entretanto, seu resgate realizado por Orsúa y Vela e, posteriormente por nosso trabalho, procura analisá-lo dentro do contexto de organizador de um espaço colonial, especialmente na sua interferência sobre a produção argentífera que visava, acima de tudo, à continuidade de controle colonial pela Espanha.

4. A PRODUÇÃO DE PRATA

No había riqueza sin minas, ni minas sin índios.

Marques de Castelfuerte

[...] já que o metal se parece com os astros, o saber sobre todos esses perigosos tesouros é, ao mesmo tempo, o saber sobre o mundo.

Michel Foucault

4.1 UM BALANÇO INICIAL

Como já afirmamos anteriormente, Bartolomé Arzáns de Orsúa y Vela foi um grande compilador da história da Vila de Potosi, incorporando dados dos mais variados cronistas, alguns plenamente identificáveis e com uma influência bastante acentuada sobre seu trabalho.

Assim sendo, as informações que ele apresenta sobre a produção de prata no cerro de Potosi, na verdade provém de autores que as organizaram anteriormente. O trabalho de Orsúa y Vela é extremamente interessante, pois intercala os dados de outros cronistas com parágrafos apologéticos à Vila, tendo como ponto de partida dessa construção o descobrimento das minas e do cerro, e a incrível quantidade de riquezas dele extraída.

Entretanto, é impossível ter uma idéia mais precisa do montante da produção potosina utilizando apenas o trabalho de Orsúa y Vela. Baseados em sua obra, procuramos construir um texto que intercale, de forma organizada e relativamente cronológica, os diversos dados sobre as minas de Potosi.

Tratar desses fantásticos valores, cruzar informações dos diversos cronistas e tentar decifrar esse emaranhado indefinido não possui uma intenção de quantificar a riqueza extraída. Pensamos, ao realizar este trabalho paciente e minucioso, tornar mais evidente o peso e a abrangência da riqueza retirada das minas potosinas.

Essa sistematização e levantamento poderá, em um futuro próximo, servir de base para um estudo mais pormenorizado da sociedade potosina em outros aspectos, como a cultura e as formas de representação, o que sem detalhamento abrangente e um estudo mais apurado da localidade se tornaria muito vazio.

Esse exercício de cruzar as fontes, mantendo Orsúa y Vela como piloto dessa navegação pelos números e quantidades, representa a tentativa de reconstruir parcialmente o caminho que foi o mesmo seguido por outros escritores e cronistas, tentando demonstrar onde a emoção, os interesses e mesmo o desconhecimento, levaram esses homens a fantasiar as estatísticas sobre a produção argentífera do cerro.

A fantasia estimulada pela riqueza gerada em Potosi e a visão das grandes quantidades retiradas diariamente em uma frenética exploração parecem ter contagiado esses cronistas que nos deixaram mais do que uma mera quantificação, mas uma demonstração do deslumbramento numérico onde a lenda superou a própria noção da riqueza. O importante foi falar da grandeza de uma região que um dia foi a “jóia do império”.

4.2 O CAMINHO DOS CRONISTAS

Orsúa y Vela confere acertadamente a Pedro Cieza de León⁶⁷ o título de primeiro cronista a descrever Potosi, seu grande mercado e as riquezas produzidas no período inicial de seu descobrimento. Este cronista, muito citado por Orsúa y Vela, foi um dos primeiros a nos deixar o registro da vila de Potosi.

[...] segundo o que eu vi no ano de 1549, sendo corregedor em Potosi e em La Plata o Licenciado Pólo, em cada sábado, em sua própria casa [...] se fazia a fundição [...] e com tanta grandeza que contabilizava o quinto da prata que pertence a sua majestade mais de 120.000 castelhanos cada mês [...] Dê 1548 a 1551 se retirou em quintos reais mais de 3.000.000 de Ducados, o que monta muito mais do que os espanhóis tiraram de Atahualpa, e do que se achou na cidade de Cuzco quando a descobriram [...] (León, 1932,p.310)

⁶⁷ LEÓN, Pedro Cieza de. La Crónica del Perú. Madrid, Espasa-Calpe, 1932.

Mesmo com a existência de algumas fontes que descrevem os primeiros anos do Peru e de Potosí, existe muita dificuldade em se avançar nas pesquisas sobre a América Latina, especialmente estando no Brasil. Afora este detalhe importante, uma das primeiras barreiras que se levantam na análise dos dados sobre a produção de prata é a precariedade dos registros e o contrabando, este aproximadamente 1/3 da produção quintada, portanto, registrada oficialmente. Este fato persistiu por muitos anos, principalmente graças às complacências dos oficiais reais a cargo da cobrança. Mesmo aqueles funcionários mais zelosos na repressão à evasão de receita eram enganados pelos donos de minas que faziam o contrabando de todas as formas possíveis.

[...] Ao abordar o tema da produção mineira potosina, existe uma notória impotência. Os problemas são vários e diversos. G.B. Cobb cita o caso das autoridades encarregadas de controlar o quinto, que eram corretamente corruptas: recebiam cinco pesos e um marco pelo quinto, e entregavam somente quatro, que eram os registrados oficialmente [...] (Cobb, apud Baldívieso, 1988.p.179)

Basicamente se pode apontar dois modos de sonegar os impostos e de se registrar menos do que efetivamente se produziu. Uma das práticas era trocar a prata por produtos de outras regiões do vice-reino, evitando a taxaço e o registro e colocando em circulação uma “moeda” de aceitação geral e valorizada em todos os mercados, de Quito a Buenos Aires. A outra prática era o contrabando direto, onde duas rotas eram preferencialmente utilizadas pelos contrabandistas: alguns grupos preferiam levar a prata de Potosí a Callao, no litoral, de lá, embarcá-la até o Panamá e depois para a Europa ou México.

Outra rota utilizada, e quem sabe a mais eficiente, era a rota do sul, através de Jujuy, Tucumán, Buenos Aires e de lá para o Brasil e a Europa. Este caminho pela região platina de Buenos Aires e pelo Brasil foi intensificado a partir de 1580 com a união ibérica, que transformou a Bahia em um centro de recebimento de prata peruana e Buenos Aires em um ponto de passagem, onde muitas autoridades locais facilitavam a saída do metal e o ingresso

de mercadorias que subiriam no lombo de mulas, outra vez até Jujuy e de lá ao altiplano peruano e Potosi⁶⁸.

O estudo dos documentos oficiais também tem mostrado uma grande dificuldade em revelar com precisão os dados, principalmente dos primeiros anos de exploração. Pode-se dizer que existe uma desordem e uma descontinuidade nas anotações sobre os quintos registrados e mesmo sobre a produção total.

À sonegação e ao desleixo, com os registros oficiais, soma-se ainda a prata que era retirada aos domingos pelos indígenas nos primeiros anos, quando essa atividade era livre e permitida para garantir a sua sobrevivência e de sua família, sem um controle da fazenda real.

Além desses problemas diretamente ligados à produção, existe ainda uma confusão com as cifras e unidades de medida utilizadas para registrar a produção. Ao longo do tempo (séculos XVI, XVII e XVIII) foram utilizadas medidas como marcos, ducados, maravedis, pesos, pesos ensaiados, reais, peso de nove reais, peso de tributo, pesos de oito reais etc., o que causa uma grande confusão no levantamento geral que se pretenda realizar.

Entretanto, com algumas unidades é possível fazer uma correspondência, traduzindo, assim, as quantidades produzidas para um coeficiente único que auxiliará na compreensão dos dados fornecidos pelos diversos autores, embora exista uma margem de erro nessa correspondência e ela não incorpore todas as unidades utilizadas.

Tabela de conversão de algumas unidades para Maravedises

1 Peso Ensaiado de 12 reais	450 Maravedises
1 Peso Corrente de 8 reais	272 Maravedises
1 Marco	2.400 Maravedises
1 Ducano	375 Maravedises
1 Peso Castelhana	41.7 Maravedises

⁶⁸Sobre a questão do contrabando de prata do Peru, veja-se: HELMER, Marie. Comércio e Contrabando entre a Bahia e Potosi no século XVI. Revista de História. São Paulo, (XV): 195-212, 1953.

A utilização de unidades como o Maravedi⁶⁹ e o peso ensaiado serviam apenas como referência, eram moedas de contas, imaginárias, servindo somente para base de cálculo em transações e que perduraram durante o período da exploração das minas.

Muitas vezes, os documentos onde estão assinalados os registros da produção confundem os pesquisadores por apresentarem referências que não especificam se os valores anotados são quintos ou a produção total. Esse tipo de apontamento foi o responsável por outra grande parte das distorções encontradas ainda hoje quanto à quantidade de riqueza que Potosi retirou de suas entranhas.

Orsúa y Vela é um dos cronistas que, ao compilar outros autores, muitas vezes reproduz seus erros. Mesmo assim, sua amostragem é significativa para a compreensão das cifras sobre Potosi. Segundo o cronista,

[...] pelo livro de contas, quintou-se, desde o ano de 1545 até 1603, 596.000.000 de pesos de prata ensaiada de 13 reais e $\frac{1}{4}$, sendo outro tanto mais o que se havia deixado de quintar [...] (Orsúa y Vela, op.cit., p.253)

Segundo seus dados, podemos calcular que a produção total do que foi quintado, sem o contrabando, seria cinco vezes maior, ou seja, 2.980.000.000 de pesos no período de 1545 a 1603, uma cifra fantástica. Em sua segunda fase de produção de prata, Orsúa y Vela revela que

[...] desde o ano de 1545 [...] até o presente ano de 1705 foram quintadas 3.200.000.000 de pesos ensaiados [...] que distribuídos em 160 anos [...] deu cada dia 54.694 pesos e 4 reais [...] (ibid.p.63)

Esses dados fabulosos incorporados pelo cronista têm a intenção de enaltecer o passado de sua vila, falando das maravilhas que o cerro de Potosi proporcionou. Orsúa y Vela incorpora outros cronistas sem se importar se os dados destes possuem uma coerência entre si. Para ele, o importante não é a quantidade em si,

⁶⁹ Maravedi é uma palavra árabe castelhanizada. Originalmente a palavra era murabiti, ou seja, dos Almorávides, grupos Árabes do norte da África que controlaram grande parte da Espanha árabe desde 1093 até 1148. Também se chamam Almorávidas os monges guerreiros fundadores do Marrocos no século XI e que conquistaram a Andaluzia através do soberano Yusul Ibi Tächfin. Veja-se: Vilar, 1980.p.46.

o conteúdo propriamente dito, mas a forma, o volume da riqueza que aquele cerro e vila proporcionaram ao mundo⁷⁰.

Dom Antonio de Acosta [...] disse que se havia retirado do espaço de 112 anos [1545-1657], 3.010 milhões, sendo assim, é muito pouco o que se produziu nos 50 anos seguintes até o presente [1705] [...] (Ibid, p.63)

Quando Orsúa y Vela faz referência ao padre Joseph de Acosta diz que

[...] desde o ano de 1545 até 1585 se retiraram, naqueles 40 anos, só de quintos para sua majestade, 11.000.000 pesos de prata ensaiada [...] (Ibid, p.64)

revelando um total de produção que atingiria 55.000.000 pesos⁷¹. Ao incluir os dados do cronista Bernardo de La Vega, Orsúa y Vela afirma que

[...] desde o ano de 1545 até o de 1597 (52 anos) se haviam quintado 536 milhões de pesos de prata ensaiada [...] (Ibid, p.64)

Com os dados de Dom Bartolomé Astete de Ulloa⁷², Orsúa y Vela afirma que “[...] desde 1545 [...] até 1632 (87 anos), se quintaram 980.000.000 pesos [...]” (Ibid, p.64)

⁷⁰ Dom Antonio de Acosta é um dos cronistas mais citados por Orsúa y Vela, sendo um nobre português que havia residido quinze anos em Lima e visitado todo o Peru. Teria cerca de vinte anos quando chegou a Potosi em 1579 e, portanto, 97 quando escreveu seus dados sobre a produção de prata em 1657. Ainda segundo Orsúa y Vela, sua história teria sido escrita em português e editada em Lisboa.

Entretanto, pairam sérias dúvidas quanto a esta figura citada por Orsúa y Vela. Será que ele viveu realmente em Potosi? Sua idade ao escrever teria sido de 97 anos realmente? Teria ele editado em Portugal a sua obra? Primeiramente, seu nome não consta de nenhuma lista de estrangeiros em Potosi no período indicado por Orsúa y Vela, nem foi encontrado nenhum exemplar editado, mesmo assim, nosso cronista cita-o com veemência ao longo de sua obra. O historiador Lewis Hanke, um dos maiores especialistas em Peru, também dedicou parte de seu trabalho para conhecer este tal de Dom Antonio de Acosta, veja-se: HANKE, Lewis. *The Portuguese in Spanish America*. Netherlands, Martinus Nijhoff, 1950.

⁷¹ Quando Orsúa y Vela cita a obra de Joseph de Acosta o faz erroneamente. Ele relata que os quintos foram de 11.000.000 de pesos, enquanto Acosta fala de 111.000.000 de pesos. Veja-se: Acosta, op., p.153

⁷² Segundo o próprio Orsúa y Vela, Dom Bartolomé Astete de Ulloa era procurador da fazenda real em Potosi, tendo levantado os dados que foram compilados pelo nosso cronista para noticiar ao rei Dom Felipe II em 1632. Exerceu o governo de Potosi entre 12/10/1624 e 05/03/1628. Veja-se: Orsúa y Vela, op.cit., p.64
Relação dos governadores de Potosi em anexo.

Esta tabela a seguir mostra os dados sobre a produção de prata citados por Bartolomé Arzáns de Orsúa y Vela, tendo como referência os diversos compilados por ele.

Quadro comparativo por Cronista

AUTOR	PERÍODO	PRODUÇÃO TOTAL/PESOS
Antonio de Acosta	1545-1657 (112 anos)	3.010.000.000
Joseph de Acosta	1545-1585 (40 anos)	11.000.000
Bernardo de La Vega	1545-1597 (52 anos)	536.000.000
Bartolomé de Ulloa	1545-1632 (87 anos)	980.000.000

A discrepância entre os valores apresentados por cada cronista e incorporados no trabalho de Orsúa y Vela são exemplos bem reveladores da desinformação e dos equívocos provocados pela desorganização dos primeiros anos de exploração de Potosi. Revelam, também, uma certa despreocupação de Orsúa y Vela em quantificar, com exatidão, o total de prata retirado. Sua intenção era de exaltar esta riqueza que foi retirada, colocando Potosi como o centro econômico do ocidente. Para isso, construiu uma narrativa quase enigmática e glorificadora de sua terra natal, de certo modo muito à vontade para demonstrar como a própria confusão de dados engrandeciam Potosi, criando uma atmosfera sedutora e mágica quanto às riquezas que foram retiradas do cerro ao longo dos anos.

Seu estilo de escrever não confere à produção de prata um sentido objetivo, antes de tudo o cronista é hiperbólico, criando várias imagens, aparentemente contraditórias, mas que procuram dar uma significação da grandiosidade e potência de sua Vila natal.

Orsúa y Vela, em sua forma de descrever a riqueza potosina, está desenvolvendo um efeito que se destina a satisfazer o gosto dos leitores pela introdução da novidade e da extravagância de dados, chegando a beirar o artifício, portanto, se aproximando da tipologia e do mundo do Barroco.

Sua preocupação que tende a valorizar a forma e não o conteúdo vem salientar essa aproximação. A obra de Orsúa y Vela,

como documento Barroco, é somatória e empreendedora de fantasia e de juízo. Esta fantasia tornou-se uma faculdade de produzir imagens, não sendo livre, obedecendo a um estilo.

A construção quase truncada e hiperbólica de Orsúa y Vela exige uma participação e um envolvimento do leitor em virtude da contínua indecisão à ação expressa através dos números e à contemplação presente no volume e na massa de riquezas.

O levantamento do autor não procura ser prático ou objetivo, seu barroquismo aparece em seu discurso ornamental, dialético e enigmático, possuindo um sentido figurado, produzindo um número muito grande de figuras que adquirem um tom alegórico e metafórico⁷³.

A alegoria não é frívola técnica de ilustração por imagens, mas expressão como linguagem, e como escrita. (Benjamin, 1984.p.184)

O discurso de Orsúa y Vela, como discurso Barroco, perde a clareza e a lisura, ficando como que dividido e ao mesmo tempo acumulado de informações aparentemente desconstruídas e repetitivas para os dias atuais.

A função da escrita por imagens do Barroco não é o desenvolvimento como o desnudamento das coisas sensoriais. O emblemático não mostra a essência atrás da imagem. Ele traz essa essência para a própria imagem, representando-a como escrita, como legenda explicativa [...] (Ibid, p.207)

4.3 AS CONTROVÉRSIAS QUANTO À PRATA EXTRAÍDA

Ao nos depararmos com os dados apresentados por Orsúa y Vela anteriormente, notamos que aquele cronista potosino não reuniu elementos que demonstrassem, com clareza, as cifras da produção de seus veios riquíssimos.

⁷³ A alegoria pode ser compreendida como uma representação concreta de uma idéia abstrata, como também tratou Walter Benjamin, é uma constante metáfora onde “[...] cada pessoa, cada coisa, cada relação pode significar qualquer outra”. (Benjamin, 1984.p.196-197) Veja-se também: HANSEN, João Adolfo. Alegoria. São Paulo: Atual, 1986. KOTHE, Flávio. A Alegoria. São Paulo: Ática, 1986.

Talvez não fosse essa a intenção maior do cronista e ele desejasse apenas demonstrar a importância e até a opulência de Potosi, não incorporando a nossa quantificação cartesiana mas, ao contrário, deixando-se levar pela opinião de

[...] Antonio de Calancha [...] (que) [...] das barras de prata que se tem retirado do rico cerro de Potosi, se pode fazer uma ponte delas, desde a Vila até a Espanha [...] (Orsúa y Vela, op. Cit., p.149)

Entretanto, vale a pena apresentar os diversos levantamentos feitos até hoje para que possamos entender a importância que Potosi teve para o império espanhol. Com esses valores também nos é possível observar como foram trabalhados e processados, ao longo dos tempos, e como alguns estudiosos deram razão a Antonio de Calancha, ou seja, superestimaram a produção das minas, ou introduzindo cortes, mas mantendo uma fantástica cifra para as minas potosinas.

Desde a descoberta dos veios de Potosi pelos espanhóis, em 1545, especula-se sobre o potencial daquela montanha. Quando os mais diversos cronistas falam da prata que o cerro produziu, consideram apenas o que foi retirado após a chegada dos espanhóis, ignorando a exploração realizada no período pré-colombiano.

[...] naquele tempo iam os indígenas aos cerros para trazer os ricos metais como quem sabia onde os veios secretos estavam, mas logo que conheceram a cobiça dos espanhóis e os maus tratos que barbaramente sofreram, fecharam as bocas das minas, e tudo o que haviam enterraram em diversas partes [...] (Ibid, p.26)

Mesmo que algumas lendas encubram a realidade do início da exploração de Potosi, é pouco provável que os indígenas desconhecassem os veios de prata do local, entretanto, a exploração das minas que se seguiu à descoberta dos veios de prata quase pura, em 1545, projetou rapidamente Potosi como o principal centro minerador da América. Levando-se em conta os problemas de quantificação da riqueza, já citados anteriormente, podemos utilizar alguns cronistas para clarear um pouco mais essa obscura passagem da história americana.

Um dos primeiros a se preocupar com o levantamento dos dados da produção de Potosi foi Pedro Cieza de León, posteriormente também procuraram escrever sobre isso o padre Joseph de

Acosta, León Pinelo, Orsúa y Vela, José Manuel Cortés, Lamberto de la Sierra, Sebastián Sandoval y Gúzman, Antonio Ulloa, Bálvan y Roxas, Alexander Von Humboldt, Joseph B. Pentland, Gwendolyn B. Cobb e muitos outros⁷⁴.

É importante destacar que, até a introdução do amálgama de mercúrio no Peru, a totalidade da produção de prata no México era maior do que a peruana, representada quase que só por Potosi. A partir de aproximadamente 1575 e durante o restante do século, até mesmo o século seguinte, a produção peruana superava a mexicana em cerca de 35%, ou seja, basicamente só a produção de prata potosina superava toda a produção mexicana no período.

[...] no século XVI, Potosi dava mais de 50% da prata produzida em todo o mundo e representava mais de 80% da produzida no Peru [...](Baldivieso, op.cit., p.165)

⁷⁴ Pedro Cieza de Leon (1522-1554) foi um dos cronistas fundamentais da história peruana. Nascido em Llerena, combateu como simples soldado no Paraná e na Colômbia, estando também presente na batalha de Jaquijahuana, assistindo à execução de Gonzalo Pizarro e de Carvajal. A observação atenta do que se passava ao seu redor lhe valeu a elaboração de sua obra “Crônica del Perú”, editada pela primeira vez apenas em 1873. Veja-se: Olivedo, 1976.p.p370

León Pinelo foi funcionário do Conselho das Índias no século XVII. Reunindo uma série de documentos sobre a história de Potosi, pretendia escrever sua história, no entanto, morreu antes de terminá-la. Na obra de Orsúa y Vela, parece que Pinelo é o grande responsável pela parte apologética, tendendo a glorificar a Vila e o cerro de Potosi de tal forma que disse que a produção de prata da Vila construiria uma ponte entre Potosi e Madri com 2.071 léguas de comprimento, quatro dedos de espessura e 14 varas de largura.

Neto de judeus que haviam morrido na fogueira em Portugal, em Lisboa, é provável que nunca tenha conseguido terminar sua obra por empecilhos colocados pela coroa que nunca reconheceu para Pinelo o título de historiador oficial das índias. Veja-se: Orsúa y Vela, op.cit., p.XXXII

José Manuel Cortés foi um historiador boliviano do século XIX. Veja-se: Baldivieso, op.cit.,p.165

Lamberto de la Sierra foi tesoureiro da fazenda real em Potosi durante o século XVIII. Veja-se: Baldivieso, op.cit., p.166

Sebastián Sandoval y Gúzman foi ouvidor da audiência do Paraná, atuando também como advogado e procurador de Potosi por volta de 1630. Ele foi um dos responsáveis pela tentativa de diminuir a tributação da prata de 1/5 para 1/10. Veja-se: Diffie, 1940.p.282

Durante muito tempo os estudos empreendidos por Alexander Von Humboldt foram aqueles que pareciam resolver os problemas da produção de prata em Potosi. Entretanto, sua viagem pela América (1799-1804) e sua consulta a vários cronistas peruanos não evitou que ele superestimasse a produção das minas.

Os valores referidos pelo padre Joseph de Acosta⁷⁵ serviram de base para os cálculos e estudos, inclusive de Humboldt, que acabou utilizando uma interpretação exagerada dos dados do padre cronista. Essa alteração dos valores, inicialmente citados por Acosta, foi feita por Sebastián Sandoval e Antonio de Ulloa, que distorceram seu trabalho e influenciaram o erro de Humboldt.

Acosta da os seguintes dados para dois períodos

PERIODO	PRODUÇÃO-PESOS	MÉDIA ANUAL
1545-1574	76.000.000	2.553.330
1574-1585	35.000.000	3.181.818
1545-1585	111.000.000	2.775.000

Entretanto, Sebastián Sandoval interpreta os dados de Acosta como sendo valores dos quintos pagos à coroa espanhola, pois havia interpretado a passagem onde Acosta fala dos valores levantados por Toledo de uma maneira equivocada, aumentando em cinco vezes os dados do padre cronista.

[...] Dom Francisco de Toledo, no ano de 1574, disse que foram setenta e seis milhões até o dito ano, e desde 1574 até o de 1585, inclusive, aparecendo pelos livros reais haver-se quintado trinta e cinco milhões. De maneira que se haviam quintado, de 1545 até 1585, cento e onze milhões de pesos ensaiados [...] (Acosta, op.cit., p.153)

Ulloa⁷⁶ utilizou a estimativa de Sandoval que incorporou os dados fornecidos por Acosta não como produção total que fora quintada, mas como o próprio quinto real. Esse erro fez com que os valores fornecidos por Acosta fossem multiplicados por cinco,

⁷⁵ Acosta, op.cit., p.153

⁷⁶ Antonio de Ulloa nasceu em Sevilha, em 12/01/1716, sendo participante de uma expedição científica fanco-hispânica no século XVII (1735-1745), na qual Ulloa e outros acadêmicos tiveram oportunidade de visitar a América do Sul, com prolongadas permanências em Lima, Quito e Guayaquil. Veja-se: Ulloa, 1944.p.204

ou seja, a contabilidade ficou superestimada da seguinte forma:

Humboldt, um pouco descrente dos dados de Ulloa e Sandoval,

PERÍODO	TOTAL	QUINTO	MÉDIA ANUAL
1545-1564	380.000.000	76.000.000	20.000.000
1564-1585	175.000.000	35.000.000	8.333.333
1585-1624	260.000.000	52.000.000	6.666.666
1624-1633	30.000.000	6.000.000	3.333.333

resolveu utilizar os dados iniciais de Acosta para fazer alguns cortes nas estimativas iniciais, ao que parece não percebendo que fora Acosta a base inicial deste erro, ou melhor, foi Acosta a inspiração de Sandoval. Os dados de Alexander Von Humboldt em pesos são os seguintes:

PERÍODO	TOTAL	MÉDIA ANUAL
1545-1555	127.500.000	11.590.909
1556-1578	49.011.285	2.227.782
1579-1736	611.399.451	3.994.258

(Diffie, 1940.p.279)

O problema com os dados de Humboldt deve ter nascido da provável falta de consulta direta aos trabalhos de Sandoval, mas sim ao de Ulloa, que cita Sandoval. Humboldt verificou a quantificação feita por Ulloa sem que este utilizasse os dados de Acosta e os multiplicasse por cinco.

Talvez se Humboldt tivesse acesso direto aos escritos de Sandoval ou a oportunidade de examinar comentários sobre sua obra e dados ali presentes, tivesse percebido a adulteração de valores e os teria corrigido. Entretanto, não o fez, mas, mesmo assim, cortou os valores de Ulloa por achá-los excessivos. Mesmo com esses cortes, suas estimativas para o primeiro período (1545-1555) continuaram altas e pouco representativas.

Muitos autores que citavam Humboldt e o próprio Sandoval estariam provavelmente reproduzindo um erro voluntário desse advogado e procurador de Potosi que, desde antes de 1633, procu-

rava, junto à justiça real, diminuir os quintos cobrados para 1/10.

Portanto, é possível que Sandoval tenha tentado demonstrar, através de números ampliados, o passado glorioso de Potosi e, ao comparar com seu presente, caracterizar a decadência e o esgotamento de uma região que já teria dado muitas riquezas à Espanha, o que possibilitaria um afrouxamento da tributação.

Sebastián Sandoval y Gúzman teria propositalmente inserido esses erros em seu trabalho, a fim de beneficiar os mineiros e do nos de engenhos de Potosi que, desde o século anterior e mesmo antes da chegada de Toledo ao Peru, tentavam obter privilégios da coroa espanhola respaldados na desinformação sobre as cifras extraídas do Cerro⁷⁷.

Se essa foi realmente a intenção de Sandoval, ela somente lograria êxito em 20/07/1736, quando o tributo passou do tradicional 1/5 para 1/10⁷⁸.

Também é extremamente interessante assinalar que o cálculo e as investigações de Humboldt acabam por coincidir com os valores de Lamberto de la Sierra, sem no entanto haver qualquer referência de Humboldt a este tesoureiro potosino.

Esse dado indica claramente que os cortes realizados por Humboldt não foram aleatórios, mas seguiram os valores levantados pelo tesoureiro real de Potosi.

Os dados de Lamberto de la Sierra, expressos em pesos, são os seguintes:

PERÍODO	PRODUÇÃO TOTAL	ANUAL	QUINTO ANUAL
1545-1579 (23 anos)	49.011.285	2.130.925	426.185
1579-1736 (158 anos)	611.256.349	4.098.415	819.683

(Baldivieso, op.cit.,p.166)

⁷⁷ DIFFIE, Bailey W.. Estimates of Potosi Mineral Production 1545-1555. The Hispanic American Historical Review. Durham, (2): 275-282, may.1940.

⁷⁸ Baldivieso, op.cit., p.166

Ao longo da história, alguns outros escritores também reproduziram cifras sobre as minas de Potosi. Entre eles podemos destacar Antonio de León Pinelo, José Manuel Cortés, Modesto Omiste⁷⁹, Ballivián Roxas e Luís Capoché⁸⁰, este, um dos grandes inspiradores de Orsúa y Vela.

Os dados destes pesquisadores, tanto quanto a produção de Potosi podem ser agrupados, esquematicamente, da seguinte forma⁸¹:

NOME	PERÍODO	PRODUÇÃO TOTAL	PRODUÇÃO ANUAL	QUINTO ANUAL
León Pinelo	1545-1651	3.240.000.000	32.400.000	6.480.000
José Cortés	1545-1846	1.655.721.572	5.500.736	1.100.147
Modesto Omiste	1545-1753	2.804.916.100	13.485.174	2.697.034
Ballivián Roxas	1545-1864	3.630.362.000	11.3809.445	2.276.089

O trabalho de Luís Capoché foi e continua sendo de grande importância para os estudos sobre Potosi, pois ele descreveu as minas do cerro desde seu descobrimento até aproximadamente 1585. Foi uma das principais fontes de que se serviu Orsúa y Vela para recompor muitas passagens do passado potosino. Este sevilhano chegou ao Peru logo após a descoberta de Potosi, tornando-se dentro de pouco tempo um bem-sucedido dono de minas.

Sua obra não é apenas um relato cronológico, mas sim um estudo de quem conversou diretamente com os fundadores e até mesmo descobridores de Potosi e aparentemente utilizou documentos confidenciais para levantar muitos de seus dados sobre a quantidade de prata retirada do interior da montanha.

Na introdução da obra de Orsúa y Vela, editada pela Brown University, o historiador Lewis Hanke tece inúmeras considerações sobre a influência que Capoché desempenhou no trabalho

⁷⁹ Modesto Omiste foi historiador peruano do início do século XX. Veja-se: Baldivieso, op.cit., p.166

⁸⁰ Orsúa y Vela, op.cit., p.XXX.

⁸¹ Esta tabela é uma compilação dos dados levantados por vários autores que tratam da questão da produção de prata em Potosi, cabendo salientar que os valores estão expressos em pesos.

de Orsúa y Vela, pois “[...] sua experiência pessoal em Potosi o habilitava a mostrar visões valiosas da vida do florescente assento mineiro [...] e de seus críticos 40 anos iniciais [...]”⁸².

A primeira notícia sobre a impressão do texto de Capoche é de 1559, sendo muito provável que cópias de seu trabalho tenham chegado até Orsúa y Vela, além de Acosta, León Pinelo e outros.

Alguns dados encontrados no trabalho de Capoche podem ser reproduzidos em uma tabela que relaciona os quintos reais e sua evolução desde 1570 até 1584.

ANO	QUINTO	PRODUÇÃO APROXIMADA
1570	177.275	886.375
1571	167.864	839.320
1572	129.532	647.660
1573	105.926	529.630
1574	193.786	968.930
1575	256.732	1.283.660
1576	336.144	1.680.720
1577	475.483	2.377.415
1578	530.021	2.650.105
1579	688.164	3.440.820
1580	749.516	3.747.580
1581	802.923	4.014.615
1582	860.729	4.303.645
1583	768.599	3.842.995
1584	764.143	3.820.715

(Capoche, apud Baldivieso, 1988.p.168)

Mais recentemente, o trabalho de Gwendolyn Ballantine Cobb demonstrou a variação do pagamento dos quintos reais de 1556 a 1640, em um período de oitenta e quatro anos, apontando para um total pago à coroa espanhola de 90.552.726 pesos, com uma média anual de 1.078.008 pesos.

Entretanto, nesse levantamento realizado por Cobb faltam os anos de 1574 e 1599 para completar integralmente o período. Ele teve como fonte os apontamentos de Juan de Chevarria⁸³, encontrados no Arquivo das Índias.

⁸² Esta descrição de Lewis Hanke foi incorporada como comentário ao texto de Orsúa y Vela na edição da Brown University Press, p.XXXI.

⁸³ Juan de Chevarria foi oficial da contadoria da Vila de Potosi e levantou os quintos cobrados pelo tesouro real desde 04/02/1556 até 1640, nos períodos onde foi possível consultar os registros oficiais.

A tabela abaixo reproduz parcialmente o trabalho realizado por Cobb sobre os dados de Juan Chevarría.

ANO	QUINTOS REAIS
1556	450.734
1557	468.534
1558	387.032
1559	377.031
1560	382.428
1561	405.655
1562	426.782
1563	499.965
1564	395.158
1565	519.944
1566	486.014
1567	417.107
1568	398.381
1569	379.906
1570	325.467
1575	543.487
1580	189.323
1585	1.526.455
1590	1.422.576
1595	1.557.227
1600	1.339.685
1605	1.532.646
1610	1.139.725
1615	1.354.412
1620	1.069.599
1625	1.024.794
1630	962.250
1635	946.781
1640	978.483

(Cobb, apud Baldivieso, 1988.p.169-172)

Diante da diversidade de informações, fontes, unidades, cronistas e estudiosos que tentaram fazer um levantamento das quantidades de prata extraídas de Potosi, talvez um gráfico fosse uma maneira interessante de observar os movimentos de crescimento e decréscimo da produção do cerro, sendo traçado a partir dos valores médios anotados entre as várias fontes que trabalham sobre o assunto.

Após uma torrente de informações das mais variadas procedências, poderíamos ainda acrescentar que em Potosi, ao longo de trezentos anos de mineração no período colonial, foram produzidos, segundo valores atuais, cerca de

[...] 1.614.045.538 dólares, ou seja, 322.809.102 libras esterlinas, formando uma massa de prata pura que pesaria mais de 46.000 toneladas. (Pentland, apud Baldievieso.1988.p.179)⁸⁴.

A prata retirada do interior do cerro de Potosi, em seus períodos de maior pujança, nos séculos XVI e XVII, chegaram a proporcionar uma arrecadação para a coroa espanhola de 25% do total registrado na fazenda real,⁸⁵ o que tornou esta vila a principal financiadora das guerras imperiais em que o estado espanhol se envolveu no continente europeu.

Também cabe-nos ressaltar que no mesmo período os minerais preciosos retirados da América e enviados à Europa eram compostos de aproximadamente 80% de prata e 18% de ouro. Esse montante de 80% de prata representava cerca de 75% do total realmente extraído, sendo que os demais 25% ficavam nos locais de origem, como adornos de igrejas ou objetos diversos como bandejas, vasos, jóias⁸⁶, trocados por mercadorias de outras regiões do vice-reino, representando, portanto, uma injeção relativamente grande de riquezas na própria economia interna das colônias meridionais da Espanha.

4.4 A PRATA E A DÍVIDA ESPANHOLA

A riqueza americana e especialmente a prata de São Luis do Potosi, além de revelarem-se esplendorosos tesouros para os europeus, auxiliaram no desencadeamento de um processo de subida dos preços na Europa que chegou a denominar-se “revolução de preços”.

⁸⁴ Muito embora seja tremendamente questionável transpor valores, montantes e equivalência de riqueza para épocas diferentes, utilizamos este artifício para ilustrar a importância de Potosi na sua época.

⁸⁵ Baldievieso, op.cit., p.21

⁸⁶ Ibid, p.21

Essa importante passagem da economia mundial já foi estudada brilhantemente por Fernand Braudel e particularmente por Earl J. Hamilton⁸⁷, não cabendo nessa dissertação repetir uma trajetória que não se coloca como central, especialmente quando ela já foi tão bem estudada.

Entretanto, quando anteriormente falamos das grandes quantidades de prata retiradas das minas de Potosí, mesmo sendo os valores disformes e muitas vezes contraditórios, não podemos deixar de pensar no que essa quantidade de riqueza fez com as economias européias. Pensamos especialmente no impacto que causaram à economia espanhola, já que num curto espaço de tempo a sua circulação se ampliou muito⁸⁸.

A evolução dos preços foi inicialmente um fenômeno local da Espanha, posteriormente se espalhando por outras regiões européias que participavam do comércio imperial.

A evolução dos preços foi inicialmente um fenômeno local da Espanha, posteriormente se espalhando por outras regiões européias que participavam do comércio imperial.

Conforme Hamilton já assinalou com precisão⁸⁹, o metal em abundância auxiliou com muita força a subida dos preços, e, quando as remessas diminuía seu afluxo, os preços tendiam a baixar. A elevação dos preços na Espanha começou a ocorrer já no início do século XVI, não apenas influenciado pela chegada dos tesouros americanos, mas, sobretudo, pelas péssimas colheitas, a deficiência de uma manufatura eficiente, além de uma necessidade cada vez maior de mercadorias por parte das colônias.

O combate à elevação dos preços foi vigoroso pela coroa espanhola, mas nem sempre as medidas surtiram o efeito desejado, chegando o imperador a proibir a importação e a exportação de determinados produtos, baixando severas regulamentações sobre preços de produtos na tentativa de conter a subida dos preços.

⁸⁷ HAMILTON, Earl J. *American Treasure and Price Revolution in Spain 1501-1650*. Cambridge, Harvard studies, 1934. Veja-se: Braudel, *op.cit.*, p.564-578.

⁸⁸ Segundo Hamilton: "As remessas da América [...] durante o século e meio que vai de 1500 a 1650, são de 16 mil toneladas de metal branco e 180 mil toneladas de metal amarelo." (Hamilton, apud Braudel.p.498)

⁸⁹ Veja nota 21.

Entretanto, o grande endividamento do Estado e a necessidade crescente de novos créditos junto a importantes banqueiros europeus nem sempre foi compatível com o combate aos preços altos.

O dinheiro era gasto pela coroa espanhola com os mercadores europeus, principalmente dos Países Baixos e da Itália. Conforme Braudel, estes pagamentos eram realizados pelo Estado, não incluindo particulares. (Braudel, 1983.p.525)

Hamilton assinala que as partidas de prata, chegadas em Sevilha, eram divididas entre os lotes reais e particulares. Desde 1503 até 1660, o metal precioso americano representou 447.000.000 de pesos, sendo que 117.000.000 foram destinados ao Estado e 330.000.000 a particulares⁹⁰.

Portanto, nem sempre o imperador ou o império foram diretamente os beneficiados pela entrada maciça da riqueza americana, pois os particulares detinham quase o dobro desse total registrado durante os séculos XVI e XVII.

Embora o grande afluxo de metais vindos da América aportasse na Espanha, inclusive a prata potosina, essa quantidade não foi suficiente para o Estado espanhol cobrir as despesas de seu imenso império. O desequilíbrio fiscal e a necessidade cada vez maior, em alguns momentos desesperada de receber a riqueza americana, fez com que os preços subissem na medida em que o Estado espanhol dependia cada vez mais dos banqueiros e, logicamente, de mais riquezas de suas colônias.

Ramón Carante⁹¹ nos dá uma idéia da crescente necessidade da fazenda espanhola em relação aos empréstimos externos, nos fornecendo os seguintes dados:

De 1520 a 1532, “anos de aprendizagem”, em treze anos, o imperador pediu emprestado 5.379.053 ducados, cuja devolução, lucros incluídos, representou um desembolso de 6.327.371 ducados.

De 1533 a 1542, “anos culminantes”, em dez anos, a soma tomada por empréstimo foi de 5.437.669 ducados e a quantia devolvida por estes empréstimos foi de 6.597.365.

⁹⁰ Vilar, 1980.p.177

⁹¹ CARANTE, Ramón. Carlos V y sus Banqueros, México: Fondo de Cultura Económica.s.d..

De 1543 a 1551, “anos de incerteza”, em nove anos, Calos V tomou emprestado 8.397.616 ducados, que lhe representaram uma devolução de 10.737.843.

De 1552 a 1556, “anos aflitivos”, em cinco anos, os empréstimos ascendem a 9.643.869 ducados, e o pagamento 14.351.591. (Carente, apud Vilar, 1980.p.182)

A necessidade crescente de metais levou o imperador a recorrer constantemente aos empréstimos exteriores e às remessas de particulares que aportavam em Sevilha, vindos da América. A coroa chegou, em alguns momentos, a dever dois milhões a mais do que esperava receber anualmente da América.

[...] a dívida externa contraída pelas necessidades da política imperial elevou a 37.959.239 ducados, ultrapassando em cerca de dois milhões as entradas de metal nobre registradas em Sevilha (36.102.549 ducados dos quais só 10.442.465 se destinavam à coroa).

A Espanha foi a grande distribuidora das riquezas americanas pela Europa, mesmo tendo a seu lado, em menor escala, a ação portuguesa. Para nós, a intenção de levantar os diversos dados sobre a produção potosina e tecer algumas considerações sobre o impacto dessa riqueza na Espanha funciona em oposição àquilo que disse Braudel:

[...] o problema para a história, agora que se sabe como os metais preciosos do Novo Mundo chegaram a Espanha, é ver como foram repartidos [...] (Braudel, op.cit., p.527)

Nossa história teve a intenção de mostrar justamente como uma parte significativa da riqueza metálica foi produzida na América durante o período colonial, não sendo do alcance desse trabalho discorrer justamente daquilo que se ocupa Braudel: a repartição da riqueza.

O levantamento das fontes e da quantificação realizada, muitas vezes baseados em dados imprecisos, não se destina a uma pura e simples compilação de valores e cifras. Esse trabalho de garimpagem sobre Potosi tem, fundamentalmente, a intenção de, ao mesmo tempo em que analisamos a história potosina, com o auxílio fundamental da obra de Orsúa y Vela, revigorar a impor-

tância que uma montanha perdida no coração da América meridional teve na história do Novo e Velho Mundo⁹².

Potosi representou a concretização do sonho ibérico e a assimilação do mito americano. Pensando em sonhos e fantasias⁹³, além da própria realidade, é que São Luís do Potosi, assumiu um lugar único na América. Esta vila alimentou as ambições europeias, mantendo seus sonhos vivos⁹⁴, sonhos estes que, por vezes, superaram as realidades.

O mito americano é um sonho da fertilidade e está associado à riqueza. A fertilidade e a riqueza zombaram de alguns padrões europeus e até mesmo os corromperam. Estas ações foram mais flagrantes em regiões ricas da América, onde o mito e a fantasia coexistiram com a idéia de fertilidade.

Orsúa y Vela parece captar com sensibilidade essa ligação e, quando constrói sua dissertação sobre Potosi, esta é representada como a cristalização da ligação do mito com a riqueza. Desde a descoberta da vila até sua decadência, a fantasia se mantém de maneira original, graças à trama desenvolvida pelo cronista. Nesse caso, Potosi assume uma situação singular, pois “nada” produzia, mas tudo possuía.

As sedas e os tecidos vinham de Granada, Flandres e da Calábria; os chapéus de Paris e Londres; os diamantes do Ceilão; as pedras preciosas da Índia; as pérolas do Panamá; as meias de Nápoles; os cristais de Veneza; os tapetes da Pérsia; os perfumes da Arábia e a porcelana da China [...] (Orsúa y Vela, apud Galeano, 1987.p.32)

Na realidade, das minas de Potosi saiu grande parte da riqueza extraída da América espanhola e que tinha a Espanha e outras partes da América como destino. A abundância gerou uma situação onde a colônia se torna rica enquanto explorada e a metrópole exploradora torna-se pobre e apenas aparentemente próspera.

⁹² ELLIOTT, J.H.. O Velho e o Novo Mundo. Lisboa: Quercus, 1984.

⁹³ Fantasia pode ser considerada como sinônimo de Fantasma que, para Freud, são os anseios do inconsciente. Não se caracterizando como defesa, mas produto dela, não sendo o fato em si, mas o fragmento da existência do indivíduo ou de um grupo trazidos à tona pela linguagem. Veja-se: Rouanet, 1987.p.229

⁹⁴ Elliot, op.cit., p.136

A Europa, ao invés de possuir a América, foi capaz de tomar sua riqueza, mas foi dominada pelo mito, detalhe fundamental que foi captado por muitos artistas americanos, entre eles Orsúa y Vela.

O trabalho desse cronista não é escatológico, ao contrário, exalta as coisas terrenas sem entregar-se à decadência em que está mergulhada Potosi na época que escreve o seu trabalho.

O cronista não se coloca como herói, embora trate a sua vila natal como um grande palco onde se desenrola o maravilhoso e opulento espetáculo da aparência e da ilusão, contado hiperbolicamente e, sobretudo, com seriedade⁹⁵.

Nossa intenção ao resgatar esses elementos eminentemente econômicos, relacionando-os com as características gerais da obra de Orsúa y Vela, visa a compreender um pouco mais o espaço americano, em especial a ocupação européia de áreas anteriormente povoadas por civilizações pré-hispânicas.

A conquista da América significou também a temporização do momento da busca do tesouro por parte dos europeus, o prazer divino (busca do paraíso) transformando o imaginário em uma realidade profana que buscava o prazer imediato.

Essa conquista colocou os europeus frente ao cotidiano americano. A busca de compreensão deste cotidiano levou à posse das riquezas desse continente através da destruição de sua realidade, passando-se a reconstruir um mundo imaginado pelos espanhóis à imagem do seu passado⁹⁶.

É importante salientar que não foram apenas os aspectos econômicos que alimentaram o interesse da Europa pela América. Durante muito tempo, esta representou um ônus e um investimento sem retorno.

As minas de Potosi, como grande parte das riquezas americanas, significaram para os europeus, especialmente para os espanhóis, o tesouro. Na América, a riqueza foi gasta entre o comércio intercolonial, na construção de igrejas, na recuperação de objetos religiosos esculpidos em ouro e prata. Algumas tarefas foram “economicamente improdutivas”, fazendo-nos supor que estes são os nossos tesouros, grandes e incomensuráveis tesouros. Enquanto

⁹⁵ Benjamin, 1984.p.32

⁹⁶ Silva, 1987.p.15

isso, a Inglaterra, França e outros estados europeus se capitalizavam através do comércio⁹⁷ e da pirataria, sem assumirem o “custo” da obra colonial, nem sempre lucrativa, onde os depósitos muitas vezes acabaram nas paredes e nos altares das igrejas e palácios edificados como nossos tesouros.

Os massacres terminavam. As minas já não podiam produzir tanto ouro. A mão-de-obra indígena escasseava. Tudo parecia fragmentado e desfocado. O próprio realismo, como forma de expressão, perdia sua seriedade.

A América encontra no Barroco a possibilidade plena de produzir inúmeras formas e espaços sem que estas se misturem entre si [...] Nesse enorme cenário barroco, as Dulcinéias sabem como transformar o realismo em magia e a magia em realidade, sem quebrar nem um nem outro encanto. (Silva, 1987.p.66)

⁹⁷ HECKSCHER, Eli F. La Época Mercantilista. México: Fondo de Cultura Económico, 1983.

5. FORMAS DE REPRESENTAÇÃO NA OBRA DE ORSÚA Y VELA

Unus solus Daimon plus scit quam tu.
Francisco de Assis

A vida não é o bem nem o mal, mas simplesmente
o cenário entre o bem e o mal.
Lúcio Annéo Sêneca

5.1 RETÓRICA E IMAGEM

O contato com a documentação deixada por Orsúa y Vela levou-nos a optar por trabalhar seu texto pelo aspecto narrativo, não simplesmente separando “verdade” e “mentira”, mas procurando analisar o sentido dado pela sua forma de narrar, possibilitando a recomposição de parte de uma realidade cotidiana da vila de Potosi.

Nos capítulos anteriores, tratamos de temas como a produção de prata, a formação de “urbe” potosina e outros assuntos que nos permitem, a partir de agora, falar do cotidiano, recuperando alguns elementos deixados pelo cronista em seu trabalho.

Potosi, esta vila donde inicialmente a prata era retirada quase à flor da terra, chegou a converte-se na “Babilônia do Peru”, pois as notícias de seu descobrimento atraíram homens de todas as partes do império espanhol, chegando mesmo a despovoar algumas áreas antilhanas.

Esse rápido crescimento proporcionou à região uma característica particular que, segundo Orsúa y Vela, influenciaria o seu desenvolvimento pois,

[...] predominam os signos de Gêmeos e Libra, inclinados a exercitar-se em carinhos, amigos da música e das festas, trabalhadores e dados aos prazeres venéreos. (Orsúa y Vela, op.cit., p.2)

Essa formação tão diversa, aliada à maciça presença indígena e a um certo grau de isolamento geográfico, endureceu certas ati-

tudes da Igreja frente a esta sociedade tão sujeita aos “desvios” e aos prazeres humanos.

A política de catequese no Peru reforçou o combate a estes “desvios”, principalmente após 1545, quando Lima recebe a sede do Arcebispado. Posteriormente, com a divulgação das idéias tridentinas, as artes plásticas e literárias passaram a ser os seus veículos privilegiados para implantar e conservar o domínio espanhol na região⁹⁸.

Visando o melhor aproveitamento da catequese dos indígenas e também à manutenção da cristianização dos próprios espanhóis, a Igreja desenvolveu, ao máximo, os meios figurativos e as dramatizações para atingir seus objetivos.

Esses meios acabaram se tornando um elemento estrutural para refazer o modelo utópico de uma cristandade ideal. O caminho para a viabilização desse projeto deu-se, em grande parte, apoiado na arte como elemento propagador da fé católica.

Essa fé expressava-se não somente pela palavra dos pregadores, presença permanente nas expedições para o além mar, mas antes de mais nada, pela implantação material de símbolos dessa fé; marcos construídos muitas vezes sobre as ruínas de cidades nativas. A catedral e o palácio, ícones do poder eclesiásticos e monárquico, respectivamente, impunham-se avassaladoramente ao imaginário dos povos colonizados, a lembrar-lhes continuamente a “presença” poderosa de monarcas distantes. Esses ícones sustentavam-se buscando sua legitimidade nos princípios e valores tidos por verdadeiros e, por isso, universais, portadores, portanto, de uma renêção, tanto coletiva quanto individual para esses mesmos povos, “libertos” agora de sua antiga servidão, a mentira satânica de suas falsas culturas, verdades e valores. (Muller, 1991.p.2-3)

Em grande parte, o texto de Orsúa y Vela tem revelado uma aproximação com este estilo contra-reformista e catequizador. Sua obra, em diversos momentos, sugere uma opção estilística pelas palavras eloqüentes e persuasivas, fruto da assimilação dos ensinamentos tridentinos, convertidos em textos de uma retórica barroca.

⁹⁸ Muller, 1991.p.3

Pensamos em Orsúa y Vela como um cronista predominantemente Barroco, que faz de seu texto uma obra de arte propagandística, não simplesmente uma arte do vulgo, mas o resultado da assimilação de alguns princípios da contra-reforma e da transformação de suas palavras e símbolos religiosos em conceitos humanizados e identificados com as pessoas de seu tempo, logo, presente em seu cotidiano.

O cronista constrói, dentro desses princípios, um texto, para ao mesmo tempo educar e divertir, transformando seu trabalho em uma espécie de incipiente manifestação da cultura de massas no Peru colonial.

Nesse caminho, utiliza uma linguagem muitas vezes estereotipada, validando a “grandeza” dos nobres, a mitologia greco-romana e falando uma linguagem alta – com flores, virtudes, deuses, etc.. Essa poesia funcionou como expressão da hierarquia de uma época. O seu esquema não é vazio, incorpora questões filosóficas que acabam sendo modeladas pelo seu barroquismo.

Em muitas passagens, revela-se a proximidade de sua expressão com os ideais de Santo Agostinho⁹⁹, mostrando nossa “natural” propensão aos vícios, sendo justo destruir os perversos em nome do bem comum, justificando-se uma ação forte sobre o descaso humano. Nesse ponto, o texto de Orsúa y Vela, como veremos a seguir, está repleto de exemplos que reforçam esta opção.

Seu trabalho situa-se dentro desse processo de ornamentação discursiva que procura dirigir, controlar e ensinar os códigos lançados a partir dos princípios catequéticos de Trento, que formaram a vida intelectual e religiosa de Orsúa y Vela.

Herdeiro de uma tradição européia que foi transplantada e que seria constantemente reforçada durante a colonização da América, Orsúa y Vela transita entre esses elementos externos e a própria imagem cultural americana.

Dentro desses amplos limites, impõe aos leitores de sua obra uma retórica¹⁰⁰ do poder imperial e contra-reformista, perpassada

⁹⁹ Curiosamente, Santo Agostinho era a leitura predileta de Lutero e seu texto foi recuperado pela Contra-Reforma em um sentido moralizador da ação religiosa e social.

¹⁰⁰ Regras relativas ao discurso escrito, no que se refere também às figuras de linguagem utilizadas.

por dramas onde os signos cristãos são enaltecidos em oposição à caricatura montada em relação aos elementos indígenas.

Seguindo estas pistas orientadoras, nos permitimos, a seguir, falar de transplante cultural e também avaliar a influência de alguns elementos anteriormente citados na criação do cronista. Pensando assim, relacionamos os escritos de Orsúa y Vela com o desenrolar do cotidiano desta vila peruana.

5.2 O TRANSPLANTE CULTURAL

Quando pensamos na América, não podemos deixar de lado a atmosfera mental e representativa da Europa, que ficou ou que foi transplantada a partir da chegada de Colombo.

Anteriormente à chegada do homem europeu, já havia chegado sua fantasia, a representação de seus desejos, suas limitações, seus recalques. A América é sonhada muito antes de ter sido descoberta¹⁰¹.

Desde o início do século XVI, observamos na Europa o começo de um processo de “invenção” da América. Este sentido de invenção não nos remete ao conceito contemporâneo, mas ao sentido latino de “invenire” ou achar. Este vocábulo latino alude a uma certa criação a partir do nada, ou seja, uma falsificação da imagem da América, que nem sempre corresponde ao real¹⁰².

Os diários das primeiras viagens à América, de autoria de Colombo e, provavelmente uma falsificação de Las Casas, estão repletos de passagens onde não se caracteriza a observação direta, mas produz-se um texto repleto de imagens retiradas das fábulas e dos textos literários europeus do final da Idade Média, da Antiguidade Clássica e da Bíblia.

Como exemplos dessa imagem material associada à Antiguidade temos as primeiras descrições dos indígenas americanos ligadas às lendas clássicas e à Idade do Ouro, onde são representadas imagens humanas de inocência, beleza física, nudez e ausência de leis.

¹⁰¹ O’GORMAN, Edmundo. *La Invención de América*. México: Fondo de Cultura Económica. 1988.

¹⁰² Segundo Heidegger, “Somente o que se pensa é o que se vê; porém, o que se pensa é o que se inventa.” (Heidegger, apud O’Gorman.op.cit., p.79)

Não somente o homem, mas o conjunto da natureza, em especial as Antilhas, sua fauna e flora exuberantes, luxuriosas e sempre verdes, remetem-nos às passagens remotas da literatura de Homero.

A visão colonizadora da América experimentou três versões que conviveram entre si, alternando-se em determinados contextos particulares e em cada período histórico.

Uma das primeiras formas de pensar a América foi a de paraíso terreno. Sua edenização aconteceu em relação à natureza e às riquezas que brotavam do solo americano. O imaginário europeu reservou ainda para a América uma visão menos divinizada, quando se tratava das relações com seus homens, indígenas, colonos e negros.

Esta visão se mostrou seguidamente permeada pela presença diabólica e por uma relação demonológica nas ações humanas. Por fim, a situação de purgatório, degredo de hereges, feiticeiros e endemoniados, local de penitência e purificação que acabou selando as visões de um novo mundo, o qual se mostrava incomum aos olhos ibéricos.

Ao nível do imaginário, desde períodos anteriores à antiguidade clássica e também nela os homens desenvolveram o mito do paraíso perdido, onde, segundo as diversas versões, vivia-se inocentemente em meio a uma natureza não-hostil¹⁰³.

Na tentativa de dominar o tempo, a história e de satisfazer uma necessidade espiritual, diversas sociedades humanas deram forma a um passado paradisíaco, que também projetaram para o seu futuro.

Na visão judaico-cristã, esse paraíso ou idade do ouro (“*áurea aetas*”) toma forma de um verdadeiro jardim de delícias, podendo também ser referendado dentro de outras tradições como ilha ou montanha, mas sobretudo um local onde o céu e a terra estão em harmonia e unidade¹⁰⁴.

Essa concepção paradisíaca acompanhou o imaginário dos primeiros navegadores e conquistadores que chegaram à América

¹⁰³ Um dos trabalhos mais interessantes e esclarecedores sobre a relação da América com o paraíso é a obra: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A Visão do Paraíso*. São Paulo: Editora Nacional, 1985.

¹⁰⁴ Holanda, 1985.p.146.

e permite que compreendamos parte do tratamento inicial que foi dispensado ao Novo Mundo.

Acreditar que os europeus navegaram por mares desconhecidos em um equipamento simples e frágil, sem recursos de comunicação e auxílio, somente por cobiça e na busca de riquezas inesgotáveis que patrocinassem a sua expansão comercial, é simplista demais.

A aventura, o heroísmo, o prazer, o medo, e sobretudo o espírito de cruzada, não podem ser excluídos do rol dos elementos impulsionadores dos descobrimentos e da colonização.

Também é importante colocar que, no imaginário europeu anterior ao contato com os povos e terras americanas, existiu uma confusão entre as terras recém descobertas da América e o Oriente. Este oriente, presente na imaginação dos europeus, foi fruto de uma longa ligação das maravilhas¹⁰⁵ com as terras do Levante. Por isso, temos um Cristóvão Colombo que fala do Oriente segundo uma tradição cultural relativamente comum aos europeus, seus contemporâneos.

Bem disseram os sagrados teólogos e os sábios filósofos ao afirmar que o paraíso terrestre está nos confins do Oriente, porque é um lugar temperadíssimo, de modo que as terras, agora descobertas, são os confins do Oriente. (Colombo, 1984.p.106)

Colombo poderia ser uma espécie de modelo ou síntese de seu tempo, pois trazia em seu imaginário uma forte carga lendária, mítica e profundamente ligada aos ideais de cavalaria, mas, ao mesmo tempo, imaginativo e objetivo¹⁰⁶. Acreditar que a terra fosse redonda e a partir da navegação em direção ao Ocidente atingir o Oriente, talvez seja o gesto máximo desse homem, ao mesmo tempo medieval e renascentista¹⁰⁷.

Mesmo antes de Colombo existia uma ligação do Oriente com o paraíso e com as riquezas. Essa ligação também é anterior às viagens de Marco Pólo, mas, em certa medida, foi muito reforça-

¹⁰⁵ O maravilhoso é a oposição à mesmice do quotidiano. Veja-se: LE GOFF, Jacques. O Maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval. Lisboa: Edições 70, 1985.

¹⁰⁶ É inegável a influência dos romances da cavalaria sobre os conquistadores da América. Veja-se: Holanda, op.cit., p.31

¹⁰⁷ Theodoro, 1991.p.25.

da pelos seus relatos que descrevem, com muitos detalhes, a China, Japão, Índia, Pérsia, etc.¹⁰⁸

Desde tempos remotos, o europeu é herdeiro de uma tradição religiosa de caráter oriental, como seu próprio salvador (Cristo).

De Alexandre Magno a Marco Pólo e Colombo, existe a “necessidade” do europeu rumar para ao Levante, ao paraíso e às riquezas incontáveis. É preciso ver, tocar, possuir, sentir a real existência dessa promessa redentora e da aliança do homem com a sua religiosidade¹⁰⁹.

Inicialmente, a descoberta da América se confundiu com a chegada ao Oriente mágico¹¹⁰, em estado natural, como prêmio e como confirmação de crenças seculares. A semelhança foi a fórmula encontrada para descrever e compreender as terras descobertas. Identificou-se o homem americano ao oriental, procedendo-se assim também em relação à natureza, portanto, a palavra chave que indicou as primeiras descrições foi a da aproximação, onde se uniu o sonho e a fantasia com a realidade dos primeiros navegadores.

O continente americano nasceu mitificado, acabando por se transformar no depositário dos sonhos e fantasias, anteriormente creditados ao Oriente, além de ser a possibilidade dos europeus erguerem um mundo novo, à sua imagem e semelhança.

[...] o sonho era europeu, e tinha pouco a ver com a realidade americana. À medida que essa realidade ia colidindo com um número crescente de pontos, o sonho começava a esbater-se. (Elliott, 1984.p.40)

5.3 EXPERIÊNCIA EUROPÉIA, REALIDADE AMERICANA

A América pensada como experiência do transplante cultural ibérico experimentou, desde muito cedo, as dúvidas e as fantasias dos colonizadores. A aventura marítima, a epopéia colonizadora, os grandes feitos heróicos, convivem com o pensamento religioso.

¹⁰⁸ PÓLO, Marco. O Livro da Maravilhas. Porto Alegre: L&PM, 1987.

¹⁰⁹ Souza, 1987.p.22.

¹¹⁰ Prodanov, 1990.p.28,29.

A idéia de positivo e negativo nas relações da Europa com a América, o embate entre Deus e o Diabo, o paraíso terrestre e o inferno, a virtude e o pecado, o bem e o mal, parecem povoar as histórias e as relações do homem e o mundo americano.

O fim da Idade Média e a religiosidade profunda e angustiada fazem da América o terreno próprio das manifestações divinas e das experiências sobrenaturais¹¹¹.

Na Europa, a crise religiosa se manifestara principalmente a partir do século XII, com o crescimento das ordens mendicantes e das heresias, em especial o Catarismo.

Esta crise pressupõe um sentimento de angústia coletiva, associada ao crescimento das correntes milenaristas, propagadoras do medo do fim do mundo. Essa coletivização das expectativas terminais da humanidade são agravadas pela ocorrência de grandes surtos de doenças epidêmicas, fome e guerras, revelando ao final da Idade Média uma nova relação do homem com a morte.

O final da Idade Média assistiu ao começo de um processo de dessacralização da morte, onde ela acabou sendo desbancada de sua atmosfera mágica. Houve, na verdade, sua banalização em função da revitalização da vida. A angústia e a magia que envolviam o momento da morte ou o sofrimento final do moribundo acabam servindo para valorizar a duração de uma vida. A morte, como espetáculo final, se transforma em um momento de meditação sobre a existência humana e sua fragilidade, sendo instrumentalizada no início da época moderna como o meio para o bem viver.

A dor e o sofrimento, numa espécie de herança macabra medieval, são gradativamente substituídos por um tempo de meditações.

Já nos foi demonstrado, com grande originalidade, por Philippe Áries¹¹², como os tratados de espiritualidade dos séculos XVI e XVII procuram preparar os homens para a morte, conduzindo-os a uma reflexão sobre a própria vida. Esses exercícios sobre a vida têm como mestre maior Santo Ignácio de Loyola que, através dos **Exercícios Espirituais** (1548), promoveu a educação e a meditação sobre a vida, ultrapassando com seus trabalhos a Europa e

¹¹¹ DELUMEAU, Jean. História do Medo no Ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

¹¹² ARIES, Philippe. O Homem Perante a Morte. Lisboa: Europa-América, 1988.

sendo um dos pilares fundamentais da colonização da América e, especialmente, do Peru, através da Companhia de Jesus.

Talvez as histórias, criadas a partir da própria Contra-Reforma, sejam mais ilustrativas para demonstrar essa alteração das relações do homem com a morte. Um exemplo bastante significativo é o de São Luiz Gonzaga:

Um dia em que o jovem Santo jogava a bola, perguntaram-lhe o que faria se soubesse que ia morrer. Imagina-se que um monge do século X ao século XV teria respondido que deixaria todas as atividades do mundo, que se consagraria inteiramente à oração e à penitência, que se encerraria dentro de um eremitério onde nada o poderia afastar do pensamento da sua salvação. E um laico diria que fugiria para um claustro. Mas o jovem santo da Contra-Reforma respondeu simplesmente que continuaria a jogar bola. (Áries, 1988, p.16)

Nessas novas relações com a morte, o purgatório é confortante diante da possibilidade extremada de céu e inferno. O purgatório representa a possibilidade de ver os pecados perdoados, portanto, a América pensada não mais como paraíso mas como purgatório, passaria a ser em grande parte depositária desse sonho de redenção religiosa.

O homem e a sociedade européia, do início da idade moderna, ansiavam por uma religiosidade mais próxima, onde desaparecesse aquela distância infinita que separou Deus e os homens durante muitos séculos. Essa necessidade coletiva proporcionou o crescimento do culto aos santos como o meio de intermediar este relacionamento.

Entretanto, as reformas religiosas procuraram, em certa medida, a depuração da fé e a supressão das superstições, como os resquícios da cultura popular pagã, igualmente intensa no Catolicismo e no Protestantismo. Este contexto de crise mental religiosa na Europa moderna, com seus antecedentes fundados na época feudal, estão intimamente ligados às manifestações divinas e sua constante presença e interferência sobre os destinos do homem e da colonização.

A presença divina na América passa a fazer parte do cotidiano da colonização, principalmente santificando o contexto produtivo e demonizando as relações sociais. Isso nos leva a pensar em um imaginário colonial que parte da idéia de que a natureza é paradisíaca, enquanto que a humanidade é demonizada.

Potosi seria um local próprio para as manifestações da ação divina dentro da América. A associação da riqueza com a interferência divina revela-se através da descrição do cronista Bartolomé Trento e também de Santo Ignácio de Loyola, elementos fundamentais da propagação de uma comunicação visual no continente americano.

Nosso cronista, por sua vez, teve sua educação realizada em um colégio jesuíta de Potosi, o que sem dúvida deve ter proporcionado uma grande influência na maneira como o autor tratou assuntos da religiosidade local, e, mesmo no julgamento moral que proferiu dos homens e de seu atos.

Um dos primeiros assuntos abordados por Orsúa y Vela, que revela o tom contra-reformista de suas histórias, refere-se ao descobrimento das minas e ao modo de interferência divina nesse desígnio espanhol.

Segundo Orsúa y Vela, ao procurarem minas de prata nas redondezas de Potosi, os incas teriam sido surpreendidos por uma manifestação sobrenatural. No momento em que faziam a escavação do cerro de Potosi, ouviram um grande estrondo,

[...] que fez estremecer todo o cerro ouvindo-se uma voz que disse: “não saqueis a prata deste cerro, porque é para outros donos” [...] Porém, como a divina vontade impedia, pode estar seguro que esta foi servida a dar a um tão digníssimo monarca como o imperador Carlos V. (Orsúa y Vela, op.cit., p.27)

A interferência divina na revelação e na conservação da riqueza para os espanhóis se torna mais evocada na medida em que o cronista começa a dissertar sobre o núcleo urbano de Potosi, que se instala ao redor do cerro e da vila, organizado em função da exploração da prata.

A divinização do aspecto produtivo¹¹³, presente em seu trabalho, aproxima-se bastante da idéia de fertilidade, resquício de uma época pagã da Europa. Nesta associação, o desejo de Deus e a produção se revelam constantes ao longo da crônica que falará sobre a exploração das minas.

¹¹³ Souza, 1987.p.145.

A falta de riqueza que tão repentinamente sobreveio este ano (1558) nos metais deste rico cerro, foi porque acabou-se a prata branca [...] porém isto caiu desvanecido com o que viu no ano seguinte, que foi a volta da retirada de prata da mesma maneira que antes. Isto se atribuiu somente a Deus Nosso Senhor, que quis retirar-lhes a riqueza que lhes havia dado porque usavam tão mal esse benefício, que não foi novo nos homens pagar a Deus com ofensas às piedades que com eles sempre usou [...] Sendo tantas as culpas dos moradores de Potosi, irritaram a Divina Justiça de modo que lhe obrigaram a que retirasse o instrumento que era a ocasião e motivo de mostrar-se desleais e ingratos para com sua Divina Majestade, que havia dado aquela riqueza para que todos a gozassem uniformemente e com ela agradassem fazendo outras boas obras: porém eles não o fizeram assim, antes se soltaram fazendo vários pecados, reinando sobre todos o homicídio e a cobiça [...] Por estas e outras culpas, suspendeu Deus a riqueza dos metais [...] (Ibid, p.108,109)

No trabalho de Orsúa y Vela, não é somente a coletividade que se beneficia ou é castigada com a ação de Deus na vila de Potosi. Muitos casos são demonstrados individualmente, revelando o aspecto generoso e benévolo de Deus, bem como sua ação de providência, contemplando com riqueza os pios e corretos homens da comunidade e castigando aqueles que atentam contra sua palavra.

O elemento “acaso” acompanha sempre as histórias de graças alcançadas pelos “justos”, como no caso de um homem,

[...] que havendo ouvido missa, se foi para o rico cerro muito confiante que a Divina Providência haveria de socorrer sobrenaturalmente sua necessidade. Chegou ao cerrinho que está na frente do grandioso cerro [...] ali se sentou a descansar da fadiga da empinada subida e de sua idade, quando, oh! Misericórdia e Deus! Querendo se levantar para prosseguir adiante trancou o pé num troço daquele monte de riquezas, e desviando-se um tanto descobriu uma grandiosa pedra, toda de riquíssimo metal de prata branca [...] (Ibid, p.106)

Quanto ao contexto das relações humanas e sociais, percebemos que o indígena americano situa-se entre dois pólos: de um lado, enquanto afastamento geográfico da América em relação à Europa, o indígena torna-se um monstro, ou seja, uma ameaça materializada de modificação de um cotidiano social e cultural.

De outro lado, como elemento pertencente a um tipo de vida mais ligado à natureza, aproximando-se do selvagem.

Portanto, os indígenas americanos acabaram muitas vezes classificados pelos mais diversos cronistas como monstros selvagens, habitantes de purgatório, e a América sendo o local de degredo e de purificação, em parte transformada também em purgatório dos brancos.

Algumas dessas lendas foram descritas em **O Livro das Maravilhas** de Marco Pólo, quando este descreve o reino de Lambri e a ilha de Angamã.

Lambi é um reino cujo rei se diz súdito do Grã-Cã. Os seus habitantes são idólatras [...] há, neste reino, uns homens que têm uma cauda, assim como cães, a qual tem um palmo de comprido [...] (Pólo, 1985.p.197)

Angamã é uma ilha muito grande, sem lei nem rei [...] Nesta ilha, os homens têm cabeça e dentes de cão, e a sua cara parece-se com a dos mastins. São muito cruéis e comem quantos homens possam apanhar e que não sujam da sua tribo [...] (Ibid, p.198)

Até aqui procurou-se demonstrar parte de algumas ligações religiosas que o imaginário europeu transplantou para a América. Essa estreita ligação existente entre a esfera divina e o homem aparecerá com muita força no trabalho dos cronistas que descrevem a América nos séculos XVI e XVII.

A influência das crenças populares-pagãs, da religiosidade cristã, ou ainda a herança mitológica greco-romana, acabaram se fundindo na América e povoando a mente dos homens.

Torna-se necessário relacionar a Europa com a América, reforçando a idéia de transplante cultural, portanto, reafirmando as influências que se instalaram entre os dois continentes. O aprofundamento do conceito de transplante cultural nos permite averiguar, sob uma luz única, os elementos que concomitantemente se manifestam na Europa e em determinadas partes do continente americano, muitas vezes exemplificado pela divinização e demonização humana.

5.4 A AÇÃO DEMONÍACA E O CASTIGO DE DEUS

A América não ficou isenta da ação demonizadora que a Europa experimenta com o advento da caça às bruxas, feiticeiras e da Inquisição. Esse fenômeno nos interessa em seu contexto refe-

rente aos séculos XVI e XVII, quando houve um aumento das perseguições.

Até pouco tempo atrás, supervalorizava-se o número de pessoas mortas pelo processo de caça às bruxas e feiticeiras, entretanto, a preocupação recai mais sobre o impacto na mentalidade da época do que nas mortes propriamente ditas.

O que interessa em nossa análise é considerar a perseguição sistemática que vai iniciar-se na Europa por volta de 1430. E, mais ainda, o apogeu da perseguição, no caso da Espanha, perseguições que estão inseridas em dois contextos diversos e que também irão interferir na América.

Sua ação na Europa e nas colônias americanas vivenciou dois momentos distintos. O século XVI, quando a perseguição ocorreu com uma incidência maior sobre os cristãos-novos e também muçulmanos que permaneceram na Espanha após a Reconquista de 1492, e o século XVII, momento em que a Igreja assume uma ação moralizada, influenciada pela Inquisição.

No século XVI, a Inquisição ibérica agiu com bastante força, principalmente no seqüestro dos bens destes cristãos-novos, em grande parte comerciantes bem-sucedidos.

Na América, esse processo foi retardado e, principalmente no Peru do século XVIII, são de importância singular os processos e os confiscos da Inquisição de Lima aos comerciantes de origem judaico-portuguesa¹¹⁴.

Nos tribunais de Lima e do México, a maior parte dos condenados era constituída de portugueses [...] Esses portugueses foram acusados de crime de “judaísmo”, sendo de notar que foram os que receberam principalmente a pena capital [...] Os portugueses, o principal elemento visado pela Inquisição espanhola, eram considerados inimigos políticos da Espanha, e seus rivais econômicos na disputa pelas riquezas do Novo Mundo. (Novinsky, 1983, p.73,74)

¹¹⁴ Veja-se: CORBACHO, René Millar. Confiscaciones de la Inquisición de Lima a los Comerciantes de Origen Judío-Portuguesa da la “Gran Cumplicidad” de 1635. Revista de Índias. Madrid: (171):27-58, 1983.

Ao contrário da Espanha, a Inquisição portuguesa agiu com um século de atraso nos casos contra os cristãos-novos, permitindo uma migração em massa destes comerciantes cristãos-novos para Portugal, local de maior tolerância religiosa, sendo que esta teve bem os lusos de origem judaica.

As imigrações entre Portugal e Espanha se viram favorecidas com a união das coroas ibéricas, em 1580, sendo que as autoridades coloniais tiveram uma atitude bastante complacente em relação à instalação de comerciantes portugueses, principalmente no Peru¹¹⁵.

A presença de cristãos-novos em Portugal já tinha antecedentes que retrocedem ao edito de expulsão realizado pelos reis católicos. Para receber esses cristãos-novos, Portugal tinha como única exigência o batismo, sendo esta cláusula insuficiente para que eles abjurassem de sua religião judaica, o que lhes permitia, em certa medida, continuar praticando intimamente sua religião.

O tribunal, que estava centrado em outros delitos, seguia atento ao problema da penetração portuguesa e dos falsos conversos. Bastou uma denúncia para que se iniciassem diversas e sigilosas pesquisas que culminaram no maior processo inquisitorial realizado pelo tribunal. (Corbacho, 1983, p.37)

Embora na Espanha do século XVII ocorressem esporadicamente numerosos casos contra cristãos-novos, esta ação se deu com maior frequência quando da separação de Portugal (1604) e o agravamento das dificuldades econômicas dos tribunais americanos. Esses fatores foram mais incisivos na perseguição do que uma orientação metropolitana específica.

É evidente que os inquisidores, logo da detenção dos primeiros implicados, se deram conta das importantes fortunas que eles manejavam e não é ilógico supor que trataram de tirar proveito desta situação. (Ibid, p.38,39)

Agora a perseguição registrada em Lima, a partir de 1653, contra cristãos-novos de origem portuguesa, o aspecto que mais nos interessa é o caráter moralista de perseguição inquisitorial no século XVII.

¹¹⁵ Veja-se: HANKE, Lewis. The Portuguese in Spanish America, With Special Reference to the Villa Imperial de Potosi. Revista de Índias. (51): 1-48,1961.

Nosso trabalho, juntando a documentação referente ao Peru e, mais especificamente, a Potosi, revela uma grande preocupação dos cronistas da época com o assunto, especialmente Orsúa y Vela e também Guamán Poma de Ayala, que descreveram e retrataram uma grande quantidade de casos¹¹⁶.

A ação divina presente em todos os momentos, desde a descoberta da América, continua prevalecendo na ação dos conquistadores. Deus garante e justifica a ação espanhola na empresa americana, já que para muitos espanhóis,

[...] o maior acontecimento desde a criação do mundo (excluindo a encarnação e a morte daquele que o criou) foi a descoberta das índias. (Gómara, apud Elliott, 1984,p.20)

Nesse aspecto, em Potosi é muito forte a relação pecado-castigo e a divinização do econômico prevalece como característica fundamental. A associação entre os pecados e a diminuição da produção são uma constante.

A justiça divina em Potosi se acha constantemente em ação direta contra os homens (castigo). Ela aparece ao longo das crônicas, aparentemente agindo sem distinção entre indígenas e espanhóis. Na verdade, o que se observa são os castigos sofridos pelos espanhóis, sempre relacionados a uma má cristianização ou a um recrudescimento moral dos costumes ibéricos¹¹⁷.

Na península ibérica, a Inquisição foi elemento essencial à consolidação do aparelho do Estado: foi “o melhor auxiliar de Leviatã”, instrumento da monarquia e elemento regulador entre poder real e poder Inquisitorial. (Benassar, apud Souza, 1987.p.284,285)

Quanto aos indígenas peruanos, prevalecem uma série de castigos exemplares, notadamente associados a uma não cristianização, agindo contra um possível retorno às velhas tradições incaicas,

¹¹⁶ A Inquisição espanhola registra o crescimento das chamadas perseguições morais ao longo do século XVI, sendo interessante ver que: “No tribunal do México, pelo menos 20% dos processos do século XVI se referiam a desvios da moral [...]” (Ibáñez, apud Vaifas, 1986.p.42). Também, “[...] no Peru, no mesmo século, o índice atingiu 28.4% [...]” (Bonet, apud Vaifas, op.cit., p.42)

¹¹⁷ Souza, 1987.p.90.

onde surgem as acusações de “[...] apóstatas que se haviam voltado aos costumes de seus pais, que era a idolatria e outros pecados muito sujos”. (Orsúa y Vela, op.cit., p.129)

Dentro desse quadro de associação de não cristianização e volta aos costumes antigos, são muitas as referências no texto de Orsúa y Vela à sodomia e ao castigo infligido por Deus a esse comportamento sexual.

Em princípios de 1566, descreve Orsúa y Vela,

[...] o castigo que Deus executou nesta vida em uns índios sodomitas. Na verdade, dois indígenas que não haviam recebido a fé católica, mas que se mostravam amigos e comerciavam com os espanhóis. Entre eles cometiam o péssimo e abominável nefando, e por não ter impedimento em tão grave maldade, saíam da vila e se iam umas vezes ao arenal, outras à Tarapaya e outras à Carachipampa: ali cometiam o pecado varão com varão e mulher com mulher. Um dia, repentinamente se ouviu um som espantoso, [...] passado aquele sobressalto e sabendo que o terrível raio havia caído sobre o Arenal, foram ao local muitos espanhóis e índios, levando-os Deus para que vissem o estrago de sua justiça pela malícia do pecado. (Ibid, p.129)

O castigo descrito pelo cronista aos sodomitas é uma clara alusão às punições previstas desde 1512 pelas ordenações de Dom Manuel e que foram posteriormente ratificadas por Felipe II. Os condenados por sodomia deveriam ser queimados vivos, seus corpos reduzidos a cinzas e estas espalhadas ao vento, sem deitar sepultura, para não deixarem memória¹¹⁸.

As descrições do cronista sobre os castigos aos sodomitas remetem-nos a duas questões sobre o pecado e o castigo.

Primeiramente, a sodomia e a demonização agem anti-naturalmente, ou seja, atentam contra a natureza, não sendo à toa que Dante remete os sodomitas ao seu inferno no mesmo lugar que os usuários e juntos formam um grupo de pecadores que atentam contra os critérios naturais.

O segundo ponto a lembrar refere-se ao castigo implacável e fulminante descrito pelo cronista, que nos faz lembrar as palavras de Jacques Le Goff,

¹¹⁸ Bellini, 1989.p.78

[...] a morte súbita é a pior morte para um cristão na Idade Média, pois ela geralmente o surpreende em estado de pecado mortal. (Le Goff, 1989, p.58)

Grande parte das descrições de cronistas do século XVI revigora a articulação política e a articulação do poder sobre o Estado, a sociedade e a própria sexualidade (pulverização dos aparelhos de poder).

Orsúa y Vela, vivendo em meados do século XVII, e escrevendo no XVIII, está reproduzindo em sua obra uma das características de seu século, que é centralizada nos mecanismos de repressão. Esse momento vislumbra o nascimento das proibições e da valorização da decência e do poder.

Dentro deste contexto, a justiça que está representada na ação divina reproduz um rito de interação, pois ela dramatiza a obediência às regras que regem a sociedade hispano-americana. Esta dramatização relaciona-se também com o espírito do Barroco, onde o drama público passa a encerrar a visibilidade da justiça.

Na América espanhola, a justiça, ao longo dos séculos XVI e XVII, procura reafirmar seu domínio enquanto poder real, entretanto, o reino de Deus age com determinação e eficiência, tornando-se muitas vezes o instrumento unificador desse domínio.

A força divina age, então, como o elemento capaz de delimitar as liberdades individuais e coletivas. Ela normatiza, colocando a culpa no corpo da pessoa, fazendo disso um suplício exemplar, que tem por objetivo enquadrar o homem no sistema, interessando enquanto afirmação da autoridade divina e real. Não se pretende apenas subordinar os corpos, mas também as almas, depurando-as das superstições e dos ritos pagãos.

Nesse processo, a Igreja seria um braço do Estado, reforçando a ligação entre eles neste movimento de submissão, atuando no momento em que os novos mecanismos de poder estão se estruturando.

Essas modificações da imagem do Estado e especialmente do rei solidificam seu aspecto sagrado. Através de marcas e exemplos aos homens, Deus age diretamente buscando a eliminação do pecado e do mal, demonstrando pública e permanentemente sua ação e superioridade.

Dentro desse quadro, é possível que Orsúa y Vela tenha construído suas descrições dentro de modelos pré-estabelecidos, onde o exemplo torna-se público e essencialmente visível.

[...] viram que os índios estavam da mesma forma que quando cometiam tão grave culpa e lhes colheu a morte [...] As índias estavam da mesma maneira, [...] desnudos seus abomináveis corpos, renegridos ao fogo que os havia queimado e manifestado que queimavam também suas almas no inferno. (Orsúa y Vela, op.cit., p.129)

A ação divina contra os sodomitas possui vários exemplos, como o fim de uma comunidade inteira, deixando viva apenas,

[...] uma pequena indiazinha de dez ou doze anos, e admirados de vê-la viva e naquela paragem lhe perguntaram como se havia livrado do castigo de seu povo, e respondeu que vendo que o fogo ia queimando a todos, chamou a seu favor a mãe de Deus, e veio uma senhora muito branca e formosa, como uma espanhola, e pegando-a pela mão, a havia livrado. (Ibid, p.129)

Deus oferece o castigo mas também o perdão, e a descrição de Orsúa y Vela revela uma proximidade muito grande entre a ação divina em Potosi e os relatos bíblicos. A estrutura do discurso do cronista é povoada pelas histórias bíblicas como as de Sodoma e Gomorra. Orsúa y Vela incorpora o discurso judaico-cristão e descreve, sob seu olhar hispano-americano, uma multiplicidade de acontecimentos, preponderando à montagem cênica descritiva e o tema bíblico.

Dentro dessa proximidade do discurso do cronista com a construção narrativa cristã, não pode ficar de fora o exemplo permanente dessa ação divina. Como no texto bíblico, onde o arco-íris marca a promessa, mas também a lembrança do dilúvio, ou o Mar Morto marca a destruição de Sodoma e Gomorra, em Potosi, conforme afirmaram os espanhóis,

[...] nas lagoas próximas à comunidade indígena destruída, se criavam uns peixinhos negros com alguma semelhança humana, feios e de mau odor [...] (Ibid, p.129)

A seguida associação da ação divina e os resquícios desta intervenção no mundo humano e natural revelam elementos ligados a um pensamento de certa forma demonizado. Como no caso dos peixinhos com semelhança humana, pretos, feios e com mau odor¹¹⁹, estes traços são recuperações generalizadas de elementos da Demonologia européia.

¹¹⁹ Souza, 1987.p.19

A metamorfose, as formas zoomorfas, a cor e o odor são princípios associados ao demônio e fazem parte de seu estereótipo. Portanto, a interferência divina em Potosi revela a velha luta entre o bem e o mal, entre a esfera sobrenatural divinizada e os agentes demonizados que são os homens e mulheres americanos. Mais uma vez vem à tona o elemento humano ligado aos efeitos malignos e demoníacos coexistindo com a ação divina corretiva.

O elemento humano é a fonte do mal. Sua ação se aproxima muito da ação do bruxo, sendo o mal quase uma substância orgânica, transmitida hereditariamente entre populações indígenas.

Essa associação entre as diversas práticas dos homens e uma forma de manifestação demonizada, ou melhor, embruxada, parece se materializar quando pensamos e associamos a sodomia, a hereesia, a apostasia e a negação do Deus cristão à escassez da prata em Potosi.

Esta escassez acaba se resumindo em uma ação de malefício¹²⁰ provocada pelos bruxos ou ateus, ou ainda, como ira do Deus cristão à imoralidade de seus habitantes.

5.5 VÍCIOS E VIRTUDES

A virtude está em fugir dos vícios.
Horácio

O conceito de moralidade do cronista não se limita à sodomia, mas ao adultério e concubinato, sendo suas práticas sempre relacionadas a “[...] calamidades que esta vila imperial de Potosi padeceu [...]” (Ibid, p.203), portanto, fazendo a ligação da vontade de Deus e os castigos terrenos.

¹²⁰ Segundo Laura de Mello e Souza, o malefício é:

[...] infortúnio, ofensa e calamidade sofridos por pessoas, animais ou propriedades, para as quais não se podia encontrar explicações imediata ou plausível. A noção de malefício existiu durante a idade média, mas só no final do período é que passou a ser associada à intervenção de bruxas e demônios. Para Norman Cohn, o malefício integrava crenças populares milenares e só passou a ser demonizado na baixa idade média.(Souza, 1987.p.61)

A natureza é o palco privilegiado das manifestações divinas e onde se desenrolam as maiores interferências sobre a comunidade, é também o maior desafio aos habitantes de uma cidade a 4.000 metros de altura, em uma zona parcialmente desértica e isolada no altiplano, com uma temperatura tão baixa que nos primeiros anos do povoamento nenhum filho de espanhóis conseguiu nascer em Potosi e sobreviver ao rigoroso frio que assolava a vila. As índias normalmente pariam nos vales próximos e depois de crescidas é que as crianças eram trazidas a Potosi.

O contraste da natureza elegendo o cerro de Potosi como o centro de riqueza do Peru e da Espanha, aliados à esterilidade e à inabitabilidade ao seu redor é marcante, fazendo desta natureza uma força constantemente invocada como demonstradora dos destinos do povo espanhol.

O próprio texto deixado pelo cronista, com os apelos ao sentido bíblico de culpa e castigo, revela a preocupação de reforçar a idéia de que Deus está sempre a castigar os pecados de Potosi, como se o povo espanhol fosse o eleito.

Esta espiritualidade espanhola e sua ação evangelizadora sobre a América trazia em si a convicção de serem os espanhóis os instrumentos que o criador utilizaria para levar a fé aos gentios.

Nesse aspecto, reforça-se a idéia da presença constante de Deus e sua ação direta sobre as ações humanas, além de colocar a natureza como importante executora da justiça divina contra os mais diversos pecados dos habitantes da vila. Como no caso dos indígenas sodomitas, também os espanhóis adúlteros e luxuriosos sofrem o castigo de Deus¹²¹.

Como exemplo disso, temos o caso citado por Orsúa y Vela,

[...] de um homem do reino de Espanha dormindo em companhia de uma bela dama peruana, às onze horas da noite, com a continuação da chuva, caiu uma sala alta onde estavam, e ambos caíram em pedaços, colhendo-os a morte naquela situação de torpeza. Passou adiante a imagem do senhor, pois no quarto abaixo viviam outros dois espanhóis amancebados e o peso das ruínas que caíram do alto também os fez em pedaços. (Ibid, p.203)

¹²¹ A normatização dos pecados carnis aconteceu durante os séculos X e XIII através da reforma gregoriana que reuniu no conceito de Luxúria os pecados de corpo. Veja-se: Lima, apud Vaifas, 1986.p.78.

Um mês após esse castigo, a divina justiça - novamente através de forças da natureza - fez voltar sua ira contra os cidadãos que levaram uma vida cheia de imoralidades. Desta vez, a descrição e Orsúa y Vela revela um encontro,

[...] de vinte pessoas entre homens e mulheres em uma casa, onde, havendo comido e bebido demasiadamente, cansados de bailar, a meia noite se recolheram a dormir cada qual com a sua companheira na torpeza, quando duas horas antes do dia, estando todos em um profundo sono (como se não tivessem irritado com suas culpas a divina justiça) caiu uma grande fachada e depois o teto, o que os matou sem que escapasse nenhum. (Ibid, p.203)

As tempestades, raios e chuvas parecem ser as formas preferidas da ação de Deus sobre os pecados em Potosi. Os castigos recaem mais sobre os violadores dos dez mandamentos do que sobre os infratores dos pecados capitais. Os homens e mulheres castigados atentam contra a majestade divina e humana, portanto, contra o poder constituído, tornando-se desgarrados e rebeldes.

Esses homens são marginalizados em um processo de depuração social, dentro de um espírito organizador que se vê ameaçado pela inversão da ordem hierárquica e rejeição das regras da sociedade.

O bem comum é ressaltado em quase todos os momentos, onde alguns devem ser punidos pela desobediência, para que a sociedade não pague como um todo. A continuidade da extração de riqueza é o objetivo final que pode ser redimido pela punição dos pecadores mais ímpios.

A maneira como os pecadores encontram a morte é muito semelhante, visto que o pecado é praticamente o mesmo, como o caso dos dois irmãos que viviam em Potosi.

[...] os quais haviam passado cinco anos que estavam ambos com duas mulheres casadas, cujo pecado de adultério todos sabiam, por terem sido roubadas dos maridos em La Paz e a todos escandalizados. (Ibid, p.233)

A vingança e o castigo divino vieram através de uma tempestade que,

[...] enviou Deus com suas iras e com um raio que no princípio da tempestade penetrou uma parede e entrou em um quarto matando a um dos adúlteros junto com sua companheira, que estavam na cama; saindo o

raio pela porta, foi entrar noutra quarto, distante doze varas, onde estavam os outros adúlteros, também os matando. (Ibid, p.233)

Tanto a sodomia quanto o adultério eram violações castigadas com a morte, reedita-se aqui um pouco das leis do velho testamento e dos tempos em que Deus freqüentemente falava aos homens e os fazia sentir sua presença e sua justiça.

Orsúa y Vela nos remete à filosofia moral da antigüidade clássica, especialmente à Ética de Aristóteles. Existe uma preocupação do autor em listar os vícios (soberba, inveja, ira, preguiça, avareza, luxúria e gula) e os justapor às virtudes (humildade, mansidão, moderação, prontidão, misericórdia, castidade e sobriedade), em uma abordagem sobre as normas de conduta que seriam as que deveriam seguir os habitantes de Potosi.

Na obra de Orsúa y Vela, como em outros cronistas como Guamán Poma de Ayala, temos a nítida impressão de que existe o triunfo dos vícios e a edição de um mundo às avessas. Nestes autores se conjugam as concepções milenaristas indígenas, ligadas à existência de um mundo cíclico, com a concepção européia de um mundo de cabeça para baixo. Em ambas as situações se pressupõe a existência do fim dos tempos, anunciada com a proliferação dos vícios superando as virtudes.

Ao citarmos o cronista peruano Guamán Poma de Ayala, temos que frisar a importância de seu trabalho para a história colonial americana. Este autor retoma parte de tradição européia do século XVI, que era a de combinar as palavras com as imagens, ou seja, associar uma forma de linguagem à outra, com o fim de restabelecer a unidade entre as palavras e os objetos¹²².

Deste processo surgiu a partir da Itália, no século XVI, o desenho de tipo alegórico¹²³ com lema explicativo, ou seja, o Emblema.

¹²² López-Barralt, 1988.126.

¹²³ Alegoria:

Representação concreta de uma idéia abstrata. Exposição de um pensamento sob forma figurada em que se represente algo para indicar outra coisa [...] (Kothe, 1986.p.90)

Veja-se também:

BENJAMIN, Walter. O Drama do Barroco Alemão. São Paulo: Brasiliense, 1984.

A experiência visual é capaz de estabelecer um vínculo muito forte entre a visão e o conhecimento provocado pela emoção. Na verdade, os emblemas e gravuras instalaram a memória como objeto do proselitismo católico.

Dentro do espírito contra-reformista, a Espanha aplicou a política de comunicação visual proposta pelo Concílio de Trento à América, transformando-a em um poderoso instrumento de catequese.

A América colonial tornou-se um terreno fértil às manifestações sobrenaturais de origem cristã. As aparições de santos e da Virgem Maria povoam as descrições da Patagônia à Yucatán e a justiça divina se impõe de forma até mais eficiente, juntamente com a justiça real.

As relações familiares são os enfoques principais desta cruzada moralizadora. A família, como “célula-máter” de uma nova sociedade que se afirma sobre as tradições indígenas anteriores, acaba incorporando este rito moralizador de interação entre o Estado e a Igreja.

A família se instala como um dos sustentáculos da “microfísica do poder”. Os três (Estado, Igreja, Família) trabalham no sentido de organizar e hierarquizar uma estrutura paternalista, onde preponderam as figuras de Deus, do rei e do pai.

À Igreja e ao Estado interessavam,

[...] vigiar a família como propagadora da subversão, pois ainda é uma depositária das tradições que não interessam mais à sociedade manter. (Muchembled, 1978, p.257)

Estas tradições podem ser advindas de uma má cristianização européia ou dos resquícios de uma cultura pagã-ameríndia fortemente presente. Nessa quebra do conservadorismo familiar, é importante a formação de um modelo de família, modelo este que a justiça divina ou laica vai procurar moldar.

A atuação da justiça se torna efetiva e decisiva na medida em que ela dramatiza a obediência devida aos pais através da punição dos filhos.

Essa dramatização, quanto mais pública e mais supliciada for, melhor resultado terá. A justiça torna-se visível nos corpos mutilados. E o drama público, Barroco, que fornece os elementos do rito de interação entre a justiça e a família.

O corpo [...] é o ponto de convergência de fenômenos que põe em relação íntima os aspectos orgânicos e os sociais do homem onde a cultura e a natureza dialogam; onde o grupo e o indivíduo se interpenetram [...] (Rodrigues, apud Bellini, 1988.p.11)

A ação da justiça sobre a estrutura do poder familiar, tendo como objetivo atingir a sociedade como um todo, é muito freqüente na obra de Orsúa y Vela. Como no caso de um filho que ficou zangado por seu pai haver gasto 50 pesos na compra de “um pobre vestimento para tapar suas carnes”, e o derrubou ao solo e o recriminou por haver gasto tamanha quantia.

O velho, com tristes e agonizantes gemidos, disse-lhe que: “tente, mau filho, e acaba de matar-me” e adverte que

[...] se faltarem cristãos nesta comunidade para que castiguem esta tua maldade, raios hão de fulminar dos céus e te fazer cinzas. (Orsúa y Vela, op.cit., p.233)

No dia seguinte, devolvendo os 50 pesos ao filho disse-lhe:

[...] O céu está armado contra ti. Me vou para não ver teu castigo, mal saíra da casa de seu filho e caiu um raio nela e desfez-lhe os ossos sem abrir-lhe ferida, e sua alma que não tinha divina piedade, passou dali aos eternos fogos. (Ibid, p.233)

Essas descrições são bastante características da primeira parte da história da vila imperial de Potosi. São histórias de pescadores que estão ligados à ação da Igreja e do Estado na região, tomando como base, principalmente, os sermões moralizadores que - pela documentação - são muito freqüentes e dramatizados em Potosi e regiões próximas.

Orsúa y Vela acaba resgatando, com muita precisão, um modelo caracterizado pela continuidade do discurso cristão. Praticamente são recuperadas, a cada exemplo apresentado, as cenas bíblicas ou da teologia em geral. São descritos os sete pecados capitais, ou ainda reeditado contemporaneamente o texto dos dez mandamentos. Orsúa y Vela se vale da teoria cristã para escrever seus exemplos moralizadores dentro da ética contemporânea, a sua existência e aos costumes peruanos.

A divinização de uma natureza abundante é introduzida como novidade paralela ao texto de exortação da fé e da moralidade pública e privada. Esta divinização é acompanhada pelo tom ame-

açador de um Deus ligado à abundância e ao castigo.

Potosi vive a dualidade da presença divina atormentada pela eminência demoníaca. Deus é responsável pela prata que “nasce” em Potosi, pois:

[...] criou o Todo Poderoso entre estas paragens o poderosíssimo cerro de Potosi, reis dos montes do orbe para que oculto de suas entranhas desse ao mundo tão abundantes tesouros que a malícia do homem, depois de possuída, convertam em venenos mortais de cobiça, de que seguiram tantas ofensas de sua divina majestade. (Ibid, p.248)

Orsúa y Vela parece fortemente influenciado pelos discursos moralizadores a que estão submetidos Potosi e o Peru.

Ao longo dos séculos XVI e XVII, existe uma forte preocupação com a cristianização e a evangelização do Novo Mundo. Esta preocupação recupera elementos conservadores que dão às colônias um tom luciferiano, compatível com a condição de inferioridade.

Embora fosse Potosi um dos mais ricos filões da América espanhola, constantemente cabia à Europa “cultu” e “cristã” o papel de livrar os americanos dos desvios “naturais” e afastá-los do terreno pecaminoso a que constantemente estavam expostos.

A abundância e a generosidade da natureza americana tem, em contrapartida, a imensidão do pecado e das tentações. Para tanto, é preciso resgatar um discurso e uma prática que rebatem o grande número de pecados com a dureza do castigo e das ameaças.

À Europa cabia o papel de corrigir os desvios dos homens, perpetuando a abundância de uma natureza divinizada.

Potosi tinha indignado muito a Deus com seus grandes pecados, pois estes lhe obrigaram a usar mão de sua justiça mais que de sua misericórdia, acrescentando o castigo e dilatando-o sobre seus moradores, não somente dias e meses, senão também anos inteiros. (Ibid, p.374)

A associação de um ou mais pecados a uma mesma cena são constantes em Orsúa y Vela, ressaltando-se sempre o aspecto punitivo e fulminante da ação de Deus no espaço humano, e reforçando a proliferação dos vícios.

Assistindo, pois, um dia a um banquete com sua má companheira, havendo comido e bebido abundantemente, se achou fatigado com a variedade de manjares e efeitos da gula. Foi à sua cama com a mulher e,

sendo já meia noite, começou a dar espantosos gritos. “Ajudem-me!” dizia, “que todo o inferno está neste quarto e querem agarrar-me os demônios, querem agarrar-me”. Acudiram aos gritos os criados, entraram no quarto e acharam a mulher agarrada a uma imagem da Virgem Santa Mãe de Deus, a quem com muitas lágrimas pedia que a ajudasse. Acudiram também ao cavaleiro e o acharam morto na cama, com o rosto renegrido e com uma feiúra horrível. (Idem, p.405)

O adultério e a gula foram os motivos que levaram Deus a agir e a punir estes “maus cristãos”; entretanto, o cronista revela aí a presença de elementos demonizados, reforçados pela Reforma Protestante e pela Contra-Reforma, que fortaleceram ainda mais a presença de Satã entre os homens.

A presença de marcas, como o rosto deformado com sinais dos horrores do inferno, a festa ou banquete associado ao sabbat¹²⁴ e, ainda, enegrecido, são formas bastante comuns de reforçar a presença maligna na ação descrita.

Sem Diabo, não há Deus [...] O Diabo esteve historicamente ligado ao monoteísmo, os primeiros hebreus não sentiram necessidade de personificar o princípio maligno [...] Com o triunfo do monoteísmo, tornava-se necessário explicar a presença do mal no mundo, já que Deus era tão bondoso: “Assim, o Diabo ajudou a sustentar a idéia de uma divindade absolutamente perfeita”. (Thomas, apud Souza, 1987.p.476)

Orsúa y Vela não adere completamente a um discurso do tipo inquisitorial, mas revela a incorporação de alguns padrões elementares da formação do estereótipo demoníaco. Parece conhecer, com alguma precisão, os elementos demonizadores e suas manifestações.

¹²⁴ O Sabbat é uma assembléia noturna de bruxas com a finalidade de adorar o diabo. O termo surge no final da idade média, provavelmente originário do sabá judaico. Existe uma identificação das minorias que são “inimigas” da sociedade (judeus e bruxas). O nome pode também derivar de Dionísio Sabásius. O Sabbat pode ser ainda a sinagoga das bruxas, em uma alusão à demonização dos judeus. Veja-se:

SOUZA, Laura de Mello e. A Feitiçaria na Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1987.
 _____. O Diabo e a Terra de Santa Cruz. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. NOGUEIRA, Carlos Roberto F. O Diabo no Imaginário Cristão. Ática, 1986.

Salientando a ação divina e a presença demoníaca dentro da própria concepção maniqueísta de mundo, chama-nos a atenção a relação de alguns elementos da Demonologia européia presentes nas descrições do cronista. Sem querer comparar as práticas sabáticas com suas crônicas, alguns elementos são incorporados por ele, existindo uma considerável semelhança entre o sabbat das bruxas e a violação de algumas regras morais da sociedade potosina.

Essas violações revelam uma preocupação com as convenções sociais, sexuais e familiares. Nota-se uma profunda preocupação com a família, reforça-se:

[...] a construção da idéia de lar, família e organização social. Daí a proeminência dada às práticas sociais heterodoxas: sodomia, incesto, promiscuidade, homossexualismo. (Robert Rowland, apud Souza, 1987, p.260)

As pregações e os sermões exortando os homens à penitência e à vida cristã tocaram bem fundo na produção de Orsúa y Vela. Os castigos infernais e a ira de Deus atormentam o cotidiano de Potosi. Os sermões eram, na verdade, quadros apocalípticos de um Deus justiceiro.

Estes quadros tinham como elementos comuns a justiça e a presença do anti-cristo, capaz de multiplicar o medo e a angústia, além de influenciar uma demonização do cotidiano.

O inferno povoa-se de espetáculos aterradores nas visões apocalípticas: lagos de fogo e gelo, bestas formidáveis que se alimentam das almas dos aventos e dos religiosos infiéis aos seus votos, e pântanos fumegantes repletos de sapos, de serpentes e outros animais hediondos, que somente uma fantasia desenfreada e mórbida poderia conceber. As diversas representações do inferno mostram demônios desenrolando os intestinos dos invejosos, impedindo os glutões de comer as iguarias de uma mesa abundantemente servida; blasfemadores são suspensos pela língua sobre chamas que os queimam eternamente, demônios enterram ferro em brasa no sexo das mulheres que foram levianas [...] (Nogueira, 1986.p.74)

O quadro pintado do inferno não permite o prazer, nega-o, impede que aconteça a satisfação. No mundo humano, a vitória do demônio e o castigo divino acontecem após a consumação do prazer.

Esta inversão resgata a concepção castradora em que o demônio foi criado, era o anti-cristo, atormentador eterno, mestre da

arte de iludir e de imitar a Deus.

A ação demoníaca liga-se ao passageiro e ao momentâneo, aos castelos de areia. A ilusão e a falsa realização são o que Satanás tem a oferecer. Em oposição está Deus, o senhor da felicidade eterna, luz do mundo, punidor, mas benévolo e vencedor.

O outro aspecto final das crônicas de Orsúa y Vela é a associação feminina aos pecados menos nobres que assolam Potosi:

O vício da desonestidade é mais abominável nas mulheres nobres [...] Passados alguns anos de casados, sobreveio ao marido um gravíssimo achaque, e de tal sorte que caiu tolhido dos pés e mãos sem poder mover-se de sua cama. Isto usou a desonesta mulher pois, não guardando a lealdade devida a seu marido, cometeu adultério com um mancebo espanhol; [...] com o pouco temor a Deus, no mesmo quanto onde estava a sua vista o ofendia. (Orsúa y Vela, 1965, p.405)

O poderosíssimo Deus cristão intervém diretamente na ação humana. Através da herança cultural europeia, este Deus manifesta-se no cronista com os elementos mais significativos de um imaginário, alimentado constantemente pela religiosidade popular. O discurso do cronista é um discurso adjetivado, salientando a qualidade da ação divina e a justiça do castigo.

O discurso dos inquisidores, o estereotipo de bruxa¹²⁵, as cenas bíblicas e apocalípticas, os pecados capitais e os dez mandamentos povoam o cotidiano dos habitantes de Potosi. Esse cotidiano convive com a idéia de riqueza que nasce e é inesgotável enquanto natureza divinizada, mas humanidade demonizada.

Um dos elementos que percebemos até aqui é a adesão de Orsúa y Vela às normas da Igreja sobre o comportamento humano. Este cronista, como Guamán Poma de Ayala, conhece a postura da Igreja da Contra-Reforma, provavelmente através das leituras dos decretos do Concílio de Trento que foram obrigatórios nas igrejas do Peru por ordem de Felipe II.

Dentro das relações que o cronista realiza de vícios e as virtudes, a luxúria se destaca entre os vícios espanhóis. A inveja funciona como amplificador da avarizia e agente desencadeador das guerras sob a forma de ócio ou de exploração do trabalho indígena.

¹²⁵ Veja-se: Souza, 1987.p.14,15.

Neste contexto surge, por parte de Orsúa y Vela e Guamán Poma de Ayala, a necessidade de personificar os vícios e virtudes. Na produção de

[...] um personagem exemplar, seu caráter se devia elaborar como expressão de um vício ou de uma virtude e vice-versa: para produzir um efeito mais vivo na apresentação da virtude ou vício, se personificava em um ser usualmente fictício. (López-Baralt, 1988, p.312)

Como passo importante da ação da Igreja da Contra-Reforma estava a necessidade da Espanha em levar uma política religiosa às Índias, sustentada em uma forte comunicação visual e baseada no Concílio de Trento, transformando essa ação em uma poderosa prática da catequese em quase toda a América.

Essa ação sobre o Peru colonial, em especial no século XVI e XVII, se dá sob a associação de várias formas de linguagem.

A ação das leituras feitas a partir dos púlpitos se soma à chamada crônica das Índias, gênero literário reconhecido pelo mundo hispânico dos séculos XVI e XVII e à imagem visual das gravuras e das pinturas.

Essa associação se estabelece com o fim de propor uma unidade capaz de facilitar a evangelização dos indígenas por parte dos missionários e manter vivas as práticas cristãs entre os espanhóis.

Juntamente com as gravuras, a pintura deste período (em especial o trabalho da escola cuzquenha) se caracteriza por ser essencialmente uma arte religiosa, cujo propósito didático a converte em um importante instrumento de aculturação. Tanto a pintura como o costume medieval de combinar a palavra com a imagem na arte eclesiástica, revitalizada pela Contra-Reforma, adquirem um valor inusitado em um meio onde o analfabetismo se soma à necessidade de combater efetivamente as crenças religiosas indígenas. (Orsúa y Vela, op.cit., p.171)

As crônicas e os cronistas que deixaram gravadas suas mensagens sobre a vida colonial peruana e, em especial, potosina, acabam condensando um modelo totalizador da cultura do Vice-Rei do Peru, deixando-nos mais do que um relato indígena, espanhol ou mestiço, mas a idéia de permanente embate entre a aculturação e a resistência cultural.

Neste momento, vem à nossa mente a recuperação do conceito

que Lotman utiliza dentro dos padrões da Semiótica soviética, que é o poli-culturalidade. Esta poli-culturalidade parece esclarecer as mensagens deixadas pelos cronistas, revelando, em certa medida, o grau de envolvimento do homem com as culturas que o cercam.

Como diz Lotman,

[...] a poli-culturalidade ocorre somente em certas etapas do desenvolvimento social, vale dizer, no momento inicial do contato, em que se dá a justaposição cultural.

Se distingue da etnogênese, que implica a fusão de elementos culturais diversos em uma realidade qualitativamente nova. E a distância que media entre o indígena aculturado e o mestiço. (Lotman, apud López-Baralt, 1988, p.483)

Para finalizar, pode-se dizer que Potosi (como espaço colonial) se confunde, também, através de uma realidade nova, ora como paraíso exuberante de riqueza, ora como purgatório de penas e culpas, constantemente atormentado pela ação do demônio.

Orsúa y Vela, como escritor sensível ao cotidiano de sua comunidade e a pregação moral que ela recebeu, acabou incorporando, em longas passagens de sua obra, esses elementos complexos que formam as relações culturais ibero-americanas.

Nosso cronista acabou por nos deixar uma série de histórias que, na verdade, são imagens de um mundo em transformação. Imagens estas que possuem todo um apelo didático-pedagógico, transmitido através de um discurso ornamentado e uma narrativa enigmática e alegórica.

Enquanto os protestantes do Velho e do Novo Mundo pregavam a simplicidade e a modéstia, praticando uma religião sem imagens, o mundo católico ibero-americano seguiu exaltando a eucaristia, a Virgem, o Papa, o culto aos santos e ditando regras que mostravam aos seus crentes uma atmosfera de martírio e êxtase, em grande parte captada por nosso cronista.

Orsúa y Vela criou um texto abrangente, didático e evangelizador, onde veicula determinados valores à medida que o texto evolui. Além disso, sua posição é extremamente maniqueísta (bem/mal) e fortemente alegorizada (Deus doutrinário e participativo).

A trilha metafórica percorrida por Orsúa y Vela se dá através de uma construção que procura captar os elementos de diversas

naturezas. Essas metáforas procuram definir, chegar à realidade, mas na verdade não chegam nunca, pois a realidade é muito mais complexa e fragmentada. As imagens possuem a possibilidade de inovar, sendo ricas no aspecto simbólico.

Esse caminho percorrido pelo cronista através da metáfora, do simbólico e da efusividade remete-o novamente ao Barroco, na medida em que busca um efeito que impressione os sentidos, conseguido através de sua narrativa.

O cronista parece retratar com uma precisão bastante significativa a adaptação das resoluções tridentinas à realidade peruana. Entre os muitos decretos vindos de Trento, alguns se difundem com maior facilidade em virtude dos interesses do rei e da igreja. Entre eles está a invocação e veneração das relíquias dos santos e das imagens sacras, caminho decisivo na política de comunicação visual dos séculos XVI e XVII¹²⁶.

Muito mais importantes que a ilustração de livros utilizada para evangelizar os indígenas foram as contribuições da escola de Cuzco (pintura) e da escola de Potosi (escultura), desenvolvidas como uma arte religiosa com fins eminentemente didáticos.

A pintura e a escultura tiveram um papel artístico-pedagógico, sendo revitalizados na América com o advento da catequese inspirada na Contra-Reforma, adquirindo um peso extremamente significativo em um meio onde o analfabetismo era dominante. A sociedade potosina era muito marcada pela pregação visual, fortemente ilustrativa e didática, tendo reproduzido nos textos escritos esta situação.

A reiterada identificação da história e a experiência ocular que se dá na cultura colonial americana, coincide com a promulgação da arte memória como instrumento do proselitismo católico, que estabelece o vínculo entre o sentido da visão e o conhecimento através da emoção. (López-Barralt, op.Cit., p.277)

Orsúa y Vela, como grande parte da comunidade potosina dos séculos XVI, XVII e mesmo XVIII, parece aderir aos padrões e às normas da Igreja. O cronista representa parte dessa adesão ao representar em suas crônicas as lutas entre o bem e mal, o castigo

¹²⁶ LÓPEZ-BARRALT, Mercedes. *Icono y Conquista*. Madrid: Hiderón, 1988.

divino e a benevolência de Deus, numa linguagem escrita que, na verdade, recria quadros como um livro ilustrado.

Orsúa y Vela transforma a sua crônica em uma pintura, invertendo as palavras de Horácio que diz: “A pintura é uma poesia” (“*Ut pictura poesis*”), enquanto nosso cronista transforma a sua expressão escrita em “pinturas” cujo tema está repleto de apelos religiosos com as mensagens da Contra-Reforma.

O texto propagandístico e didático de Orsúa y Vela é extremamente revelador, na medida em que transmite uma imagem do Peru colonial montada sobre um “eficiente” aparato estatal e eclesiástico, sendo que esta estrutura conferia uma certa unidade à colônia, transformando-a em uma nova cristandade.

Essa América presente no texto de Orsúa y Vela, se constitui no cenário onde as manifestações populares passam a ser minuciosamente controladas pelo Estado e pela Igreja, construindo, por sua vez, um discurso dogmático, repleto de símbolos que foram criados na Europa, dando margem para que essa “nova cristandade” fosse na verdade uma construção fictícia, tal como o teatro e o discurso Barroco.

Portanto, ao falar neste último da religiosidade e dos elementos didáticos-modeladores da Contra-Reforma, procura-se dar um fechamento e analisar parte do cotidiano deste centro minerador da América colonial que foi Potosi.

As análises quanto à produção de prata, o processo produtivo, o crescimento urbano e a obra de Orsúa y Vela são elementos importantes que resgatamos para a análise dessa vila peruana. Entretanto, esses pontos são passos que devem nos levar ao aprofundamento de outras questões, que não se esgotam nesse trabalho.

A utilização do documento deixado por Orsúa y Vela, de certo modo, contribui para preencher a lacuna dos estudos sobre a América colonial, e nosso trabalho teve a intenção de se colocar como um passo na direção de conhecer mais um pouco dessa nossa América tão falada e idolatrada, mas que carece de estudos em todas as suas épocas e regiões.

Esperamos ter contribuído para que Potosi saia do anonimato das pesquisas históricas no Brasil, e que não somente o seu aspecto econômico venha a ser ressaltado e conhecido nos estudos que envolvem a América; pelo contrário, que este elemento sirva de

suporte para outras análises no Peru, e mesmo em outras áreas de mineração que se desenvolveram durante os séculos de controle metropolitano.

CONCLUSÃO

Ao final deste trabalho, esperamos ter alcançado uma compreensão satisfatória acerca da obra de **Bartolomé Arzáns de Orsúa y Vela**, bem como do significado que teve Potosi para a história americana.

Ao longo dessas análises, procuramos retirar da documentação informações que nos permitissem recuperar o cotidiano potosino.

Sua obra transcende a descrição da história política e econômica de Potosi, sendo um documento importante na medida em que nos permite, também, constituir o imaginário da época.

Indubitavelmente foi nossa intenção primeira conhecer mais profundamente esta obra, até então bem pouco conhecida. Procuramos retirar dela a maior quantidade de informações sobre a sociedade mineradora de Potosi.

À medida que procedíamos à leitura das crônicas de Orsúa y Vela, nos dávamos conta da riqueza do trabalho elaborado pelo autor. A variação temática e as características retóricas permitiram uma conjunção entre os acontecimentos mantidos na memória de Orsúa y Vela e o estilo pelo qual ganhavam força e presença em uma época barroca.

Essas características foram decisivas para que alterássemos algumas propostas iniciais e, antes de aprofundá-las, buscássemos uma maior compreensão daquele documento e de seu autor.

Para nós foi importante pensar o desenvolvimento econômico e o crescimento urbano, além da estruturação do Estado e das relações inter-coloniais, também sob a ótica cultural. Utilizamos o documento deixado por Orsúa y Vela como uma fonte que revela novos pontos a serem abordados, muitas vezes diferentes dos textos clássicos sobre a América (Colombo, Acosta, Las Casas, Sahagún, etc.), exaustivamente citados e analisados pela historiografia tradicional.

Ao contrário do caminho historiográfico seguido até aqui pelos grandes pesquisadores da história colonial peruana, como Lewis

Hanke, John Hemming e outros, nossa contribuição evitou perseguir caminhos já trabalhados. Optamos pela recomposição do cotidiano potosino, o que nos levou a incorporar as análises anteriormente realizadas sobre a crônica de Orsúa y Vela pra enriquecer a nossa proposta.

Nesse caminho, nada poderia ser mais rico e oportuno do que estudar Potosi. Trata-se do espaço onde criaram-se as condições favoráveis para o desenvolvimento de inúmeros mitos relacionados à riqueza exuberante: um sonho, o Eldorado, que se materializou.

A sociedade que se desenvolveu a partir do descobrimento das minas, em 1545, acabou incorporando e reproduzindo o mito da Fortuna. Como vimos ao longo deste trabalho, a produção de prata em Potosi freqüentemente transformou-se em capital improdutivo: igrejas, obras de artes, adornos de uso cotidiano. Neste sentido, a memória deveria se espelhar na riqueza e como tal ser mantida.

Este mito, já presente nas fantasias dos europeus antes da chegada à América, encontrou um campo fértil em Potosi. Esta é uma região estéril, mas que tudo poderia possuir em razão da prata ser um metal precioso que muito ajudou a fantasiar a existência da vila.

Evidentemente, a abundância de riquezas e mercadorias que chegavam a Potosi em troca da prata alimentaram esta mitificação, reforçando e garantindo a transmissão de geração em geração do mito da Fortuna, mesmo quando a vila entrou em decadência.

É importante lembrar que o autor escreve, em um momento de decadência econômica de sua vila, e procura, com sua narrativa, manter viva na memória dos leitores o mito da Fortuna. A riqueza havia desaparecido, mas o mito perpetuava-se através das palavras do autor, afinal, “[...] o conhecimento do mundo humano, em todos os seus níveis, é conhecimento na e pela palavra.” (Rouanet,1987.p.300)

Em Potosi o luxo e a opulência funcionaram como argumentos revitalizadores que acenavam para a abundância, contribuindo para a construção da própria sociedade. Como afirmou Octávio Paz,

[...] o esbanjamento, se espera atrair, por contágio, a verdadeira abundância [...] A vida regada dá mais vida [...] e o desperdício fortalece [...] (Paz,1984.p.48)

A análise do texto de Orsúa y Vela não passou simplesmente pelo crivo da verdade/mentira, pois não foi o conceito de verdade

aquele utilizado pelo autor para escrever, tampouco o nosso para analisar o seu trabalho.

Orsúa y Vela foi um homem Barroco, cujas dúvidas, angústia e incertezas, juntamente com o questionamento do mundo em que viveu, permitiram que ele reconstruísse seu universo dentro de um estilo de época. Neste sentido, o estilo regeu a seleção dos fatos, os quais organizaram a narrativa.

Entretanto, o mito da Fortuna construído por uma retórica Barroca não se explica somente pela existência da riqueza. Este mito se tornou possível graças às fantasias e as tradições culturais, onde alguns elementos reforçariam a sua existência como, por exemplo, a crença de que o ouro e a prata nascem, ou ainda, que Deus provê a falta de água ou sua abundância, ou a falta de prata e sua fartura.

Embora nosso cronista tenha se esforçado tanto para falar das quantidades de prata, sua intenção, entretanto, era a de demonstrar como era divinizado o cotidiano de Potosi. Nele Deus agia diretamente para o cumprimento de suas leis, reforçando, assim, a idéia do mito que Orsúa y Vela tenta preservar e perpetuar.

Através desse documento reconstituímos a micro história potosina, contudo, não deixamos de relacioná-la com as grandes correntes e acontecimentos contemporâneos, não descartando a oportunidade para um estudo mais específico sobre o período colonial americano, fazendo avançar as pesquisas da área andina.

Tratar desses temas e relacioná-los com parte do cotidiano dessa povoação através do texto de Orsúa y Vela nos possibilitou a recuperação de algumas idéias, sentimentos e fantasias do homem peruano do final do século XVII frente a um mundo em transformações, que caminhava da conquista e colonização para as independências.

As angústias, os desejos e os enfoques dados em cada tópico tratado pelo autor, desde a produção de prata até as relações sexuais, estão diretamente relacionadas com a visão do narrador, que transferiu para seu texto os elementos que julgou mais convenientes e importantes para historiar aquela sociedade. E nós, historiadores do futuro de Orsúa y Vela, procuramos ter como foco central a obra desse homem que fez uma leitura sobre seu passado, construindo um texto capaz de valorizá-lo, criando expectativas a

partir dele para o futuro da comunidade potosina.

Foi um atributo central em nossa dissertação analisar a vila de Potosi sob o olhar de Orsúa y Vela, não deixando de incorporar outras fontes para que os diversos fragmentos da história indicassem como esta sociedade constitui-se em um verdadeiro mosaico.

Fornecendo elementos sobre o surgimento de Potosí, passamos a analisar a forma como se deu o crescimento dessa povoação. A natureza, a riqueza e os mitos obrigaram seus habitantes a elaborarem com engenho os significados de seu passado para poderem resgatá-los através de presenças pagãs, cristãs e indígenas.

É importante pensar como esse passado glorioso convive com um presente decadente e, a partir daí, que forças culturais foram resgatadas. Frente a este contexto, analisamos a exploração da prata enquanto empresa colonial, cujas raízes estavam sustentadas em uma política metropolitana ditada pelo mercantilismo. Ao mesmo tempo, procuramos tecer o processo de ocupação de Potosi, a assimilação de suas lendas e suas minas como forma de expressão de uma estrutura mental.

Em suma, é determinante para a compreensão deste trabalho entender como um conjunto integrado, formado pela colônia e metrópole, dois mundos fisicamente distantes, foram capazes de construir vínculos através do cotidiano. Um cotidiano marcado pela Contra-Reforma, permitindo que europeus e americanos se reconhecessem através de um longo processo de formalização, tanto da cultura européia quanto da cultura indígena.

Deste esforço estético que aproximou os universos culturais, a obra de Orsúa y Vela é um dos momentos significativos, um momento Barroco, uma obra múltipla e aberta.

ANEXOS

Relação dos vice-reis do Peru no período de 1544 a 1745.

Blasco Nunez Vela – 17/05/1544 – 18/01/1546

Antonio de Mendonza – 12/02/1551 – 21/07/1552

Andrés Hurtado de Mendonza

(Marquês de Canete) – 29/06/1556 – 14/09/1560

Diego López de Zuniga y Velasco

(Conde de Nieva) – 11/02/1561 – 19/02/1564

Lope Garcia de Castro – 25/10/1564 – 30/11/1569

Francisco de Toledo – 30/11/1569 – 01/05/1581

Martín Enriquez de Salamanca – 04/05/1581 – 12/03/1583

Fernando torres y Portugal

(Conde de Villardompardo) – 21/11/1585 – 06/01/1590

García Hurtado de Mendonza

(Marquês de Canete) – 06/01/1590 – 04/04/1596

Luis de Velasco – 23/06/1596 – 08/12/1604

Gaspar de Zuniga y Acevedo

(Conde de Monterrey) – 08/12/1604 – 10/02/1606

Governo da Audiência de Lima – 1606/1607

Juan de Mendoza y Luna

(Marques de Montesclaros) – 22/12/1607 – 18/12/1615

Francisco de Borja y Aragón

(Príncipe de Esquilache) – 18/12/1615 – 31/12/1621

Diego Fernández de Córdoba

(Marquês de Guadalcázar) – 25/07/1622 – 14/01/1629

Luis Gerónimo Fernández de Cabrera

(Conde de Chinchón) – 14/01/1629 – 18/12/1639

Pedro de Toledo y Leiva

(Marquês de Mancera) – 18/12/1639 – 20/09/1648

García Sarmiento de Sotomayor

(Conde de Salvatierra) – 20/09/1648 – 24/02/1655

Luis Enríquez de Guzmán

(Conde de Alba de Aliste) – 24/02/1655 – 30/07/1661

Diego de Benavides y de la Cueva

(Conde de Santisteban) – 30/07/1661 – 17/03/1666

Governo de Audiência de Lima – 1666/1667

Pedro Fernández de Castro

(Conde de Lemos) – 21/11/1667 – 06/12/1672

Governo de Audiência de Lima – 1672/1674

Baltasar de la Cueva

(Conde de Castellar) – 15/07/1674 – 07/07/1678

Melchor de Linan y Cisneros – 07/07/1678 – 07/11/1681

Melchor de Navarra y Rocafull

(Duque de La Palata) – 07/11/1681 – 15/08/1689

Melchor Portocarrero Lasso de la Vega

(Conde de Monclova) – 15/08/1689 – 24/09/1705

Diego Ladrón de Guevara – 14/10/1710 – 02/03/1716

Diego Morcillo Rubio de Aunón – 15/08/1716 – 05/10/1716

Carmine Nicolás Caracciolo

(Príncipe de Santo Buono) – 05/10/1716 – 26/01/1720

Diego Morcillo Rubio de Aunón – 26/01/1720 – 14/05/1724

José de Almendáriz

(Marquês de Castelfuerte) – 14/05/1724 – 06/01/1736

Antonio José de Mendonza y Caamano y Sotomayor

(Marquês de Villagarcía) – 06/01/1736 – 12/07/1745

José Antonio Manso de Velasco

(Conde de Superunta) – 12/07/1745 – 12/07/1761

Manuel Amat y Junyent – 12/10/1745 – 17/07/1776

Manuel de Guirior – 1776/1780

Agustín de Jáuregui y Aldacoa – 1780/1784

Teodoro de Croix – 1784/1790

Esta relação contendo os nomes dos vice-reis peruanos, bem como o período em que exerceram seus cargos, foi baseado no estudo e cruzamento de informações das obras de Manuel Ballesteros Gaibrois¹²⁷, Valentin Abecia Baldivieso¹²⁸, no trabalho desenvolvido por Lewis Hanke para o comentário da obra de Orsúa y Vela, na edição da Brown University¹²⁹, e deve grande parte de sua organização à minuciosa e detalhista obra de Guillermo Lohmann Villena¹³⁰.

¹²⁷ GAIBROIS, Manuel Ballesteros. *Historia de América*. Madrid: Ediciones Pegaso. 1954.

¹²⁸ BALDIEVIESO, Valentin Abecia. *Mitayos de Potosi*. Barcelona: Hurope. 1998.

¹²⁹ ORSÚA Y VELA, Bartolomé Arzáns de. *Historia de la Villa Imperial de Potosí*. Rhode Island: Brown University Press. 1965.

¹³⁰ VILLENA, Guillermo Lohmann. *Las Relaciones de los Virreyes del Perú*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-americanos. 1959.

Relação dos Governadores de Potosi no período de 1545 a 1738.

Licenciado Juan Pólo de Ondegardo

Corregedor – 1454 – 1549

Licenciado Esquivel

Alcaide – 1549

Capitão Pablo de Meneses

Corregedor – 1552

General Pedro de Hinojosa

Corregedor – 1552-1553

Hernando de Alvarado

Oficial Corregedor – 1553

Egas de Gúzman, Antonio Luján e Antonio de Hoznaio

Marechal Alonso de Alvarado

Corregedor – 1553-1554

Capitão Juan de Sandoval

Corregedor – 1554-1555

Licenciado Altamirano

Corregedor – 1556-1559

Antonio de Hoznayo

Corregedor – 27/10/1559 – 15/03/1561

Juán Cortés

Corregedor – 05/08/1561 – 15/12/1562

Licenciado Diego de Alvarez

Corregedor – 23/06/1563 – 1564

Gaspar de Saldanha

Corregedor – 07/06/1564 – 1565

Diego Pacheco

Corregedor – 24/05/1565 – 26/05/1567

Gómez de Chaves

Corregedor – 06/06/1567 – 1569

Dom Gerónimo Luíz de Cabrera

Corregedor – 23/05/1569 – 1571

Damián de la Bandera

Corregedor – 18/07/1571 – 1573

Dom Juan Dávila

Corregedor – 1573 – 1575

Licenciado Gómez Hernández

Corregedor – 1575 – 01/05/1576

Licenciado Juan de Matienzo

Magistrado – 30/09/1577 – 28/02/1578

Dom Diego Cabeza de Vaca

Oficial da Magistratura – 1578

Martin Garcia de Loyola

Corregedor – 06/07/1579 – 13/11/1581

As ausências temporárias destes governadores foram preenchidas por:

1) Francisco de Gúzman

Oficial da Magistratura – 1581

2) Alonso Tufino

Oficial da Magistratura – 1581

3) Licenciado Francisco de Estrada

Oficial da Magistratura – 1581

Dom Juan Dávila

Corregedor – 03/11/1581 – 1581

Dom Alonso Ortiz de Leiva

Corregedor e Magistrado – 08/02/1583 – 21/11/1585

As ausências destes Governadores foram preenchidas por:

1) Dom Alonso de Zúñiga y Figueroa

Oficial da Magistratura – 15/10/1584 – 15/10/1585

2) Luís de Isunza

Oficial da Magistratura – 31/12/1585 – 06/03/1587

3) Capitão Juan Ortiz de Zárate

Magistrado – 06/03/1587 – 1587

Licenciado Crisóbal de Eslava

Oficial da Magistratura – 10/03/1587 – 28/03/1587

Dom Pedro Zores de Ulloa

Corregedor – 28/03/1587 – 12/09/1592

As ausências destes Governadores foram preenchidas por:

1) Dom Antonio Zores de Ulloa

Oficial da Magistratura – 1588

2) Alonso Torejón

Oficial da Magistratura – 1588

3) Dom Antonio Troche de Vallejo

Oficial da Magistratura – 1591

4) Licenciado Juan Ramirez de Salazar

Oficial da Magistratura – 1591

Capitão Juan Ortiz de Zárate

Corregedor – 12/09/1592 – 15/08/1594

As ausências destes Governadores foram preenchidas por:

1) Licenciado Diego López Trevino

Oficial da Magistratura – 1593

2) Contador Diego Travo
Oficial da Magistratura – 1593

3) Licenciado Dom Diego Cabeza de Vaca
Oficial da Magistratura – 1594

4) Licenciado Narváez de Valdelomar
Oficial da Magistratura – 1594

Licenciado Juan Diaz de Lopidana
Corregedor – 29/08/1594 – 1595

Capitão Alonso Vázquez Dávila y Arce
Corregedor – 09/05/1595 – 17/05/1596

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

1) Licenciado Cristóbal de Eslava
Oficial da Magistratura – 1595 – 1596

Mestre de Campo Alonso Garcia Ramón
Corregedor – 28/05/1596 – 06/06/1597

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

1) Licenciado Andrés de Avendano
Oficial da Magistratura – 1596

Alonso Osório
Corregedor e Visitador do Cerro – 06/01/1597 – 09/05/1597

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

1) Licenciado Duarte Fernández
Oficial da Magistratura – 1597

Licenciado Narváez de Valdelomar
Oficial da Magistratura – 09/05/1597 – 19/08/1597

Licenciado Juan Díaz de Lopidana

Corregedor e Visitador do Cerrro – 19/05/1597 – 19/06/1597 –
19/08/1597 – 27/07/1598

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

1) Licenciado Narvaéz de Valdelomar

Oficial da Magistratura – 19/06/1597 – 19/08/1597

2) Licenciado Juan Ramírez de Salazar

Oficial da Magistratura – 1597

3) Capitão Sebastián Sanches de Merlo

Oficial da Magistratura – 1598

Doutor Gaspar de Escalona y Agüero

Corregedor – 02/10/1598 – 01/07/1599

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

Dom Álvaro Patino

Oficial de Magistratura – 1600

Doutor Hernando Arias de Ugarte

Corregedor – 01/08/1599 – 16/03/1600

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

1) Licenciado Cristóbal de Eslava

Oficial da Magistratura – 1600

2) Dom Álvaro Patino

Oficial da Magistratura – 1600

Dom Pedro de Córdoba y Mesia

Corregedor – 10/10/1600 – 28/11/1602

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

1) Licenciado Juan Ramírez de Salazar
Oficial da Magistratura – 1600 – 1602

2) Dom Pedro de Lodena
Corregedor – 28/11/1602 – 15/08/1607

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

1) Licenciado Juan de Ibarra
Oficial da Magistratura – 1607

Dom Rafael Ortiz de Sotomayor
Corregedor – 20/11/1618 – 29/10/1617

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

1) Licenciado Andrés de Paz
Oficial da Magistratura – 1609

2) Contador Juan de Luno
Oficial da Magistratura – 1614

Dom Francisco Sarmiento de Sotomayor
Corregedor – 29/10/1617 – 04/05/1623

Dom Felipe Manrique
Corregedor – 1623/1624

Dom Antonio de Figueroa
Corregedor – Morreu antes de tomar posse do cargo – 1624

Bartolomé Astete de Ulloa
Corregedor – 12/10/1624 – 05/03/1628

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

1) Licenciado Diego de Rivera Maldonado
Oficial da Magistratura – 1627

Dom Fernando de Saavedra Monsalve
Corregedor – 05/03/1628 – 18/09/1633

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

1) Dom Antonio Serón
Magistrado – 03/10/1629 – 22/11/1629

2) Licenciado Bernabé de Herrera
Oficial da Magistratura – 1633

Dom Carlos de Bazán
Corregedor – 1633 – 21/10/1633 – 05/06/1636

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

1) Licenciado Gaspar Gonzáles Pavón
Oficial da Magistratura – 20/09/1635 – 02/08/1636

Contador José Sáez de Elorduy
Corregedor – 03/11/1637 – 06/02/1640

Don Juan Vázquez de Acuna
Corregedor – 27/10/1640 – 13/02/1644

Dom Andrés de Sandoval
Oficial da Magistratura – 1644

Licenciado Dom Blas Robles de Salcedo
Corregedor – 27/07/1643 – 13/05/1644

Dom Juan Velarde Trevino
Corregedor - ? / 06/1646 – 07/12/1650

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

1) Dom Juan de Ona Palácio y Hazañ

Oficial da Magistratura – 1647

2) Dom Fabián Velarde de Santillana

Oficial da Magistratura – 1647- e 1650

Dom Antonio Munoz de Cuéllar

Magistrado - 1650

Dom Luis de Sotomayor Pimentel

Corregedor – 30/12/1650 – 13/12/1651

Doutor Dom Francisco de Sarmiento y Mendoza

Corregedor – 1652 – 1659

Dom Gómes Dávila y Vargas

Corregedor – 04/07/1659 – 20/09/1661

Dom Francisco de Godoy y Rivera

Magistrado – 01/11/1662 – 22/12/1663

Dom Bartolomé de Villavicencio

Corregedor – Morreu antes de tomar posse do cargo

Dom Gabriel Guerrero de Luna

Corregedor – 27/08/1664 – 07/03/1665

Licenciado Dom Juan Giménez Lobatón

Corregedor – 08/08/1655 – 29/02/1668

General Dom Luís de Oviedo y Herrera

Corregedor – 29/12/1668 – 12/09/1670

Licenciado Dom Juan Giménez de Lobatón

Corregedor – 24/09/1670 – 21/10/1670

General Dom Diego de Ulloa y Pereira

Corregedor – 13/03/1671 – 07/01/1673

General Dom Luís de Oviedo y Herrera
Corregedor – 01/08/1673 – 01/02/1675

As ausências temporárias destes Governadores foram preenchidas por:

1) Licenciado Dom Juan Gimézes de Lobatón
Corregedor – 1675

General Dom Pedro Luiz Enríquez
Corregedor – 07/05/1678 – 05/05/1693

General Dom Fernando de Torres Mesía
Corregedor – 10/11/1693 – 25/05/1699

General Dom Diego Manrique de Lara
Magistrado – 21/06/1702 – 06/06/1707

General Dom Tomás Chacón Medina y Salazar
Corregedor – 18/01/1708 – 08/07/1712

General Dom Francisco Tirado de Cuenca
Corregedor – 02/02/1713 – 25/10/1715

General Dom Manuel de Villavicencio y Granada
Corregedor – 22/12/1719 - 1724

Dom Tomás de Picavea
Magistrado – 1724

General Dom José Fernández de Valdivieso y Arbizu
Corregedor – 07/06/1724 – 1730

Dom Martias e Anglés
Corregedor – 07/06/1724 – 1730

General Dom Pedro Prieto Laso de la Vega
Corregedor – 06/12/1732 – 1738

General Dom Manuel de Villavicencio y Granada
Corregedor – 1738

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bibliografia Específica

ACOSTA, Joseph de. Historia Natural y Moral de las Índias. México: Fondo de Cultura Económica, 1979.

ADORNO, Rolena. Guamán Poma: Writing and Resistance in Colonial Peru. Austin: Universty of Texas Press, 1986.

ARNADE, Charles W. A Historial Institute in Potosi. The Hispanic American Review, Durham: (4): 51-53, Feb. 1962.

AROCENA, Luis A.. Antonio de Solis Cronista Indiano. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1963.

BARRENECHEA, Raul Porras. Historia General de los Peruanos. Lima: Ibéria, 1973.3v.

_____. Pedro Gutierrez de Santa Clara: Cronista Mexicano de la Conquista del Perú (1521-1603). Revista de Historia de América. México: (21): 1-17. jun. 1946.

BALDIVIESO, Valentin Abecia. Mitayos de Potosí. Barcelona: Hurope, 1988.

BAUDIN, Louis. A Vida Cotidiana no Tempo dos Últimos Incas. Lisboa: Livros do Brasil, s.d.

BENDEZU, Abraahm Padilha. Huaman Poma, el Índio Cronista Dibujante. México: Fondo de Cultura Económico, 1979.

BETANZOS, Juan de. Suma y Narración de los Incas. Madrid: Atlas, 1987.

BONILLA, Heraclio. Minería y Espacio Económico en los Andes. Siglos XVI-XX. Lima: IEP, 1980.

BORQUE, José Maria Díez (org). Teatro y Fiesta en el Barroco. Espanha y Iberoamérica. Sevilla: Serbal, 1986.

BOWSER, Frederick P. El Esclavo Africano en el Peru Colonial 1524-1650. México: siglo XXI, 1977.

CAMPOS, Jorge. Presencia de America en la Obra de Cervantes. Revista de Indias. Madrid: (28-29): 371-404,1947.

CANEDO, Lino Gómez. Evangelización y Conquista. México: Porrúa, 1977.

CANERO, Carmen Báncora. Las remesas de Metales Preciosos desde Callao a Espanha en la Primera Mitad del Siglo XVII. Revista de Índias. Madrid: (75): 35-38, 1959.

CARANDE, Ramón. Carlos V y sus Banqueros. México: Fondo de Cultura Económica.s.d..

CASTILLO, Bernal Díaz del. La Conquista de la Nueva Espana. Buenos Aires: Eudeba, 1977.

CERIO, Pedro Juan Duque diaz de. Shakespeare y América. Revista de Índias. Madrid: (167-168)

CHAUNU, Pierre. Historia de América Latina. Buenos Aires: Eudeba, 1988.

CHINARD, Gilbert. La Amérique et le Rêve Exotique Dans La Littérature, Française au XVII et au XVIII Siécle. Paris: Lib. E. Droz, 1934.

COBB, Gwendolin B.. Supply and Transportation for the Potosi Mines, 1545-1640. The Hispanic American Historical Review. Durham: (I): 25-45. Feb.1949.

COLOMBO, Cristóvão. Diários de Descoberta da América. Porto Alegre: L&PM, 1984.

CORBACHO, René Millar. La Inquisición de Lima y la Circulación de Libros Prohídidos 91700-1820). Revista de Índias. Madrid: XLIV, (174): 415-443, 1984.

_____. Las Confiscaciones de la Inquisicion de Lima a los

comerciantes de Origen Judio-Portuguesa de “La Gran Cumplicidad” de 1635. Revista de Índias. Madrid: (171): 27-58, 1983.

CORREA, Anna M. Martinez & BELLOTO, Manuel L.. A América Latina de Colonização Espanhola. São Paulo: Hucitec/Edusp, 1979.

CORTEZ, Hernan. A Conquista do México. Porto Alegre: L&PM, 1986.

DEBERNARDI, José Chichizola. El Maneirismo en Lima. Lima: PUC del Perú/Fondo Editorial., 1985.

DESCOLA, Jean. A Vida Quotidiana no Peru. Lisboa: Livros do Brasil,s.d..

DIFFIE, Bailey W.. Estimates of Potosi Mineral Production 1545-1555. The Hispanic American Historical Review. Durham: (2): 275-282, may. 1940.

DURAND, José El Inca Llega a EspanPa. Revista de Índias. Madrid: (99-100): 27-43, 1965.

FAVRE, Henri. A Civilização Inca. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FRIEDE, Juan. La censura Espanhola del siglo XVI y los libros de Historia de América. Revista de Historia da América. México: (47): 45-97, jun.1959.

GERBI, Antonelo. Mito y Fortuna del Perú. In:_____. Mercúrio Peruano. Lima: s.ed.,1943.

_____. La Naturaleza de las Índias Nuevas. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

_____. La Disputa del Nuevo Mundo. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

GUILLEN, Edmundo Guillen. Visión Peruana de la Conquista. Lima: Mila Batres, 1979.

GUTIERREZ, Ramón et alii. *Arquitectura del Altiplano Peruano*. Buenos Aires: Libros de Hispano-América, 1978.

HANKE, Lewis. *The Portuguese in Spanish America, with Special Reference to the Villa Imperial de Potosí*. *Revista de Índias*. (51): 1-48, 1961.

_____. *The Imperial City of Potosi*. Netherlands: Martinus Nijhoff, 1956.

_____. *La Lucha Espanhola por la Justicia en la Conquista de América*. Madrid: s.ed..1959.

_____. *Guía de las Fontes en el Archivo General de Índias para el Estudio de la Administración Virreinal Española en México y el Perú. 1535-1570*. Germany: Bohlau Verlag Koln Wien, 1977.3v.

_____. *Aristóteles e os Índios Americanos*. São Paulo: Martins Fontes,s.d..

HELMER, Marie. *Luchas Entre Vascongados y "Vicunas" en Potosí*. *Revista de Índias*. (51): 1-48,1961.

_____. *Comércio e contrabando entre a Bahia e Potosi no Século XVI*. *Revista de História*. São Paulo: (XV): 195-212,1953.

_____. *Apuntes para la Historia del Arte en la Villa Imperial de Potosí*. *Revista de Índias*, Madrid: (XXII): 305-319,1962.

HERMMING, John. *La Conquista de los Incas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1982.

_____. *En Busca de El Dorado*. Barcelona: Serbal, 1984.

JAIMES, Julio Lucas. *La Villa Imperial de Potosí*. Buenos Aires: Editorial Universitaria de B.A., 1969.

LA VEGA, Gracilazo de. *Comentarios Reales*. México: Porrúa, 1982.2v.

LAS CASAS, Frei Bartolomé de. O Paraíso Destruído. Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. Tres Breve Relation de la Destruction des Indes. Paris: Editions la Découverte, 1987.

LAOS, Felipe Barreda. Vida Intelectual del Virreinato del Peru. Buenos Aires: Tallares Gráficos Argentinos L.J. Rosso, 1937.

LANG, M.F. New Spains Mining Depression and the supply of Quicksilver From Peru 1600-1700. The Hispanic American Historical Review. Durham: (3): 632-641, Aug.1968.

LEON, Pedro Cieza de. La Crónica del Perú. Madrid: Espasa-Calpe, 1932.

LEVILLIER, Roberto. Don Francisco de Toledo Supremo Organizador del Peru. Buenos Aires: Biblioteca do Congresso Argentino, 1942.

LEWIN, Boleslao. Descripción del Virreinato del Perú. Rosario: Universidad Nacional del Litoral, 1958.

_____. La Insurrección de Túpac Amaru. Buenos Aires: Eudeba, 1987.

LOPEZ, Enrique Alvares. La Filosofia Natural en el Padre Jose de Acosta. Revista de Índias. Madrid: (12): 305-322,1943.

_____. Las Plantas de América en la Botánica Europea del Siglo XVI. Revista de História da América. México: (88): jul/ dez. 1979.

MEDINA, Fernando de Armas. Cristianización del Perú, 1532-1600. Sevilla: Escuela de estudios Hispano-Americanos, 1953.

MEDINA, J.T. Historia del Tribunal del Santo Oficio de la Inquisición de Lima (1569-1820). Santiago: Imprenta Gutemberg, Tomo II, 1887.

MIDDENDORF, E.W. Perú. Lima: Universidad de San

Marcos, 1973.3v.

MIRAMON, Alberto. El Nuevo Mundo de el Universo Dramático de Lope de Vega. Revista de Índias. Madrid: (111-112): 169-177, 1968.

MIRANDA, Alfredo Yépez. Garcilasso símbolo del Mestizo Peruano. Revista Universitária U.N.S.A. Cuzco: (122-125): 60-66, 1963.

ORSÚA Y VELA, Bartolomé Arzáns de. História de la Vila Imperial de Potosí. Rhode Island: Brown University Press, 1965.3v.

OVIEDO, José Miguel (org.) La Edad del Oro. Barcelona: Tusquets Editores, 1986.

PANE, Fray Ramón. Relación Acerca de Las Antigüedades de los Indios. México: Siglo XXI, 1985.

PHELAN, Jhon L.. The Historical of Potosi of Bartolomé Arzáns de Orsúa y Vela. The Hispanic American Historical Review. Durham: (4): 532-536, Nov. 1967.

POMA DE AYALA, Felipe Guamán. Nueva Crónica y Buen Gobierno. Madrid: Historia 16, 1987.

POMAR, Felipe Cossio del. El Mundo de los Incas. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

PRESCOTT, William H. História da Conquista do Peru. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1946.

PRIETO, Carlos. A Mineração e o Novo Mundo. São Paulo: Cultrix, 1976.

QUEIJA, Berta Ares. Las Danças de los Índios: Un Camino para la Evangelización del virreinato del Perú. Revista de Índias. Madrid: XLIV, (174): 445-463, 1984.

SANTA CLARA, Pedro Gutierrez de. História de las Guerras

Civiles del Perú (1544-1548). Madrid: Librería General Victoriano Suárez, 1929.

SCHNEIDER, Luis Mario. Apuntes sobre la Mitología Greco-Romana em Castillejo y Garcilasso. Revista de La Facultad de Humanidades. Potosí, (3-4): 295-309, jul/diez. 1960.

TIJERAS, Eduardo. Crônica de La Frontera. Antologia de Primitivos Historiadores de Índias. Madrid: Jucar, 1974.

TORRES, Mario Chacon. Arte Virreinal en Potosí. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1973.

TOVAR, Antonio. Lo Medieval en la Conquista y Otros Ensaíos Americanos. México: Fondo de Cultura Económica, 1981.

TRUJILLO, Diego de. Relación del Descubrimiento del Reyno del Perú. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1948.

UGARTE, Rubén Vargas. Los Jesuitas del Perú (1568-1767). Lima: Universidad Católica del Perú, 1941.

ULLOA, Antonio de. Noticias Americanas. Buenos Aires: Editorial Nova. 1944.

URBANO, Francisco Castilla. El Índio Americano en la Filosofía de John Locke. Revista de Índias. Madrid: (178): 421-451, 1986.

VACA, Alvar Nunez Cabeza de. Naufrágios e Comentários. Porto Alegre: L&PM, 1987.

VALCARCEL, Luis E.. Machu Picchu. Buenos Aires: Eudeba, 1984.

VALERA, Blas. Costumbres Antiguas del Perú, Siglo XVI. México: Secretaria de Educación Pública, 1956.

VILLENA, Guilherme Lohmann. Las Minas de Huancavelica en los Siglos XVI e XVII. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1949.

_____. Las relaciones de los Virreyes del Perú. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1959.

_____. Um capítulo de Eurística Peruana. Revista de Historia da América. México: (47): 1-43. jun.1959.

XEREX, Francisco de. Verdadera Relación de la Conquista del Perú. Madrid: s.ed.,1891.

ZARATE, Augustin de. Historia del Descubrimiento y Conquista del Perú. Madrid: Tipógrafo Juan Cayetano García, 1891.

ZAVALA, Silvio. El Servicio Personal de los Índios en el Perú. Extratos del siglo XVI. México: Fondo de Cultura Económica, 198.3v.

Bibliografia Geral

ADORNO, Theodor & HORKEHEIMER, Max. Dialética do Esclarecimento. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ALBUQUERQUE, Luis, As Navegações e sua Projeção na Ciência e na Cultura. Lisboa: Gradiva, 1987.

ALENCAR, José de. As Minas de Prata. São Paulo: Melhoramentos, s.d.. 3v.

ANDERSON, Perry. A Crise da Crise do Marxismo. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ARIES, Philippe. & BEJIN, André. (orgs). Sexualidades Ocidentais. São Paulo: Brasiliense, 1987.

ARIES, Philippe. O Homem Perante a Morte. Lisboa, Europa-América, 1988.

ARNOLD, David. A Época dos Descobrimentos (1400-1600). Lisboa: Gradiva, 1983.

AUERBACH, Erich. Mimesis. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O Contexto de François Rabelais. São Paulo/Brasília: Hucitec/UNB, 1987.

_____. Questões de Literatura e Estética. São Paulo: Hucitec/Unesp, 1988.

_____. Marxismo e Filosofia da Linguagem. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAROJA, Julio Caro. Les Solieres et Leur Monde. Paris: Gallimard, 1972.

BARTHES, Roland. O Sistema de Moda. São Paulo: Editora Nacional/ Edusp, 1979.

_____. Elementos de Semiologia. São Paulo: Cultrix, 1985.

BASTIDE, Roger. Sociologia e Psicanálise. São Paulo: Melhoramentos/Edusp, 1974.

BASTOS, Fernando. Panorama das idéias Estéticas no Ocidente. Brasília: UNB, 1982.

BAUDRILLARD, Jean. Para Uma Crítica da Economia Política do Símbolo. São Paulo: Martins Fontes, s.d..

BECHTOLDHEIM, Delia Von. Do Mito à Realidade. Scala. Frankfurt: 1983 (11): 30-31, nov. 1983.

BELLINI, Lígia. A Coisa Obscura, Mulher, Sodomia e Inquisição no Brasil Colonial. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. A Modernidade e os Modernos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

_____. O Drama do Barroco Alemão. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. Obras Escolhidas: Magia e Técnica, Arte e Política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Obras Escolhidas II: Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Obras Escolhidas III: Charles Baudelaire um Lírico no Auge do Capitalismo. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BETHENCOURT, Francisco. Imaginário da Magia-Feiticeiras, Saludos, e Nigromantes no Século XVI. Lisboa: Projeto Universidade Aberta, 1987.

BRAUDEL, Fernand. O Mediterrâneo e o Mundo Mediterrânico na Época de Felipe II. São Paulo: Martins Fontes, 1983.3v.

_____. Os Homens e a Herança. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BURKE, Peter. A Cultura Popular na Idade Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. Sociologia e Historia. Madrid: Alianza, 1987.

CAMPONESI, Piero. Il Paese Della Fame. Bologna: Il Mulino, 1985.

CARVALHO, Delgado de et alii. História das Américas. Rio de Janeiro: Record, 1975.

CASTORIADIS, Cornelius. A Instituição Imaginária da Sociedade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CHATIER, Roger. A História da Cultura. Entre práticas e representações. Lisboa / Rio de Janeiro, Difel / Bertrand, 1990.

COHN, Norman. Los Demonios Familiares de Europa. Madrid: Alianza, 1980.

COMMELIN, P. Nova Mitologia Greco Romana. Belo Horizonte; Itatiaia, 1983.

CORBIN, Alain. Saberes e Odores. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

COSTA, Lúgia Militz da. A Tragédia. São Paulo: Ática, 1988.

DELUMEAU, Jean. História do Medo no Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DEYON, Pierre. Los Orígenes de la Europa Moderna: El Mercantilismo. Barcelona: Península, 1976.

_____. O Mercantilismo. Lisboa; Gradiva, 1983.

DUBY, Georges. A Europa na Idade Média. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. Idade Média, Idade dos Homens: Do Amor e Outros Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

DURAND, Gilbert, A Imaginação Simbólica. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1988.

DUVIGNAUD, Jean. Festas e Civilizações. Fortaleza/Rio de Janeiro: UFC/Tempo Brasileiro, 1983.

ELLIOTT, J.H.. O Velho e o Novo Mundo. Lisboa: Quercó, 1984.

EPSTEIN, Isaac. O Signo. São Paulo: Ática, 1986.

FALCON, Francisco. Mercantilismo e Transição. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERRO, Marc. A História Vigiada. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I. A Vontade de Saber. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. História da Sexualidade II. O Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. Vigiante e Punir: Nascimento da Prisão. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. As Palavras e as Coisas. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

_____. Isto Não é um Cachimbo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

FRANCO Jr., Hilário. A Idade Média: Nascimento do Ocidente. São Paulo: Brasiliense, 1986.

FREITAG, Bárbara. A Teoria Crítica Ontem e Hoje. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GAIBROIS, Manuel Ballesteros. História de América. Madrid: Ediciones Pegaso, 1954.

GALEANO, Eduardo. Veias Abertas da América Latina. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

GAMA, Rui. História da Técnica e da Tecnologia. São Paulo: TAQ/EDUSP, 1985.

GAY, Peter. Freud para Historiadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GINZBURG, Carlo. O Queijo e os Vermes. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Os Andarilhos do Bem. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

_____. Indagações sobre Piero. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____. Mítos, Emblemas, Sinais. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. História Noturna. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

- GIRARDET, Raoul. *Mitos e Mitologia Políticas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GOLDFARG, Ana M. Alfonso. *Da Alquimia à Química*. São Paulo: Nova Estela/Edusp, 1988.
- GOMBRICH, E. H. . *A História da Arte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____. *Arte e Ilusão*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.
- GRIMAL, Pierre. *A Mitologia Grega*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GROETHYSEN, Bernard. *Origines de L'Esprit Bourgeois en France*. Paris: Gallimard, 1977.
- HAMILTON, Earl J.. *American Treasure and Price Revolution in Spain 1501-1650*. Cambridge: Harvard Studies, 1934.
- HANSEN, João Adolfo. *A Sátira e o Engenho. Gregório de Matos e a Bahia do Século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria de Estado da Cultura, 1989.
- HATZFELD, Helmut Anthony. *Estudos Sobre o Barroco*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1988.
- HECKSCHER, Eli F. *La Época Mercantilista*. México: Fondo de Cultura Económica, 1983.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- HILL, Archibald A. (org). *Aspectos da Lingüística Moderna*, São Paulo: Cultrix/Edusp, 1974.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. São Paulo: Editora Nacional, 1985.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1971.

—————. O Declínio da Idade Média. Lousã: Ulisséia, 1985.

HUMBOLDT, Alejandro de. Cartas Americanas. Carecas: Biblioteca Ayacucho, 1980.

KIRKPATRICK, F.A. Los Conquistadores Espanholes. Buenos Aires-México: Espasa/Calpe, 1952.

KOTHE, Flávio. A Alegoria. São Paulo: Ática, 1986.

LAYER, James. A Roupas e a Moda. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

LE GOFF, Jacques. Para um Novo Conceito de Idade Média. Lisboa: Estampa, 1980.

—————. El Nacimiento del Purgatorio. Madrid: Tauros, 1981.

—————. O Maravilhoso e o Cotidiano no Ocidente Medieval. Lisboa, Edições 70, 1985.

—————. Reflexões Sobre a História. Lisboa: Edições 70, 1986.

—————. et alii. A Nova História. Lisboa: Edições 70, 1986.

—————. et alii. Enciclopédia Einaudi. Mithos/Logos-Sagrado/Profano. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987.

—————. Os Intelectuais na Idade Média. São Paulo: Brasiliense, 1988.

—————. A Bolsa e a Vida. São Paulo: Brasiliense, 1989.

LEITE, Ligia Chiampinni Morais. O Foco Narrativo. São Paulo: Ática, 1988.

LEVI-STRAUSS, Claude. Minhas Palavras. São Paulo: Brasiliense, 1986.

LIMA, Lezama. A Expressão Americana. São Paulo: Brasiliense, 1988.

- LIMA, Luiz Costa. O Controle do Imaginário. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- LOPEZ-BARRALT, Mercedes. Icono y Conquista. Madrid: Hiderón, 1988.
- LYNCH, John. Spain Under The Absburgs. Oxford: 1981.2v.
- LUACES, Joaquin Yarza. Formas Artísticas de lo Imaginário. Barcelona: Anthropos, 1987.
- MANDROU, R. et alli. História e Historicidade. Lisboa: Gradiva, 1988.
- MATOS, Olgária C.F. Os Arcanos do Inteiramente Outro. A Escola de Frankfurt, A melancolia e a Revolução. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MEGGERS, Betty J.. América Pré-Histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- MILLONES, Luis. Amor Brujo. Imagem y Cultura del Amor en los Andes. Lima: IEP, 1989.
- MOISÉS, Massuau. A Criação Literária. São Paulo: Cultrix, 1987.
- MONTEIRO, Paula. Magia e Pensamento Mágico. São Paulo: Ática, 1986.
- MORSE, Richard. O Espelho de Próspero. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- MORUS, Thomas. Utopia. São Paulo: Atenea, s.d..
- MUCHEMBLED, Robert. Culture Populaire et Culture des Elites Dans la France Moderne. Paris: Flammarion, 1978.
- MULLER, Sálvio Alexandre. Retórica da Imagem na Fundação da Cultura Latino-Americana. 1991. Ex. Datilografado.

NOGUEIRA, Carlos Roberto. O Diabo no Imaginário Cristão. São Paulo: Ática, 1986.

NORA, Pierre. & LE GOFF, Jacques (orgs). História: Novos Objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

_____. História: Novos Problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

NORIEGA, Sérgio Ortega et alii. El Placer de Pecar & El Afán de Normar. Seminario de las Mentalidades. México: Editorial Joaquín Mortiz, 1988.

Novinsky, Anita Waingort. Cristãos Novos na Bahia. São Paulo: Perspectiva, 1982.

_____. A Inquisição. São Paulo: Brasiliense, 1983.

NUNES, Benedito. O Tempo na Narrativa. São Paulo: Ática, 1988.

NUNO, Rubén Bonifaz. Imagem de Tláloc. México: UNAM, 1988.

O GORMAN, Edmundo. La Invención de América. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

PAIVA, José Maria. Colonização e Catequese. São Paulo: Cortez, 1982.

PAZ, Octávio. O Labirinto da Solidão & Post Scriptum. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PIRENNE, Henri. História Econômica e Social da Idade Média. São Paulo: Mestre Jou, 1978.

PLEBE, Armando. Breve História da Retórica Antiga. São Paulo: EPU/Edusp, 1978.

POLO, Marco. O Livro das Maravilhas. Porto Alegre: L&PM, 1987.

- PONTALIS, J.B. & LAPLANCHE, J.. Vocabulário de Psicanálise. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- PORTILLA, Miguel León. A Conquista da América Latina Vista Pelos Índios. Petrópoles: Vozes, 1985.
- PRODANOV, Cleber C.. O Mercantilismo e a América. São Paulo: Contexto, 1990.
- PRODANOV, Cleber C.. A Conquista do Peru. Novo Hamburgo: Feevale, 2004.
- PRODANOV, Cleber C.. Cultura e Sociedade Mineradora: Potosi 1569-1670. São Paulo: Annablume/Feevale, 2002.
- RABELAIS, François. Gargantua. São Paulo: Hucitec, 1986.
- RAMA, Angel. A Cidade das Letras. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- RECIO, José María García. Analisis de uma Sociedad de Frontera. Santa Cruz de a Sierra en los Siglos XVI y XVII. Sevilla: Diputación Provincial, 1988.
- RETAMAR, Roberto Fernández. Caliban e Outros Ensaios. São Paulo: Busca e Vida, 1988.
- REVEL, Jacques. A Invenção da Sociedade. Memória e Sociedade. Lisboa/Rio de Janeiro, Difel/Bertrand, 1990.
- RIBEIRO, Darcy. As Américas e a Civilização. Petrópoles: Vozes, 1983.
- _____. O Dilema da América Latina. Petrópoles: Vozes, 1983.
- _____. Os Índios e a Civilização. Petrópoles: Vozes, 1986.
- RIBEIRO, Renato Janine. A Etiqueta e o Antigo Regime: do Sangue a Doce Vida. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- ROCHA, Everardo. O Que é Mito. São Paulo: Brasiliense, 1986.

RODRIGUES, Selma Calasans. O Fantástico. São Paulo: Ática, 1988.

ROSSI-LANDI, Feruccio. A Linguagem Como Trabalho e Como Mercado. São Paulo: Difel, 1975.

ROUNET, Sérgio Paulo. A Razão Cativa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. As Razões do Iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. Ensaio Sobre a Origem das Línguas. Lisboa: Estampa, 1981.

SAID, Edward W.. Orientalismo. O Oriente como Invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 .

SHADEM, Egon. A Mitologia Heróica das Tribos Indígenas no Brasil. São Paulo: Edusp, 1989.

SCURMANN, Ernest F. A Música Como Linguagem. Uma Abordagem Histórica. São Paulo: Edusp, 1989.

SENETT, Richard. O Declínio do Homem Público. As Tirantias da Intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SHAKESPEARE, William. Comédias. São Paulo: Melhoramentos, 1982.

_____. Hotelo & Hamlet. Lisboa: Verbo, 1977.

SOLANO, Francisco de. Plaza Mayor Hispano-Americana. Madrid: Instituto Gonzalo Fernádes de Oviedo, s.d..

SOUZA, Eudoro de. História e Mito. Brasília: UNB, 1987.

SOUZA, Gilda de Mello e. O Espírito das Roupas. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. Feitiçaria na Época Moderna. São Paulo: Ática, 1987.

_____. Feitiçaria e Práticas Mágicas no Brasil Colonial: 1590-1770. ex.. datilografado.

_____. Visionários Portugueses do Século XVIII: O Sagrado e o Profano, ex..datilografado.

SILVA, Janice Theodoro da. Descobrimientos e Colonização. São Paulo: Ática, 1987.

_____. América Barroca Tema e Variações. São Paulo: 1991. (Livre-Docência/USP).

SPENCE, Joannathan. O Palácio da Memória de Matteo Ricci. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

TAYLOR, William B. Embriagez, Homicidio y Rebelión en las Poblaciones Coloniales Mexicanas. México: Fondo de Cultura Económica, 1987.

THEODORO, Janice. Descobrimientos e Renascimento. São Paulo: Contexto, 1991.

THOMAS, Keith. The Relevance of Social Anthropology to the Historical Study of English Witchcraft in Mary Douglas, Confessions and Acusations. London, Tavistock Publications, 1970.

_____. Religion and the Decline of Magic: Studies in Popular-Beliefs in the Century Englad. London: Windenfeld and Nicolson, 1980.

_____. O Homem e o Mundo Natural. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TODOROV, Tzvetan. Teorias do Símbolo. Lisboa: Edições 70,1979.

_____. A Conquista da América. A Questão do Outro. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VAIFAS, Ronaldo et alii. História e Sexualidade no Brasil. Rio de Janeiro, Graal, 1986.

VEYNE, Paul. Como se Escreve a História. Lisboa: Edições 70, 1983.

_____. O Inventário das Diferenças. São Paulo: Brasiliense, 1983.

_____. Como se Escribe la Historia. Foucault Revoluciona la Historia. Madrid: Alianza, 1984.

_____. A Elegia Erótica Romana. São Paulo: Brasiliense, 1985.

VILAR, Pierre. Ouro e Moeda na História. 1450-1920. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

VOVELLE, Michel. Ideologias e Mentalidades. São Paulo: Brasiliense, 1987.

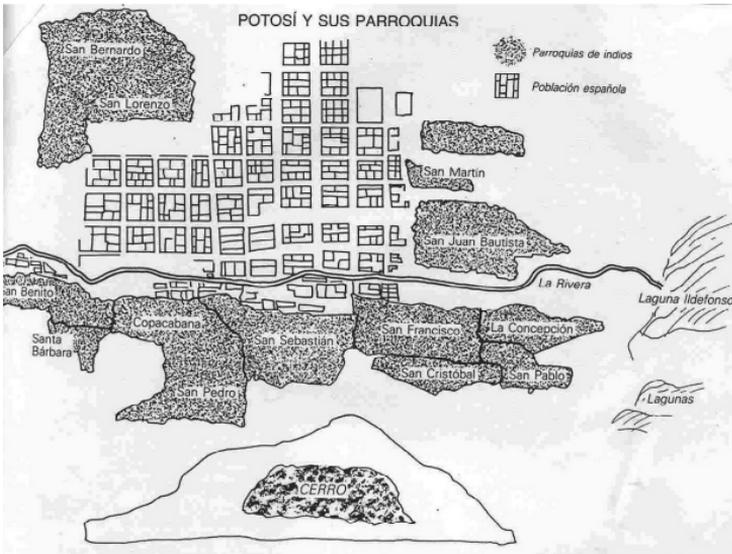
WILLIAMS, Raymond. O Campo e a Cidade. Na Literatura e na História. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

WOLFFLIN, Heinrich. Renascença e Barroco. São Paulo: Perspectiva, 1989.

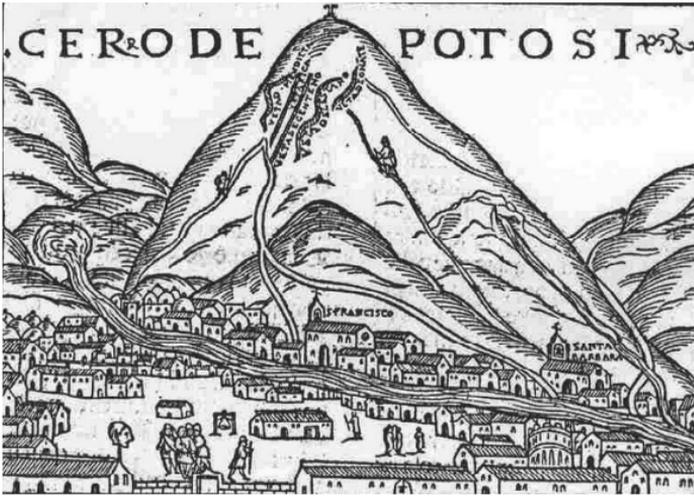
**DOCUMENTOS
ICONOGRÁFICOS**



Localização em mapa de São Luis do Potosi.



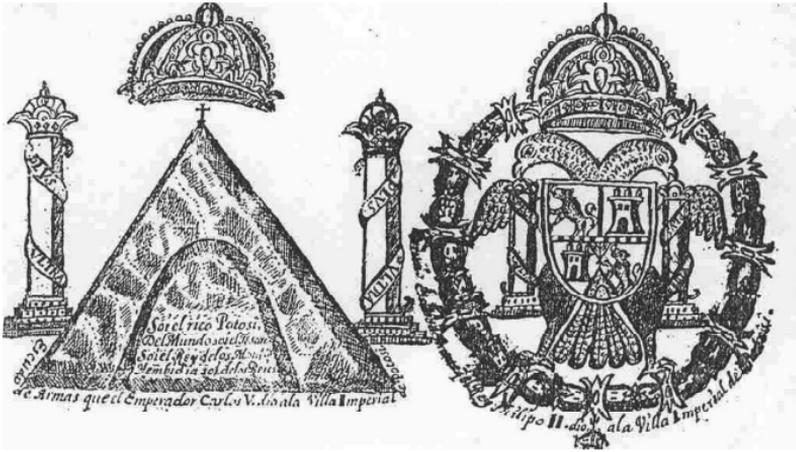
Gravura que mostra uma planta da Vila de Potosi durante o século XVII. (Baldivieso, 1988.p.33)



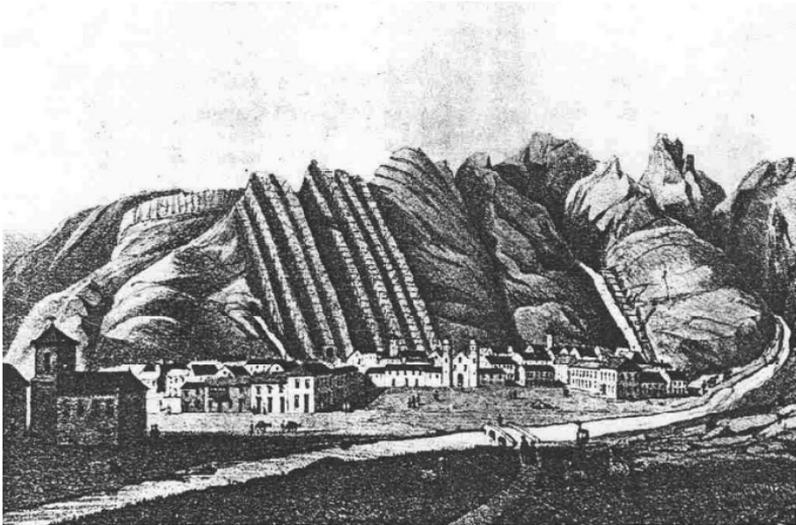
Gravura do cerro de Potosi que apareceu na obra de Pedro de Cieza de León, intitulada Crônica del Perú, em 1553. Trata-se, provavelmente, da mais antiga vista publicada da cidade, onde aparecem o cerro, seus veios principais devidamente nomeados, bem como a Vila, a ribeira e algumas paróquias. (Prieto, 1976.p.65)



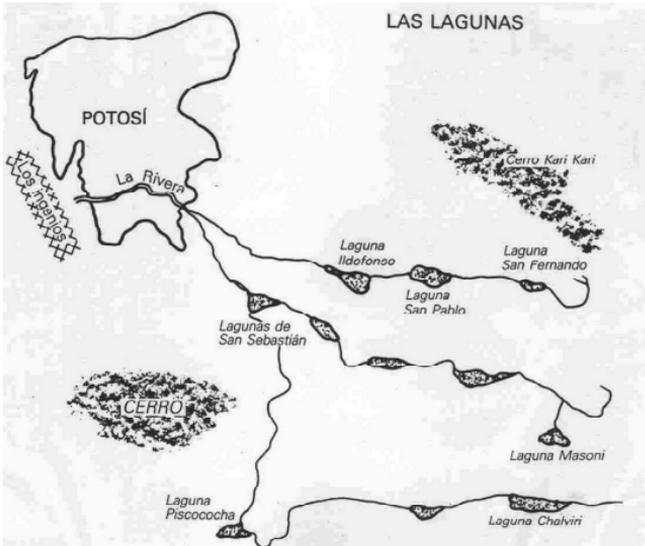
Gravura de Theodor De Bry realizada por volta de 1600, onde o artista tenta recompor a atmosfera da América e principalmente do interior do cerro de Potosi. Sua criatividade revela, nessa gravura, elementos da fantasia européia acerca da América, como o tipo humano e a natureza, que na verdade estão muito distantes da realidade americana. (Hanke, 1956.p.24)



Gravura do frontispício da obra de Orsúa y Vela, onde o autor desenha o escudo de armas da Vila Imperial de Potosí.



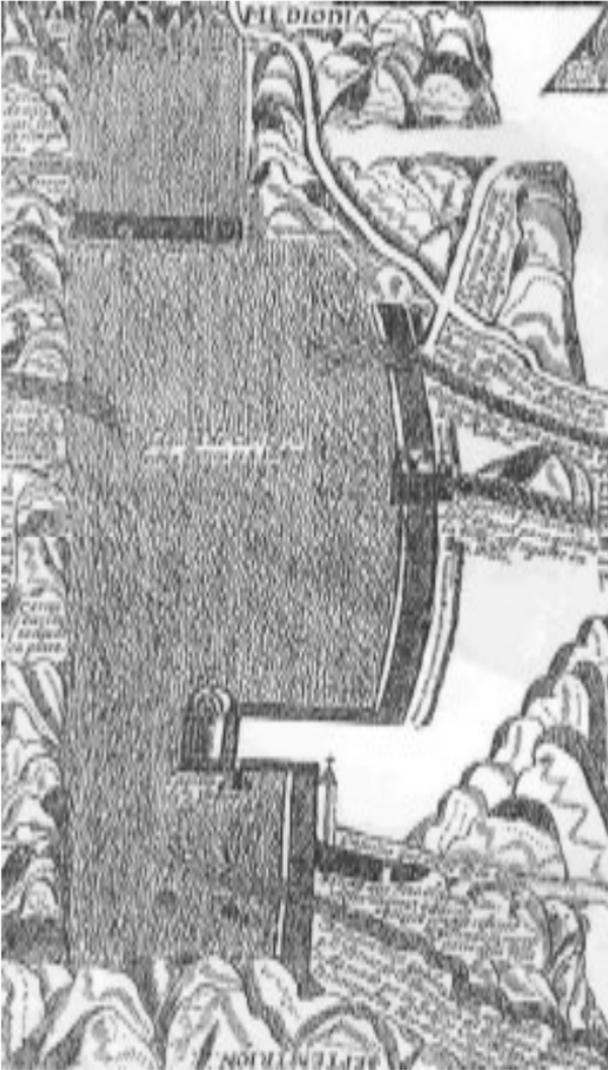
Gravura de Huancavelica no Peru, tendo ao fundo as minas de onde se extraía o mercúrio e aos seus pés a vila do mesmo nome. (Ustariz, apud Prieto, 1976.p.120)



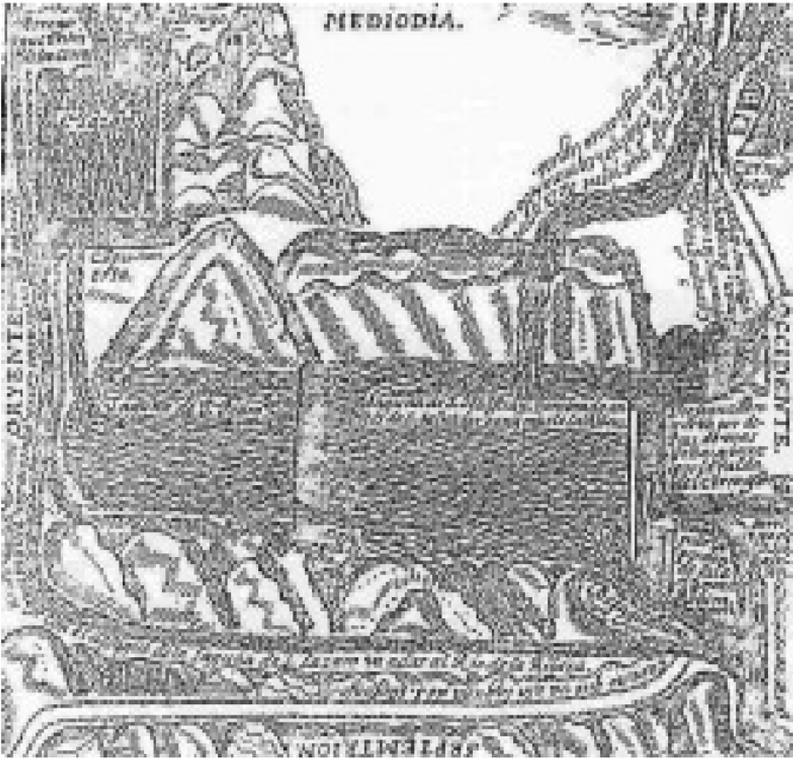
Gravura que demonstra a posição da vila e do cerro de Potosí, bem como as lagunas e o canal (Ribeira) construídos para a implantação do método do amálgama de mercúrio. (Baldivieso, 1988.p.149)



Gravura de Orsúa y Vela que retrata os engenhos de moer e lavar os metais de prata com seus fornos, rodas de água, capela, etc. (Orsúa y Vela, op.cit.,p.168)



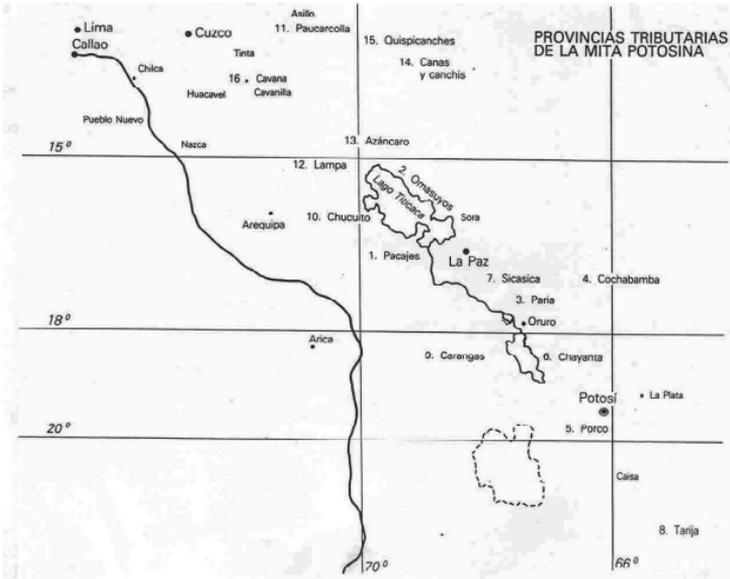
Nesta gravura Orsúa y Vela retrata a laguna de Caricari e suas redondezas. Esta laguna foi também conhecida pelo nome de seu patrono, São Ildefonso. Segundo Orsúa y Vela, esta laguna teria sido concluída em 1576. (Ibid.,p.162)



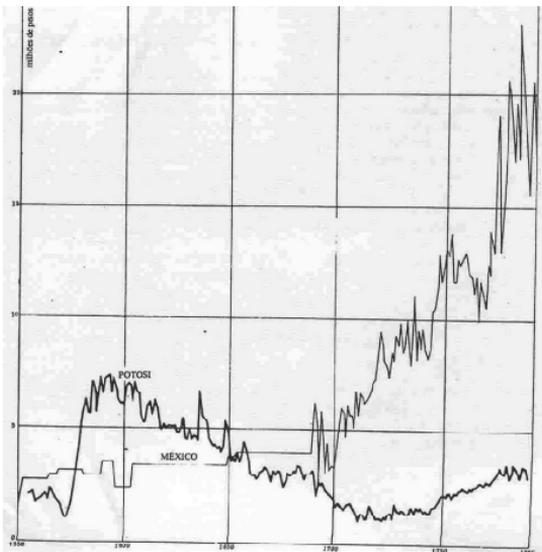
Gravura de Orsúa y Vela que retrata as lagunas de São Pedro e São Lázaro e suas redondezas. (Ibid.,I.p.165)



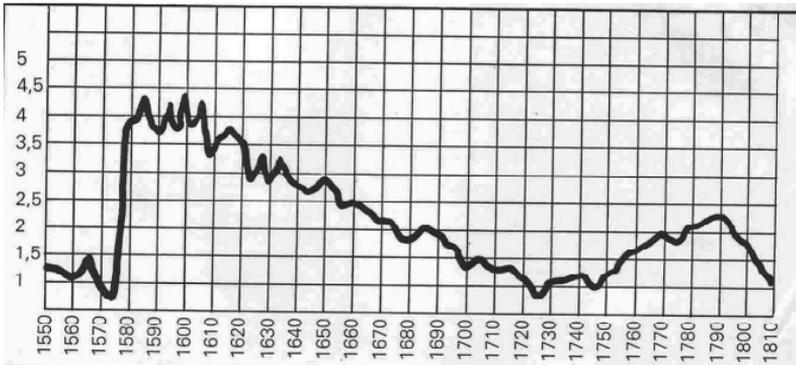
Gravura de Felipe Guamán Poma de Ayala, representando a figura do vice-rei Dom Francisco de Toledo. (Ibid., 1982.p.506)



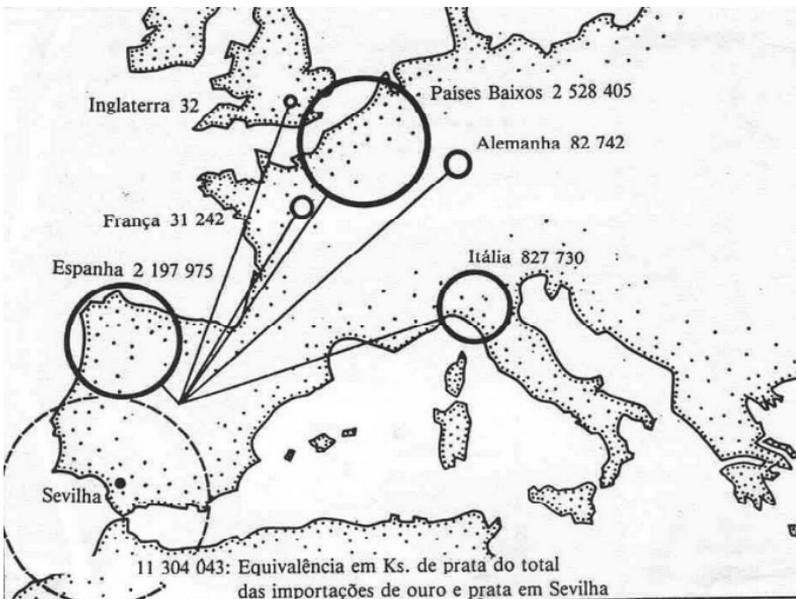
Gravura que demonstra os repartimentos nas diversas províncias peruanas obrigadas a “mitar” nas minas de Potosi. (Baldivieso,op.cit.,p.59)



Curvas de produção de prata de Potosi e das minas mexicanas mostrando o impulso inicial peruano, bem como os resultados inigualáveis atingidos pelo México ao longo do século XVIII. (Braudel, 1983.p.524)



(Baldivieso, op.cit.,p.177)



Dinheiro gasto pela coroa espanhola com os mercadores europeus, principalmente dos Países Baixos e da Itália. Conforme Braudel, estes pagamentos eram realizados pelo Estado, não incluindo particulares. (Braudel, 1983.p.525)

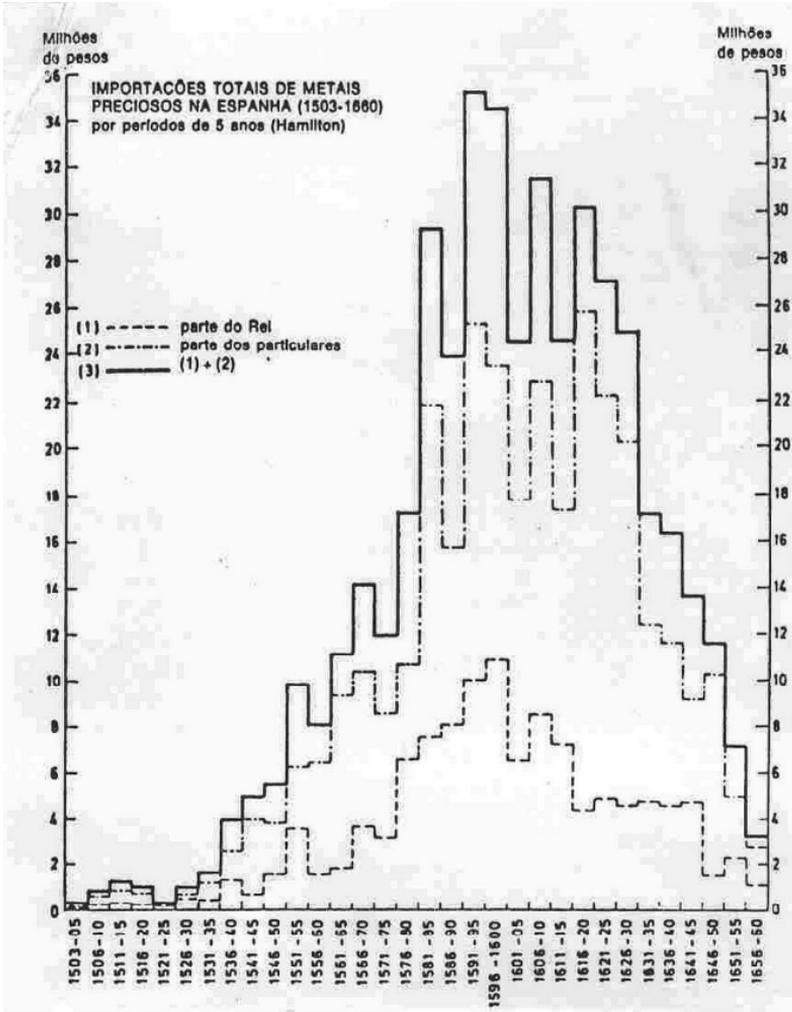


Gráfico que demonstra a relação entre as chegadas de metal americano na Espanha, entre 1503 e 1660, e a divisão entre o estatal e o particular. (Hamilton, apud Vilar, 1980.p.179)



Xilogravura realizada em 1530 em Estrasburgo, onde o gravurista representa os habitantes da América conforme as diversas lendas que corriam pela Estrasburgo. O gravurista representa os habitantes da América conforme as diversas lendas que corriam pela Europa, no caso recuperando os relatos de Marco Pólo, dando aos americanos a forma de canibais com cabeça de cachorro. (Oviedo, 1986.p.31)



Representação do conjunto de vícios em uma gravura do artista italiano Cesaro Ripa (1603). (Ripa, apud López-Barralt, 1988.p.315)



O pecado da Avariza segundo a pena de Guamán Poma de Ayala, onde está representada a fala do espanhol ao indígena dizendo, “este ouro comemos”. (Ayala, apud López-Barralt, 1988.p.318)



Desenho também de Guamán Poma de Ayala, que representa o vício da Luxúria. Esta é uma das poucas gravuras desse artista. Os genitais femininos são expostos. Esta gravura revela também um sentido fortemente erotizado e apresenta os elementos humanos com feições prazerosas. (Ibid, p.343)



Gravura de Guamán Poma de Ayala que combina os vícios da Gula e da Preguiça. Este último foi um dos mais importantes vícios atribuídos aos índios. Nesta gravura aparece também, com muito destaque, a figura de um demônio dominando e controlando um indígena. (Ayala, apud López-Barralt, 1988.p.347)

Esse trabalho tem o objetivo de estudar a trajetória da Vida Imperial de Potosi através da obra do cronista peruano Bartolomé Arzáns de Orsúa y Vela, no período de 1545 a 1680.

O período da segunda metade do século XVI ao final do século XVII representou para a América, além da conquista e implantação do projeto colonial ibérico, o nascimento, apogeu e declínio da atividade mineradora no vice-reino do Peru.

O ciclo de extração de prata, razão do nascimento e expansão da vila potosina, representa um momento privilegiado para o estudo de sociedades mineradoras.